

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Mestrado em Ciência da Religião

Juliana Guedes Cordeiro da Silva

**O TRIUNFO DO FUNDAMENTALISMO NA IGREJA PRESBITERIANA DO
BRASIL**

Juiz de Fora

2011

Juliana Guedes Cordeiro da Silva

O triunfo do fundamentalismo na Igreja Presbiteriana do Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Religião Comparada e Perspectivas de Diálogo, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Zwinglio Mota Dias

Juiz de Fora
2011

Silva, Juliana Guedes Cordeiro da.

O triunfo do fundamentalismo na Igreja Presbiteriana do Brasil /

Juliana Guedes Cordeiro da Silva. – 2011.

151 f.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião)—Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

1. Fundamentalismo. 2. Protestantismo. 3. Igreja Presbiteriana do Brasil. I. Título.

CDU 279.124

Juliana Guedes Cordeiro da Silva

O triunfo do fundamentalismo na Igreja Presbiteriana do Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração: Religião Comparada e Perspectivas de Diálogo, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Zwinglio Mota Dias
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Júnior
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Cláudio de Oliveira Ribeiro
Universidade Metodista de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro concedido para a realização do trabalho.

Aos meus pais pelo amor e pela confiança.

Ao meu irmão Julinho pelo seu jeito moleque.

Ao mestre Zwinglio pela sua calma, humildade e carinho.

Aos professores do Departamento de Filosofia da UFJF pelos conhecimentos ministrados e a amizade.

Às minhas amigas Virna e Adriana pelas palavras de incentivo durante todo esse processo.

*A mon bien aimé Telles qui, par son
essence, m'a fait découvrir mon
existence.*

*“Louvai ao Senhor, porque Ele é bom,
porque a sua benignidade dura para
sempre”.*

(Salmos 107:1)

*O destino daqueles que pretendem
possuir a verdade é a intolerância.*

Rubem Alves

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PROTESTANTISMO NO BRASIL E O NASCIMENTO DO FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE.....	8
1.1- O processo de implantação.....	8
1.2- A empresa missionária e as novas igrejas.....	16
1.3- História e desenvolvimento do presbiterianismo no Brasil.....	22
1.4- O fundamentalismo protestante e a Igreja Presbiteriana do Brasil.....	30
CAPÍTULO 2. O FUNDAMENTALISMO NA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL.....	40
2.1- Antecedentes históricos.....	40
2.2- Fundamentalismo ou Conservadorismo?.....	48
2.3- Os conflitos na virada do primeiro século: “Inquisição sem Fogueiras”.....	55
2.4- A situação presente.....	63
CAPÍTULO 3. DISCURSOS E PRÁTICAS FUNDAMENTALISTAS NA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL.....	71
3.1- O incidente “Carl McIntire” e a consolidação das posições fundamentalistas da IPB	71
3.2- Posicionamentos da Igreja Presbiteriana do Brasil quanto a questões contemporâneas.....	79
3.3- O triunfo do fundamentalismo na Igreja Presbiteriana do Brasil.....	87
3.4- Que Calvinismo é esse?.....	94
CONCLUSÃO	101

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104
ANEXO	113

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo a análise do fenômeno do fundamentalismo presente na Igreja Presbiteriana do Brasil. Em função da poderosa influência dos missionários norte-americanos na conformação das igrejas protestantes brasileiras, verificou-se que estas foram marcadas pela visão de mundo e concepções teológicas próprias do recém consolidado fundamentalismo protestante norte-americano. O isolamento das igrejas brasileiras em relação ao mundo protestante europeu, por um lado, e a ausência de diálogo permanente com centros de reflexão teológica das igrejas norte-americanas por outro, fruto de uma independência administrativa de caráter nacionalista/chauvinista, portanto, mal conduzido, cristalizaram nessas igrejas uma postura hermenêutica estreita e fechada. A Igreja Presbiteriana do Brasil é um tipo peculiar de protestantismo que adotou essas idéias de forma tão espetacular que elas perduram até os dias de hoje, o que é confirmado pelas entrevistas realizadas com figuras importantes no seio desta instituição.

PALAVRAS-CHAVE: Fundamentalismo, Intolerância, Protestantismo Brasileiro e Igreja Presbiteriana do Brasil.

ABSTRACT

This dissertation analyses the phenomenon of the fundamentalism present in the Presbyterian Church of Brazil. Because of the powerful influence of the North American missionaries in the conformation of the Brazilian Protestant Churches, it was verified that these churches were affected by the worldview and the theological conceptions proper to the North American protestant fundamentalism. The isolation of the Brazilian Churches from the Protestant European community, on one hand, and the absence of an enduring dialogue with the kernels of theological reflexion of the North American Churches, on the other hand, consequence of an administrative independence with a nationalist/chauvinist character, therefore badly driven, crystalized into a strict and closed hermeneutics on these Churches. The Presbyterian Church of Brazil is a particular kind of Protestantism which adopted these ideas in such a remarkable manner that they survive at the present time, which can be confirmed by the interviews performed with distinguished personalities from the heart of this institution.

KEYWORDS: Fundamentalism, Intolerance, Brazilian Protestantism, Presbyterian Church of Brazil.

INTRODUÇÃO

O objeto desta dissertação é o estudo do fenômeno do Fundamentalismo¹ e seu enraizamento na Igreja Presbiteriana do Brasil, como uma expressão do movimento missionário advindo dos Estados Unidos. Esse movimento missionário, como parte da expansão da influência político-econômica norte-americana, tinha como objetivo “expandir o Reino de Deus a toda criatura em qualquer parte do mundo”, segundo o modelo eclesial do protestantismo norte-americano. Contudo, as manifestações protestantes que aqui chegaram replicavam as lutas teológicas que perpassavam as igrejas-mães, suas matrizes, no período de consolidação da sociedade norte-americana. Suspeita-se que o que aqui chegou não foram as linhas mestras do pensamento teológico norte-americano, mas ideias vencidas, minoritárias e residuais.

O Fundamentalismo que se observa no Brasil confirma sendo uma projeção do fundamentalismo protestante norte-americano, mas com nuances próprias do contexto cultural brasileiro. O que se denomina “protestantismo brasileiro” na verdade são vários protestantismos². Esses protestantismos se desenvolveram aqui, primeiramente, como resultado do movimento imigratório iniciado no começo do século XIX. Depois, se amplia, em decorrência da grande expansão missionária ocorrida logo depois. Sua realidade torna-se ainda mais complexa, no século XX, com o surgimento do pentecostalismo e com o estabelecimento no país de um grande número de organizações protestantes desvinculadas das igrejas tradicionais. Antônio Gouvêa Mendonça, que cunhou o termo “protestantismos”, diz:

Ao contrário da tradição católica, o protestantismo que surgiu da Reforma do século XVI foi muito mais longe na variedade de tendências e instituições que gerou, e desde cedo revelou-se incapaz de conservar-se unido. Por isso, é mais adequado falarmos em protestantismos (luterano, calvinista, metodista etc) que em protestantismo brasileiro.³

¹ Tipo peculiar de religiosidade que vem crescendo em nossos dias como forma de resistência de algumas comunidades religiosas às mudanças profundas e aceleradas próprias da modernidade.

² MENDONÇA, A. G. & VELASQUES, Filho P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990, p.59.

³ *Ibidem*, p. 60.

A tradição protestante inseriu-se no Brasil no começo do século XIX. Seu primeiro impulso foi basicamente de natureza imigratória e decorreu da abertura dos portos brasileiros ao comércio inglês (1810) e do incentivo governamental à imigração européia, particularmente alemã, poucos anos depois. Todavia, a população brasileira, que estava sendo formada, só foi diretamente afetada pela presença de cristãos não-católicos quando começaram a chegar no Brasil, nos anos 1850⁴, os primeiros missionários protestantes que vieram com a finalidade explícita de propagar sua fé. Esse impulso deu origem ao chamado “protestantismo de missão”. Através dele instalaram-se no Brasil, primeiramente, os luteranos, e, em seguida, as Igrejas Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, a Batista e a Episcopal.

Direta ou indiretamente, as igrejas brasileiras, ao menos as de origem missionária, alimentam-se das ideias da cultura religiosa norte-americana. Como nem sempre as igrejas norte-americanas são fiéis ao antigo ideário dos fundadores da sua nação, há choques e atritos que se propagam como em ondas até às igrejas brasileiras. Este é um importante fator para se compreender o comportamento das igrejas brasileiras em relação à sociedade civil, já que elas tendem, talvez por serem minoritárias e, portanto, sujeitas ao esforço constante de auto-afirmação, a acompanhar as ondas do conservadorismo das igrejas norte-americanas. É por isso que há um visível descompasso com a sociedade, descompasso que é historicamente explicável: no momento em que o protestantismo foi inserido na sociedade brasileira, esta se encontrava num estágio de desenvolvimento histórico significativamente anterior ao da sociedade norte-americana; por isso o protestantismo foi recebido como vanguarda do progresso e da modernidade. Hoje, quando movimentos neoconservadores e reformistas atingem a sociedade e as igrejas norte-americanas, tentando recuperar antigos valores, as igrejas brasileiras, na esteira desses movimentos, agitam-se na busca de valores que nunca fizeram parte da cultura brasileira⁵. Mendonça ainda fala de um fator crucial:

O protestantismo missionário brasileiro não veio do continente europeu, mas dos Estados Unidos, cujo protestantismo tinha raízes na Reforma Inglesa. Talvez seja por isso que o protestantismo que chegou ao Brasil tenha tido intenções fortemente pragmáticas: pretendia ser elemento transformador da sociedade através da transformação dos indivíduos. Embora o pragmatismo caracterize o protestantismo no Brasil, esse protestantismo está ligado, na medida em que se expressa através de igrejas, à Reforma do século XVI.⁶

⁴ GAARDER, Jostein. *O Livro das religiões*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000, p. 55.

⁵ VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: UnB, 1980.

⁶ MENDONÇA, A. G. e VELASQUES, Filho P. *Op. Cit.* p. 66.

O presbiterianismo da atualidade não passa de um retrato do passado, é claro, com sérias modificações e adaptações; mas, permanecendo sempre fundamentalistas, pois foi esta tendência do protestantismo norte-americano que predominou por aqui. João Dias de Araújo comenta:

Os fundamentalistas não enxergam, nem com telescópio, as heresias de sua medieval e presumida ortodoxia que não queima fisicamente, mas levanta horríveis fogueiras morais, nas quais torturam muitos servos do Senhor.⁷

Essa *Inquisição*⁸ pode scandalizar alguns protestantes. Muitos pensam que quando se fala em “Inquisição” deve-se entender que foi uma prática instituída pela Igreja Católica Romana, na Idade Média, e que os protestantes jamais foram inquisidores, pelo contrário, combateram essa monstruosidade. *É puro engano*,⁹ diz Araújo. A história da Igreja mostra que os protestantes, desde a Reforma do século XVI, tiveram a sua inquisição e acenderam fogueiras para queimar hereges, e outras vezes praticaram métodos inquisitoriais, sem fogueiras, como acontece até nos dias de hoje.¹⁰

Rubem Alves afirma que a partir dos últimos anos da década de 1950 deu-se uma ruptura na racionalidade fechada do discurso protestante, manifestada por meio de um esforço para uma redefinição dos inimigos. O inimigo, segundo Rubem Alves, é sempre aquele que se opõe à verdade, definida pelos que controlam o poder. O ortodoxo, o fundamentalista, tem medo do novo, da surpresa, do inesperado, que ameaçam a sua salvação. Nas palavras de Rubem Alves:

O herege vê o velho apenas como um caminho na direção do novo. O velho não é definitivo. É o provisório. Etapa a ser ultrapassada. Visões de mundo que se opõem. O ortodoxo vê um mundo petrificado, acabado, completo, fixo, imutável. O herege vive num mundo que se move, ainda incompleto, aberto, inacabado.¹¹

Este autor alude ainda a uma questão primordial: *o amor à verdade se revela como a origem da intolerância e do fundamentalismo*¹². Aqueles que têm a verdade toda, “a verdade necessária para a salvação”, não podem tolerar aqueles que pretendem construir uma verdade

⁷ DE ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1985, p. 10.

⁸ A palavra “Inquisição” é derivada do verbo latino *inquiere*, que significa, em sentido eclesiástico: investigar. Inquirir a retidão da fé dos membros da Igreja.

⁹ DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p. 10

¹⁰ *Ibidem*, p. 17.

¹¹ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 326.

¹² *Ibidem*, p. 326.

outra. *O destino daqueles que pretendem possuir a verdade é a intolerância*¹³. Daí, é possível entender certas atitudes e práticas dos grupos religiosos que pretendem ser os possuidores da verdade. Quem duvidar da verdade instituída estará fadado à fogueira, “pois das coisas de Deus não se pode duvidar”.

Em todas as religiões, pode-se perceber tal discurso, mas na Igreja Presbiteriana do Brasil, em especial, por ser objeto desta dissertação, isto foi demonstrado de forma objetiva. A chamada inquisição não punia pessoas por seus deslizes morais. Roubar, adulterar, matar... estas eram questões seculares. Ela se preocupava com algo mais sério: os crimes de pensamento, isto é, aqueles atos mentais ou verbais que negavam a validade das *regras do jogo instituído*.¹⁴

Os presbiterianos brasileiros pretendem ser fiéis a João Calvino quanto ao governo eclesiástico. Organizam-se a partir da relativa autonomia da Congregação local, num sistema federativo e piramidal de concílios. Cada congregação local tem um conselho de presbíteros leigos eleitos por ela; um grupo de congregações locais forma um presbitério; um grupo de presbitérios forma um sínodo e todos os presbitérios formam o supremo concílio ou assembléia geral. Vale ressaltar que *a teologia dos presbiterianos brasileiros é, ao contrário do calvinismo ortodoxo, a conversionista dos avivamentos*.¹⁵

Devido aos sucessivos cismas, os presbiterianos brasileiros constituem seis grupos diversos entre si com sensíveis diferenças de tendências, sendo elas: Igreja Presbiteriana do Brasil- IPB (muito conservadora); a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil- IPI (moderadamente conservadora); a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil- IPU (aberta e ecumênica); a Igreja Presbiteriana Conservadora- IPC (conservadora radical); a Igreja Presbiteriana Fundamentalista- IPF (conservadora radical) e a Igreja Presbiteriana Renovada- IPR (pentecostal).

Como a sociedade moderna emergiu do mundo medieval, superando-o, o cristianismo acabou sendo o objeto por excelência da sua força dissolvente e, com isto, o primeiro candidato ao fundamentalismo. Uma fé que não apenas afirma o que não sabe, mas que se afirma contra a melhor ciência¹⁶. O fundamentalismo é a tentativa de proporcionar aos indivíduos desenraizados e inseguros novamente o apoio espiritual, isto é, uma visão de mundo plausível e ao mesmo tempo, simples, em meio a uma sociedade em constante

¹³ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. p. 327.

¹⁴ *Ibidem*, p. 322.

¹⁵ MENDONÇA, A. G. e VELASQUES, Filho P. *Op. Cit.* p.32.

¹⁶ PACE, Enzo e STEFANI, Pierro. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. Paulus: Coleção Fé e Mundo Pós-moderno-2, 2000, p.36.

transformação. O fundamentalismo invoca o que está abalado, reafirmando crenças antigas de forma autoritária e negando a validade a novas formulações.

A partir dos levantamentos feitos, pode-se dizer que os fundamentalistas transformaram o *mythos* de sua religião em *logos*, fosse insistindo na verdade científica de seus dogmas, fosse convertendo sua complexa mitologia numa compacta ideologia¹⁷. Misturaram, assim, duas fontes complementares e dois estilos de conhecimento que os pré-modernos geralmente achavam melhor não misturar.

Os presbiterianos surgem no Brasil em 1859 com a chegada do missionário norte-americano Ashbel Green Simonton ao Rio de Janeiro, onde, em 1862, fundou a primeira Igreja¹⁸. Foi a denominação que mais se expandiu no século XIX, principalmente em São Paulo, favorecida pela pregação de José Manuel da Conceição, ex-padre convertido ao presbiterianismo e primeiro pastor protestante brasileiro. Esse crescimento dos presbiterianos só começou a ser superado pelos batistas no começo do século XX¹⁹. Os presbiterianos brasileiros resultam de duas missões norte-americanas: a Junta de Nova York, que enviou Ashbel G. Simonton, e o Comitê de Nashville, que, a partir de 1870, passou a enviar muitos missionários. Estes atuavam em duas frentes: a da evangelização conversionista, que resultou em inúmeras congregações espalhadas pela zona rural de São Paulo e do Sul de Minas, e a da educação, fundando em 1870 a Escola Americana, em São Paulo (hoje Universidade Presbiteriana Mackenzie).

No final do século XIX, com a expansão do conflito anti-moderno no interior das igrejas protestantes norte-americanas, muitos setores vão aderir, militantemente, à causa fundamentalista e influenciar de forma decisiva diferentes aspectos da vida eclesial, notadamente os esforços de expansão missionária. Em função da poderosa influência dos missionários norte-americanos na conformação das nascentes igrejas protestantes brasileiras, estas serão, inapelavelmente, marcadas pela visão de mundo e concepções teológicas próprias do recém consolidado fundamentalismo protestante norte-americano.

Assim, além de uma breve contextualização histórica da implantação do protestantismo em solo brasileiro e também da origem do fenômeno fundamentalismo, o recorte temporal da pesquisa se estende de 1956, data em que o pastor norte-americano Carl McIntyre esteve no Brasil desfraldando as bandeiras do fundamentalismo, a 2004, data do último Supremo Concílio da IPB. Esta delimitação foi estabelecida em função da motivação

¹⁷ ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 408.

¹⁸ VIEIRA, David Gueiros. *Op. Cit.* p. 113.

¹⁹ MENDONÇA, A. G. & VELASQUES, Filho P (orgs.). *Op. Cit.* p. 142.

em conhecer o processo da propagação de ideias fundamentalistas ocorridas nesse período dentro da IPB. Assim, foram pesquisadas obras escritas por pastores reafirmando as diretrizes doutrinárias e comportamentais a que deviam se ater os membros das igrejas; atas das reuniões do Supremo Concílio da Igreja ocorridas nesse período, documentos de funcionamento interno da instituição; resoluções das Comissões e atualizações quanto ao novo código civil e as igrejas; e, finalmente, entrevistas com alguns líderes da IPB: os reverendos Guilhermino Cunha e Augustus Nicodemus; os professores da Universidade Mackenzie Carlos Caldas e Alderi Souza de Matos. No essencial, buscou-se compreender algumas questões que cercam essa peculiar igreja. Sendo as mais gerais: Como ideias residuais advindas do ambiente religioso norte-americano ganharam tamanha expansão no Brasil? Porque muitas pessoas concordam e seguem essa doutrina? Como repercute o fenômeno do fundamentalismo na atual situação em que vivemos? Como esta Igreja entende sua inserção na sociedade brasileira?

No primeiro capítulo, o esforço se configura em contextualizar o processo de implantação e desenvolvimento do protestantismo em solo brasileiro, suas implicações para o país e o papel das sociedades missionárias. Como o presbiterianismo é figura central desta dissertação, uma análise de sua história, no Brasil, é resgatada. Notadamente, o fenômeno típico protestante chamado Fundamentalismo é correlacionado à IPB como reflexo de uma atitude de intolerância e anti-ecumênica.

No primeira parte do segundo capítulo, estabelece-se uma breve descrição do surgimento histórico do fenômeno do fundamentalismo, desde seus inícios, em Dublin, na Irlanda, a partir do “Movimento dos Irmãos” até sua explosão nos Estados Unidos com a publicação dos “Fundamentos” pelos teólogos da Universidade de Princeton. Em seguida, procurou-se identificar o auto-entendimento proclamado pela IPB frente a esse fenômeno por meio de um diálogo com suas principais lideranças expresso nas entrevistas realizadas. O conservantismo nas instâncias de poder da instituição é demonstrado de forma exemplar pela aliança das autoridades eclesiásticas com os governos militares a partir de 1964 e caracterizado pelos setores discordantes e vítimas da repressão tida como uma verdadeira “inquisição sem fogueiras”.

No terceiro e último capítulo, o objetivo é analisar os discursos e práticas fundamentalistas na IPB (o triunfo do fundamentalismo) tendo como ponto de partida a controvérsia que se explicita na década de 1950 em torno de questões relativas à hermenêutica bíblica. De um lado, setores defendendo uma aproximação histórico-crítica ao texto bíblico e, de outro, um grupo fortemente articulado apostando nas premissas do fundamentalismo. Dada

as circunstâncias do contexto brasileiro daquele momento, este grupo consegue assumir o poder na Igreja e dá início a um processo de consolidação da mentalidade fundamentalista que perdura até hoje. Finalmente, tenta-se estabelecer uma discussão acerca do pretendido calvinismo proclamado pelas lideranças da IPB, procurando mostrar, ainda que sumariamente, alguns aspectos da perspectiva calvinista que nada tem a ver com a pervertida visão da Reforma apresentada pela ótica fundamentalista.

CAPÍTULO I

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PROTESTANTISMO NO BRASIL E O NASCIMENTO DO FUNDAMENTALISMO

1.1 O processo de implantação

O protestantismo brasileiro tem profundas raízes e vínculos com a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos da América; uma vez que o nascimento e desenvolvimento do protestantismo aconteceu nesses países. Há uma pré-história do protestantismo no Brasil²⁰ marcada por três tentativas frustradas de ocupação territorial: uma de refugiados huguenotes²¹, de 1555 a 1567, no Rio de Janeiro, com o conhecimento e apoio do Reformador João Calvino; e outras duas em 1624 e 1630 de reformados holandeses, na Paraíba e Pernambuco, com certas implicações para a vida social da época, nos costumes e nas artes. Expulsos pelos portugueses e índios, em combates sangrentos, este acontecimento assinalou a confluência de interesses religiosos com a ambição comercial dos conquistadores europeus.

Para que se possa entender melhor esse processo de implantação, interessante se faz recorrer à tipologia do protestantismo brasileiro utilizada por Bittencourt²². Ele assinala que o primeiro grupo que aqui chegou foi composto pelas igrejas que se enraizaram no País a partir dos ciclos migratórios ao longo do século XIX, compostas basicamente por imigrantes alemães. As igrejas deste segundo grupo são a Anglicana, a Luterana e as várias igrejas reformadas (Holanda, Armênia, Suíça, Húngara). Bittencourt analisa que essa tolerância religiosa para com os protestantes no Brasil foi favorecida pelos decretos de Dom João VI com relação ao comércio com a Inglaterra e a importação de mão-de-obra imigrante²³.

²⁰ CÉSAR, Waldo A. *Protestantismo e imperialismo na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 10.

²¹ A partir de 1550, até o século XVII, começou-se a designar os protestantes na França de “huguenotes” ou “confederados” (expressão que designa as cidades e os cantões helvéticos partidários da Reforma), principalmente os calvinistas que se caracterizavam pela nova crença.

²² BITTENCOURT, Filho J. *Matriz religiosa brasileira, religiosidade e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2003.

²³ *Ibidem*, p. 122.

A segunda chegada é marcada pelas denominações que constituem o Protestantismo histórico ou de Missão, resultante de empreendimentos missionários das igrejas norte-americanas de origem. Essas missões acontecem no decorrer do século XIX. Segundo Bittencourt, elas se apresentavam como as genuínas portadoras da tradição reformada, tais como: Batista, Metodista, Episcopal, Evangélica Luterana, Congregacional e Presbiteriana²⁴.

A terceira família reúne as igrejas pentecostais pioneiras; tais como: as Assembléias de Deus e a Congregação Cristã no Brasil. Todas elas, produto das ações missionárias que ocorreram no Brasil a partir do início do século XX²⁵.

O quarto grupo inclui as denominações nascidas no Brasil, na segunda metade do século XX. Bittencourt chama de Pentecostalismo Autônomo que, em razão de diversas cisões internas, vão surgindo e não se esgotam. A Igreja Universal do Reino de Deus é a mais conhecida nesse grupo, mas existem outras, tais como: Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, Nova Vida, Cristo Vive, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra e outras do gênero. Na observação de Bittencourt:

A variedade é tamanha que intuímos estar se configurando no País um verdadeiro *neodenominacionalismo*. Isso significaria que não existem apenas igrejas tradicionais de um lado e as pentecostais de outro. O panorama vai ficando mais complexo e o que antes eram, aparentemente, apenas afluentes dos rios principais vão adquirindo volume e contornos próprios.²⁶

Não se pode esquecer, ainda, os movimentos religiosos na perspectiva do protestantismo tradicional. Todavia, elas têm um traço em comum: todas nasceram nos Estados Unidos, no século XIX, resultante de revelações místicas de líderes iluminados como, por exemplo, Testemunhas de Jeová, Adventistas do Sétimo Dia, Mórmons.²⁷

O impulso missionário das igrejas protestantes resultou de um momento de despertar religioso ocorrido no século XIX na Inglaterra e, principalmente, nos Estados Unidos. No final do século XVIII e primeiros anos do século XIX, iniciado por William Wilberforce, a reforma penitenciária de John Howard, a fundação não só das missões receberam o impulso de que necessitavam, mas o movimento antiescravista das sociedades bíblicas, o início do movimento das escolas dominicais, com Robert Raikes, tudo testemunhava a realidade de uma nova corrente de vida religiosa, que se seguiu ao movimento

²⁴ BITTENCOURT, Filho J. *Op. Cit.* p. 121 e 122.

²⁵ *Ibidem*, p. 122.

²⁶ *Ibidem*, p. 123.

²⁷ *Idem*.

do despertar religioso (*Revival*)²⁸. O movimento missionário ganhou impulso com William Carey²⁹ quando publicou um panfleto intitulado *Análise da obrigação dos cristãos de usarem meios para a conversão de ateus*³⁰. Neste, mostrou uma característica interessante do seu método que era a necessidade de superar a inércia causada pela teoria a que o protestantismo estivera agarrado por tanto tempo. Segundo essa teoria, uma vez que a obra das missões era assunto de Deus, não competia aos seres humanos intervir nela. A partir de então, as instituições eclesiásticas protestantes estabeleceram uma rede de organizações missionárias que atingiram os países do hemisfério sul (América Latina, África e Ásia).

Sob a antiga concepção, as missões em terras ditas “pagãs” eram vistas como expedições enviadas com o objetivo crucial de conquista. Outras crenças e modos de vida tinham de ser destruídos, e a fé da Igreja, os ideais do Ocidente, eram impostos aos outros povos que deveriam ser subjugados até pela força. Desse ponto de vista, outras visões de mundo, próprias de culturas diferentes, deveriam ser entendidas como negativas e, portanto, passíveis de serem aniquiladas pelo ideal ocidental.

Embora o impulso missionário tenha surgido na Inglaterra, parte do protestantismo que temos no Brasil foi fruto de incursões missionárias norte-americanas. A ideologia dos missionários se baseava numa visão ingênua de sociedade. Entendiam que bastava transformar os indivíduos para que aquela fosse transformada. Mas, o pragmatismo no Brasil não é o mesmo do norte-americano e Émile G. Leonard explica essa diferença:

O culto protestante no Brasil é “trabalho”, e os seus agentes, clérigos ou leigos, são “obreiros”. Nos Estados Unidos, os puritanos “trabalham” para construir uma nação segundo modelo que tinham; no Brasil, os protestantes têm “trabalhado” para “transformar” a sociedade. É por isso que não cabe a comparação entre os protestantes brasileiros e os americanos, para quem a religião tem outra finalidade, isto é, adorar a Deus.³¹

Sob o vazio protestante de quase três séculos correspondeu meio século de estagnação do catolicismo no Brasil³², provocado, no período colonial, pela política iluminista do Marquês de Pombal e, no período imperial, pela política do padroado. Nesse cenário,

²⁸ DUNSTAN, J. Leslie. *Protestantismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964, p. 139.

²⁹ William Carey (1761-1834) era sapateiro, fundador da Sociedade Missionária Batista, que se encaminhou logo para Índias. A Inglaterra levava a sério o trabalho de evangelização dos povos; promovida por centenas de clérigos de todas as filiações (constituindo a primeira grande manifestação de “ecumenismo” no interior das frações protestantes), foi fundada a Sociedade Missionária de Londres, cuja importância e vitalidade se manifestam ainda hoje.

³⁰ DUNSTAN, J. Leslie. *Op. Cit.* p. 139.

³¹ LÉONARD, Émile G. *apud* MENDONÇA, A. G. e VELASQUES, Filho P. *Op. Cit.* p. 17.

³² MENDONÇA, A. G. & VELASQUES, Filho P. *Op. Cit.* p. 27.

configuraram-se também eventos como a suspensão de relações diplomáticas com o Vaticano (1759-1808), o clero desprestigiado, a escassez de bispos e a proibição da entrada de noviços nas ordens religiosas. Todos esses acontecimentos constituíram um quadro desfavorável para a Igreja Católica. Mendonça explica:

À debilidade da presença católica no Brasil, representante da cristandade latina, correspondeu praticamente à queda final das potências latino-católicas européias diante do crescente poderio das nações anglo-saxônicas protestantes.³³

O protestantismo foi, pouco a pouco, se inserindo no Brasil a partir de 1810, quando ingleses tiveram permissão para realizar seus cultos, de maneira restrita. Motivos fortes para tal liberdade se deram devido à abertura dos Portos e à vinda da família Real para o Brasil. Inclusive, o governo proibiu a construção de templos protestantes, apenas permitindo que os cultos fossem realizados em casas que não tivessem a forma exterior de igreja. Isto era feito para se evitar confusão com os templos católicos. Mendonça alude sobre este acontecimento:

O Tratado da Aliança e Amizade e Comércio e Navegação, celebrado com a Inglaterra em 1810, criou um impasse com a hegemonia católica, uma vez que a intolerância religiosa seria forte obstáculo à execução do Tratado e conseqüentes dificuldades políticas à Coroa por causa de sua situação de dependência da Inglaterra. Assim, progressivamente passando pela Constituição de 1824 até a de 1891, foi sendo reduzida a hegemonia católica e os protestantes foram conquistando o seu lugar no espaço social brasileiro.³⁴

É peculiar o que mostra o Artigo 5º da Constituição de 1824 em relação aos protestantes para notarmos o quanto esse processo de implantação do protestantismo em solo brasileiro foi complicado:

Art. 5º: A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.³⁵

E ainda sobre as Leis do Código Criminal da aplicação do artigo 5º temos:

³³ MENDONÇA, A. G. & VELASQUES, Filho P. *Op. Cit.* p. 27.

³⁴ *Ibidem*, p. 20.

³⁵ REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1993, p. 42.

276: Celebrar em casa ou edifício que tenha alguma forma exterior de templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra religião que não seja do Estado: **Penas:** No grau máximo- serem dispersos pelo juiz de paz os que tiverem reunidos para o culto, demolição da forma exterior, e multa de 12\$, que pagará cada um.

277: Abusar ou zombar de qualquer culto estabelecido pelo Império, por meio de papéis impressos, litografados ou grafados , que se distribuïrem por mais de quinze pessoas, ou por meio de discursos proferidos em públicas reuniões ou em ocasião e lugar em que o culto se prestar.

278: Propagar por meio de papéis impressos... que se distribuïrem por mais de quinze pessoas, ou por discursos em públicas reuniões doutrinas que diretamente destruam as verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma.³⁶

Esta Constituição e as leis nela baseadas definiram o status dos acatólicos e estabeleceram os limites das suas atividades até a era republicana. O país é defendido como país católico, sendo o imperador protetor da fé; as religiões acatólicas são apenas toleradas. A questão da tolerância religiosa foi muito debatida neste período, principalmente porque, dos noventa constituintes, dezenove eram padres.³⁷

Apesar de todas as restrições quanto às práticas de cultos e, até mesmo, restrições para sepultamentos, a Constituição reconhecia o Brasil como nação cristã em todas as suas comunhões e estendia os direitos políticos a todas as profissões cristãs³⁸. Mendonça diz que a tolerância para com o proselitismo também foi ocorrendo por diversas razões, as principais, porém, foram a predominância do espírito liberal e o enfraquecimento da Igreja Católica sob o regime do padroado.

A mensagem protestante representou um confronto direto com a teodicéia católica em solo brasileiro. O catolicismo, por um lado, com sua variante popular e, o protestantismo, de outro, tendo a sua versão missionária selecionada e reinterpretada pelos receptores da sua mensagem³⁹, antigos fiéis católicos. Segundo Peter Berger⁴⁰, o protestantismo com sua idéia de graça através da palavra de Deus, estabeleceu o canal que perpassava o vazio entre uma divindade transcendente e uma humanidade decaída. Já, para o católico o mundo se apresenta como mágico, encantado, cheio de santos, anjos e milagres, e de mistérios como os sacramentos, a missa em especial.⁴¹ Todavia, as duas vertentes do cristianismo mantêm o mesmo propósito: a salvação. Para isso, Mendonça estabelece as diferentes visões:

³⁶ REILY, Duncan Alexander. *Op. Cit.* p. 42.

³⁷ MENDONÇA, A. G. *No celeste porvir*. São Paulo: Aste, 1995, p. 21.

³⁸ *Ibidem*, p. 21.

³⁹ *Ibidem*, p. 146.

⁴⁰ BERGER, Peter. *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 2004.

⁴¹ MENDONÇA, A. G. *Op. Cit.* p. 147.

O católico não se conforma com as coisas ruins; ele manipula, num plano quase de igualdade, os poderes que ocupam o espaço entre ele e o sagrado. Embora não descarte a idéia de ‘outro mundo’, parece ele valorizar o mundo presente; os prazeres e alegrias não lhe estão vedados. Se cometer excessos, os santos estão aí para ajustar as coisas... No protestantismo parece que Jesus Cristo incorpora as atribuições dos santos no sentido de se constituir na única instância de apelação nas emergências existenciais. Mas como Jesus se confunde com o transcendente radical, a distância embora amenizada, continua. Assim, a solução dos males presentes é projetada para o além, um mundo em que tudo é possível uma vez que se trata de um mundo invertido em relação a este.⁴²

A distinção primordial do protestantismo para com o catolicismo é a marca forte do individualismo. A aceitação e prática de uma religião dependia de uma decisão individual. Todavia, mesmo com esse caráter, o protestantismo levantou a bandeira do igualitarismo, numa sociedade hierárquica e aristocrática como a brasileira. Isto fazia com que o homem pobre, principalmente, se sentisse como qualquer outro homem. Esse igualitarismo destacou-se tanto que, segundo relatos, o missionário ou o pastor hospedavam-se na casa humilde dos seus próprios paroquianos. Para Mendonça:

Pode ser que o igualitarismo protestante fosse uma mensagem religiosa que fizesse eco, de um lado à própria situação de igualdade social do homem pobre; e de outro, à resistência dele à expropriação religiosa em favor do sistema de dominação.⁴³

Todos os grupos compõem suas regras de funcionamento para que se tenha uma ordem e para que se possa amenizar os conflitos que surgem numa convivência coletiva⁴⁴ e isso não foi muito diferente com o protestantismo. A grande dificuldade que o protestantismo encontrou foi de natureza externa, isto é, ele teve que apresentar-se como uma contracultura. Os adeptos deviam seguir alguns comportamentos e normas de condutas que os pudessem diferenciar dos católicos. Ou seja, adotar uma ética moralista com as festas e folguedos próprios de sua cultura. Isto porque estavam imbuídos da necessidade de salvar os indivíduos “atrasados” do despotismo nativo e promover a influência política norte-americana. O tempo do protestante, portanto, é um tempo sagrado. Ele não deveria freqüentar festas, jogar cartas, beber e etc. O novo adepto deveria seguir uma ética estrita com normas valorizadoras da vida e do mundo, bem oposta à teodicéia católica. Um modo de vida de espera e de recusa. Mendonça aponta os problemas dessa ética:

⁴² MENDONÇA, A. G. *Op. Cit.* p. 147.

⁴³ *Ibidem*, p. 148.

⁴⁴ GAUCHET, Marcel. *El desencantamiento del mundo- una história política de la religion*. Tradução de Esteban Molina. Madrid: Trotta, 2005, p. 35.

A institucionalização excessiva, com suas exigências e obrigações, assim como o intelectualismo, limitaram sem dúvida, o ingresso de adeptos no protestantismo. A sua ética muito distanciada dos padrões vigentes na sociedade brasileira fizeram do protestantismo uma contracultura. Os protestantes acabaram se circunscrevendo a grupos pequenos, fechados. Para o católico, o protestante era o outro, o de fora. E vice-versa. Por isso, no confronto de teodicéias a balança estava viciada.⁴⁵

A relação comunitária era reforçada pelos ideais comuns, pela fraternidade que de certo modo substituía o compadrio e pelas normas de comportamento ordenadoras da vida que, num plano exterior, eliminavam ou reduziam o potencial de violência. “Era gente ordeira, pacífica, de confiança nos negócios e, acima de tudo, não afeita à ociosidade”.⁴⁶

A luta dos protestantes por um espaço religioso na sociedade brasileira desenrolou-se em três níveis: o polêmico, o educacional e o proselitista. O educacional se desenvolveu em dois outros níveis: o ideológico, cujo objetivo era introduzir elementos transformadores na cultura brasileira a partir dos escalões mais elevados, e o instrumental, cujo objetivo era auxiliar o proselitismo e a manutenção do culto protestante na camada inferior da população. O primeiro foi representado pelos grandes colégios americanos e o segundo pelas escolas paroquiais. O proselitista, isto é, o esforço desenvolvido pelos protestantes para converter os católicos, constituiu-se no confronto direto com o catolicismo uma vez que se tratava da tentativa de substituição de princípios de fé e procedimentos religiosos arraigados em três séculos de predomínio católico-romano.⁴⁷

A questão da educação merece um lugar especial, pois, assim como denomina Mendonça, ela se apresentou como uma estratégia missionária. Os missionários eram, ao mesmo tempo, evangelistas e professores, principalmente as mulheres. Ora, o postulado da fé é a leitura da Bíblia e os cânticos do Hinário. A doutrina protestante não causaria impacto nenhum se seus adeptos não tivessem um mínimo de instrução. Para isso, os missionários implantaram ao lado de cada comunidade uma escola para alfabetizar os indivíduos (potencialmente as crianças) e, com isso, recolhê-los ao interior das igrejas. É claro, isso parece ser uma hipótese, mas há que se questionar sobre a real intenção dessa educação. Um dos primeiros historiadores do protestantismo brasileiro, Émile G. Leonard, oferece uma leitura:

O objetivo dos colégios, no entanto, era de serem mais ou menos conscientemente exportadores de um novo esquema sócio-político. Era uma evangelização segundo o modelo protestante, mas indireta, visando a vinculação de uma ideologia

⁴⁵ MENDONÇA, A. G. *Op. Cit.* p. 156.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 157.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 80.

religiosa profundamente abrangente no sentido de mudar os rumos de uma sociedade ainda em busca de seus caminhos.⁴⁸

O que temos de dados é que a educação no Brasil, desde o Império, apresentava-se muito debilitada, principalmente nas zonas rurais. O protestantismo, por sua vez, notadamente o presbiterianismo, na segunda metade do século XIX infiltrou-se bastante nessas zonas rurais⁴⁹. Eles gozavam de uma certa liberdade, uma vez que a religião dominante parecia ocupar-se mais com os grandes centros. Sem dúvida, a educação protestante divergia bastante da educação brasileira. Nos currículos havia: regras de arte literária, ciências, recitação de poesias, francês, inglês, música e etc.⁵⁰

A educação nos colégios protestantes reproduzia os padrões da ideologia norte-americana do individualismo, do liberalismo e do pragmatismo. Esse modelo interessava às elites, uma vez que ansiavam por um ensino moderno e mais eficiente do que o tradicional. Daí, o seu sucesso para implantação, cada vez mais, de escolas. Desse modo, ficam claros os objetivos: “as escolas paroquiais tinham a função de apoio à pregação conversionista e os colégios a de introduzir a nova ideologia”.⁵¹

Uma das atividades missionárias importantes para a expansão do protestantismo foi a distribuição de Bíblias que, aliás, foi uma prática aplicada bem antes da chegada e estabelecimento das missões. Existia a convicção de que a simples leitura da Bíblia era capaz de formar mentes e sentimentos cristãos. A distribuição de Bíblias alcançou todo o território brasileiro de então, desde os grandes centros como também o interior.

A distribuição de Bíblias foi realizada por duas Sociedades Bíblicas: a Britânica em 1804 e a Americana, fundada em 1816. Já em 1942, essas duas Sociedades se fundem e formam a Sociedade Bíblica do Brasil, sendo eleito presidente o bispo metodista César Dacorso Filho.⁵²

O protestantismo só conseguiu implantar-se definitivamente quando condições políticas e sociais favoreceram a consolidação de uma prática religiosa capaz de imprimir transformações sensíveis na cultura católica luso-brasileira.

O protestantismo brasileiro foi um movimento forâneo introduzido no país por estrangeiros, primeiro comerciantes e técnicos, em seguida pastores e missionários. Sua penetração estava ligada a interesses e a ideologias exógenas à realidade cultural e social do

⁴⁸ Émile G. Leonard *apud* MENDONÇA, A. G., p. 102.

⁴⁹ REILY, Duncan Alexander. *Op. Cit.* p. 48.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 67.

⁵¹ MENDONÇA, A. G. *Op. Cit.* p. 112.

⁵² *Ibidem*, p. 70.

Brasil. Não se pode nem dizer que temos um protestantismo da Reforma, pois o que chega ao Brasil já é resultado de situações sociológicas e teológicas desenvolvidas no interior da cultura norte-americana. Contudo, não podemos negar sua influência e o processo que se instaurou e ganhou as proporções de que hoje temos notícia, seja no âmbito social, político, econômico e educacional. Isso tudo foi o resultado do amálgama entre a proposta eclesial protestante e a religiosidade brasileira latente. Situação esta que será verificada na próxima sessão sobre a inserção das diversas igrejas do ramo protestante aqui no Brasil.

1.2 A empresa missionária e as novas igrejas

O protestantismo implantado no Brasil é parte da sociedade brasileira e isso não se pode refutar. Sua contribuição e seu crescimento são notáveis quando se percorre toda essa terra chamada Brasil. Segundo o censo do IBGE realizado no ano de 2000, existem no Brasil 27,6 milhões de fiéis evangélicos num universo de 193 milhões de habitantes, representando assim a segunda colocação no ranking das manifestações religiosas em todo território nacional⁵³. O trabalho de implantação é devido à dedicação dos missionários, mas não se pode esquecer que, em grande escala, são os imigrantes e homens de negócio de formação protestante que se adaptam e encontram campo para as vindouras iniciativas missionárias. A princípio, o processo não foi tão simples, o ambiente encontrava-se bastante hostil. A restrição quanto a construção de templos é apenas um exemplo.

Com o regime republicano implantado, que abolira certos privilégios da Igreja Católica, abria-se um novo tempo para as oportunidades religiosas. A doutrina da salvação pela graça e pela fé, base fundamental da Reforma, trazida pelos missionários, afirmara que a salvação é uma decisão pessoal de total responsabilidade do indivíduo para com Deus, que não dependia de nenhuma intermediação eclesial.

A ampliação e consolidação do trabalho missionário deve-se especialmente à organização do Comitê de Cooperação para a América Latina, criado em 1916, na Conferência do Panamá, que passou a coordenar as atividades missionárias no continente.

Logo após o Congresso do Panamá e de outros que se seguiram, houve uma corrida de missionários, organizações e recursos de todo tipo para o desenvolvimento das missões.

⁵³ Censo Demográfico -2000- Resultados da Amostra. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/primeiros_resultados_amostra/brasil/pdf/tabela_1_1_2.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2010.

Muitos voluntários se dispuseram a contribuir para os trabalhos de expansão missionária. Waldo A. César narra um fato interessante:

Em 1930, ano da crise econômica nos Estados Unidos, os americanos enviaram para a América Latina mais de 4 milhões de dólares para manutenção dos seus missionários, 131 colégios, 16 hospitais, 48 clínicas, 86 publicações periódicas. As sociedades missionárias que eram 35 em 1900 e 60 em 1916, com 1.875 missionários, passaram a 150 denominações e missões em 1961, com 7.565 missionários.⁵⁴

Data marcante para o protestantismo no Brasil foi 1835, quando chegou o primeiro missionário metodista ao Rio de Janeiro, Rev. Fountain E. Pitts, da Organização Missionária da Igreja Metodista Episcopal dos Estados Unidos, que veio assistir os imigrantes norte-americanos, “confederados”, no interior do Estado de São Paulo onde começou a pregar em residências particulares. Já em 1836 aporta outro missionário, o Rev. Justus Spaulding, que organizou uma igreja com quarenta membros, todos estrangeiros. Em 1837, chegou Daniel P. Kidder, distribuidor de Bíblias.⁵⁵ Mas, em 1842, essa primeira Igreja metodista encerrou suas atividades. Mendonça lança a hipótese de que o mais provável para tal acontecimento teria sido a crise das igrejas protestantes americanas por causa da guerra da Secessão e que atingiu a Igreja Metodista, cortando os recursos para o trabalho missionário. Outras causas são apontadas por Reily:

1) falta de pessoal missionário; 2) dificuldade de acesso direto ao povo brasileiro à superstições e limitação da liberdade religiosa; e 3) arrocho financeiro provocado pela depressão econômica nos Estados Unidos, o chamado “Pânico de 37”.⁵⁶

Os metodistas estabeleceram-se definitivamente no Brasil em 1886⁵⁷ com os missionários Junius E. Newman, John J. Ransom, J. W. Koger e James L. Kennedy no Rio de Janeiro. A princípio tinham poucos adeptos, mas, assim como ocorreu com as outras denominações, pouco a pouco foram chegando os primeiros brasileiros. O protestantismo era constituído, em sua maioria, por estrangeiros. O crescimento do metodismo no Brasil foi um pouco mais lento que o das demais denominações devido à sua localização. Por concentrarem

⁵⁴ CÉSAR, Waldo A. (org.). *Op. Cit.* p. 16.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 29.

⁵⁶ REILY, Duncan Alexander. *Op. Cit.* p. 94.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 95.

seus trabalhos nas zonas urbanas, mais desenvolvidas, teve que concorrer com o catolicismo estabelecido.

Os metodistas ficaram mais conhecidos a partir da criação dos seus colégios. Com a burguesia cafeeira e comercial dos grandes centros em ascensão, estes passaram a se interessar pelo sistema moderno de educação dos metodistas, bem diferente da educação oferecida até então. Segundo Mendonça: “É uma Igreja predominantemente de classe média e tem na ética seu componente religioso mais forte”.⁵⁸

O metodismo tem como base a tradição arminiano-wesleyana conversionista e individualista dos avivamentos da Inglaterra e dos Estados Unidos. Os metodistas compõem um ramo tardio da Reforma (século XVIII) e autodenominam-se “Igrejas de santidade”, pois advogam o processo de santificação progressiva e individual. Prócoro alude:

Todos esses movimentos enfatizam a liberdade e a responsabilidade humanas na resposta ao chamado universal de Deus para a salvação através de Jesus Cristo. Em resposta tinha conseqüências muito precisas tais como o afastamento da “mundanidade”, a busca da perfeição cristã e a responsabilidade evangelística.⁵⁹

Esta era a questão central da teologia de John Wesley, a perfeição cristã. Somente através dela o cristão poderia alcançar a plena devoção. Para isso, os atos e pensamentos deveriam ser perfeitos para que o encontro com o Cristo fosse realizado. No entanto, o autor Prócoro tece uma pequena crítica quando diz que o pensamento original de Wesley foi substancialmente modificado no decorrer dos poucos anos que vão da implantação do metodismo na América do Norte até o final do século XIX.⁶⁰

Nesse processo de implantação de igrejas destaca-se a Igreja Congregacional que desenvolveu um importante papel com sua técnica de ensino das Escrituras e tradução de canções religiosas do protestantismo europeu. Seu fundador, Reid Kalley⁶¹, médico escocês que em 1855 chega ao Rio de Janeiro, fugindo de uma perseguição religiosa na Ilha da Madeira. O Dr. Kalley reuniu ao seu redor certo número de adeptos que vão ajudá-lo a organizar uma igreja em 1858 no Rio de Janeiro e outra em 1873 em Pernambuco.

O Dr. Kalley e sua esposa Sara P. Kalley⁶² traduziram e adaptaram cânticos como instrumentos didáticos para a disseminação do protestantismo no Brasil. A mesma teologia do

⁵⁸ REILY, Duncan Alexander. *Op. Cit.* p. 41.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 97.

⁶⁰ *Idem*.

⁶¹ MENDONÇA, A. G. *Op. Cit.* p. 185.

⁶² *Ibidem*, p. 185.

amor de Deus que ama todos os homens também perpassa o pensamento do metodismo. Sobre essa teologia, Mendonça assim explica:

A correspondência a esse amor universalista de Deus, que se contrapõe à doutrina clássica da predestinação calvinista, é individual e voluntária. A salvação assim aceita não é definitiva como no calvinismo ortodoxo, mas sujeita à recaída, mediante as tentações do mundo. Daí a necessidade de uma ética rigorosa que mantenha bem nítida a linha divisória que separa o fiel do mundo, linha esta que tem de ser robustecida num constante esforço de purificação e santificação.⁶³

O trabalho dos Kalley foi realizado com muita cautela no Brasil, tendo em vista a experiência vivida na Ilha da Madeira. A princípio, seus seguidores eram apenas estrangeiros. Somente em 11 de julho de 1858⁶⁴ é que o Dr. Kalley batizou o primeiro brasileiro, data esta da organização da Igreja Fluminense.

Kalley traduziu o famoso livro “O Peregrino”, de John Bunyan. Este livro ilustra bem o universalismo do amor de Deus, o individualismo e a peregrinação do pecador, em meio a dúvidas e tentações que podem fazê-lo perder a rota da gloriosa cidade de Deus. Na verdade, esse é um tratado do puritanismo inglês. Os hinos de Kalley dizem, por exemplo:

Louvemos todos ao Pai do céu,
 Porque amou os pecadores;
 E seu filho querido deu
 Para sofrer as nossas dores
 (...)
 Ensina-me a fugir
 Do lobo Satanás,
 E no caminho prosseguir
 Da santidade e paz!⁶⁵

Segundo Mendonça, Kalley não estava ligado a nenhuma missão, não estava representando nenhuma igreja e nem estava preocupado com a instituição. Era apenas um fiel da igreja.

O congregacionalismo faz parte de um ramo das igrejas reformadas; ramo calvinista das igrejas livres da Inglaterra⁶⁶. Sua teologia é bem clara: a conversão individual para alcançar a salvação. Sua doutrina é conservadora e de tendência fundamentalista, contrários à

⁶³ MENDONÇA, A. G. *Op. Cit.* p. 185.

⁶⁴ REILY, Duncan Alexander. *Op. Cit.* p. 103.

⁶⁵ MENDONÇA, A. G. *Op. Cit.* p.186.

⁶⁶ Igreja Evangélica Congregacional do Brasil. Disponível em: <<http://www.iecb.org.br/index.php?id=historia>>. Acesso em: 07 fev. 2010.

comunhão com outras igrejas e ao movimento ecumênico. No Brasil, a Igreja Congregacional não se expandiu tanto, permanecendo em poucos Estados. As Igrejas congregacionais são representadas pela União de Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (UIECB), que possui um seminário teológico no Rio de Janeiro.

Outra importante inserção protestante foi a dos batistas. Iniciada em 1881 pelos missionários Willian Bagby e sua esposa Anne Bagby que, um ano mais tarde, receberam Zacarias Taylor e a esposa Kate Taylor.⁶⁷ Somente após longas viagens por grande parte do território brasileiro é que os missionários resolveram se estabelecer e fundar uma igreja. Em 15 de outubro de 1882, os casais fundaram a “Primeira Igreja Batista da Bahia”.⁶⁸

Assim como os metodistas, a princípio tiveram um crescimento difícil e lento por se localizarem nos grandes centros. Somente após o advento da liberdade religiosa republicana é que os batistas começaram a se desenvolver⁶⁹. Porém, Mendonça coloca cinco pontos que podem ter contribuído para o crescimento dos batistas. O primeiro deles foi a aversão aos católicos demonstrada com agressividade desde os primeiros contatos. O segundo é devido à prioridade da evangelização direta. O terceiro foi a eclesiologia mais simples e mais clara em relação às demais igrejas. Bastava que o fiel quisesse comungar com a Igreja Batista e este era logo batizado. O quarto ponto se refere à ética rigorosa e radical que, para muitos, representa mais segurança e autenticidade para o indivíduo. Por fim, o ritual do batismo (feito por imersão no rio) atrai novos adeptos pelo seu modo singular em que é realizado.⁷⁰

A Igreja Batista é bem numerosa nos grandes centros urbanos e grande parte de seus adeptos pertencem à classe média, assim como os metodistas. No entanto, devido à sua forma ritualística de batismo, os batistas têm conseguido alcançar os setores mais populares das cidades.

Uma marca fundamental da Igreja Batista foi a sua preocupação com a educação. Como os metodistas e presbiterianos, fundaram colégios secundários, mas não tantos quanto estes. Seus recursos, a princípio, foram canalizados para construções de igrejas. Eles apresentam-se acentuadamente denominacionalistas, não reconhecendo as demais confissões cristãs como igrejas cristãs autênticas.

Das igrejas tradicionais de origem missionária, a Igreja Episcopal foi a mais tardia em sua chegada ao Brasil. Em 1889 chegam ao território os missionários Lucien L. Kinsolving e James W. Morris, enviados pela Sociedade Missionária Episcopal Protestante dos Estados

⁶⁷ MENDONÇA, A. G. & VELASQUES, Filho P. *Op. Cit.* p. 42.

⁶⁸ REILY, Duncan Alexander. *Op. Cit.* p. 134.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 34.

⁷⁰ MENDONÇA, A. G. & VELASQUES, Filho P. *Op. Cit.* p. 43.

Unidos⁷¹. Expandiu-se, principalmente, no Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, mas seu crescimento foi o mais lento devido à semelhança de seu culto com o da Igreja Católica. Segundo Mendonça: “É uma Igreja de classe média e pode atrair pessoas que, não sendo católicas, não se satisfazem com o informalismo e com a ética das igrejas Protestantes”.⁷²

Por fim, temos a presença pentecostal no Brasil iniciada a partir de 1910 com duas principais Igrejas: Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil. Essas Igrejas cresceram tanto, e com elas diversas ramificações, que hoje em dia é difícil saber ao certo quantas delas existem. Esse movimento surge em Belém do Pará e São Paulo, atingindo os setores mais desfavorecidos da população, sofrendo muitas transformações em seu desenvolvimento na segunda metade do século XX.

Muitos brasileiros, definitivamente, aceitam o protestantismo e o entendem como o “espírito moderno”, caracterizado pelo otimismo e crença no progresso. E isso se deve ao progresso industrial, o avanço da ciência e a elevação do padrão de vida, bem como o evolucionismo de Comte, Darwin e Spencer que conduziram esse otimismo vivido pelo protestantismo no mundo ocidental. Os missionários que chegam ao Brasil não só entendem e aceitam a idéia de progresso, mas também o identificam com o protestantismo. Eles tinham como meta a transformação total do país e não apenas a salvação dos povos nativos, como aponta Reily.⁷³

Apesar da marca ocidental de uma ética individualista, os primeiros protestantes apostaram no progresso do Brasil e isso pode ser demonstrado a partir de três ingredientes principais que Everett Pierson indica como inerentes ao protestantismo:

- 1) o protestantismo implica numa norma mais alta da moralidade pessoal, trazendo benefícios de saúde e prosperidade individuais, benefícios estes que seriam traduzidos em vantagens semelhantes para a nação; 2) o protestantismo, e particularmente o calvinismo, é a única base da democracia... 3) o protestantismo proporciona tanto escolas como a busca da educação, resultando no progresso geral do povo.⁷⁴

Em suma, o protestantismo implantado no Brasil ganhou força por trazer a grande novidade das ideias liberais que chegam em sucessão ao iluminismo. As elites brasileiras ansiavam por um caminho para o progresso a fim de sair da estagnação colonial. Na verdade, elas não estavam interessadas na “nova religião”, queriam receber e injetar a novidade do

⁷¹ MENDONÇA, A. G. & VELASQUES, Filho P. *Op. Cit.* p. 45.

⁷² *Ibidem*, p. 46.

⁷³ *Ibidem*, p. 268.

⁷⁴ EVERETT, Pierson *apud* REILY, Duncan Alexander. *Op. Cit.* p. 269.

liberalismo e do progressismo. Por isso, privilegiavam os colégios protestantes colocando seus filhos para nele estudarem. Outro fator importante, que contribuiu para o estabelecimento do protestantismo, foram as tensões internas entre o Estado liberal e a Igreja Católica antiliberal, o que aumentou o negativismo em relação à Igreja Católica.

O presbiterianismo, como ponto central dessa dissertação, será analisado com mais detalhamento a seguir, pois se trata de estudar melhor sua história e suas realizações em solo brasileiro para que se entenda o que é visto hoje na arena pública correlacionado ao fenômeno, que ainda será tratado, do fundamentalismo.

1.3 História e desenvolvimento do presbiterianismo no Brasil

Os presbiterianos constituem um dos principais grupos calvinistas da Grã-Bretanha. John Knox (1505-1572), discípulo de Calvino, reformou a igreja da Escócia, que se tornou o baluarte do presbiterianismo. No entanto, a formulação de fé dos presbiterianos é a Confissão de Westminster, elaborada na Inglaterra em 1646.⁷⁵ Imigrantes escoceses, irlandeses do Norte, e ingleses levaram o presbiterianismo para a América do Norte, e o irlandês Francis Makemie organizou o primeiro presbitério em 1706. Já em 1729, o sínodo presbiteriano adotava a confissão de Westminster.⁷⁶

A questão da educação sempre foi uma preocupação para os presbiterianos, tanto que eles fundaram 49 escolas de ensino superior antes da Guerra de Secessão (1861-1865), inclusive Princeton, em Nova Jersey, e Hampden-Sydney, na Virgínia.⁷⁷

Tensões internas fizeram com que ocorresse uma divisão definitiva no presbiterianismo. A primeira causa foi a luta da “Velha Escola-Nova Escola” (na qual o partido tradicional, a Velha Escola, resistiu à crescente tendência de avivamento e antiescravismo da Nova Escola, que também favorecia o Plano de União com os Congregacionais), chegando-se à ruptura formal em 1837. Mais tarde, houve uma divisão definitiva entre as partes Norte e Sul da Igreja, por causa da escravidão. Daí em diante duas Igrejas foram constituídas: a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (PCUSA), ou seja, os presbiterianos do Sul, e a Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos (UPCUS), os presbiterianos do Norte. As duas Igrejas estabeleceram algumas missões para o Brasil.

⁷⁵ REILY, Duncan Alexander. *Op. Cit.* p. 116.

⁷⁶ MACKAY, John A. *The presbyterian way of life*. United States of America: Englewood Cliffs, 1960, p. 5.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 117.

Em 1859 a PCUSA enviou ao Brasil seu primeiro missionário: Ashbel Green Simonton (1833-1867). Este jovem pastor, que morreu aos 34 anos de idade, vítima da febre amarela, trabalhou intensamente nos seus 8 anos de ministério⁷⁸. De suas atitudes resultaram: a fundação de uma igreja no Rio de Janeiro (12/01/1862), a criação do primeiro jornal evangélico no Brasil, a Imprensa Evangélica (05/11/1864), a organização do primeiro presbitério, do Rio de Janeiro (16/12/1865), e, ainda, a fundação do primeiro seminário teológico, no Rio de Janeiro (14/05/1867).⁷⁹

Simonton teve contato direto com o médico Robert Reid Kalley⁸⁰, primeiro missionário da Igreja Confessional, o qual lhe aconselhou a dirigir seus serviços religiosos em português. Simonton acatando esta sugestão comunicou ao Conselho de Missões Estrangeiras que estava disposto a trabalhar diretamente com os brasileiros, pois, até então, tinha se dedicado apenas aos estrangeiros residentes na cidade. Baseava-se no fato de terem sido distribuídos no país diversos exemplares de Bíblias que estavam sendo lidas por pessoas da “alta sociedade”. David Gueiros escreve sobre Simonton quando este lia os periódicos do Rio de Janeiro:

O missionário presbiteriano estava surpreso com o que lia nos periódicos do Rio de Janeiro. Naquele tempo não havia ataques jornalísticos ao protestantismo, mas, por outro lado, havia uma porção de insultos contra os ultramontanos, contra a Igreja Católica e contra o “papismo”, como ele dizia. Ainda mais, parecia-lhe que a opinião pública estava se inclinando a uma liberdade religiosa ainda maior do que aquela de que se usufruía. Então, baseado na opinião de que se houvesse uma queda da monarquia naquele momento, não temia que a forma de governo que se seguisse fosse retrógrada em matéria de religião.⁸¹

Contudo, Simonton não se deixou enganar por esse liberalismo brasileiro. Na verdade, tinha a compreensão de que a opinião dos políticos liberais era baseada não somente na necessidade que o país tinha de imigração, como também na sua absoluta indiferença a qualquer religião. Sentia, entretanto, “que todos os sinais indicavam que era tempo de começar a pregar o protestantismo em português”.⁸²

Simonton referia-se à Igreja Católica como “a religião de nossa sociedade”.⁸³ Ele não era polêmico, mas, segundo dados históricos, era proselitista, conversionista e exortava os

⁷⁸ FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, Vol. I, p. 21.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 117.

⁸⁰ VIEIRA, David Gueiros. *Op. Cit.* p. 137.

⁸¹ *Ibidem*, p. 137.

⁸² *Ibidem*, p. 137.

⁸³ MENDONÇA, A. G. *Op.Cit.* p. 102.

fiéis a fim de consolidar neles os princípios distintivos da nova fé que haviam escolhido. Em seus sermões, a figura que ele tinha do catolicismo foi sendo moldada pouco a pouco. Simonton encontrou respaldo, uma vez que, o que ele dizia era bem recebido pelos que eram críticos do catolicismo reinante. Para Mendonça:

Uma religião cristã só de nome, distante de suas origens mitológicas, mais propícia aos ricos, contraditória, mantida por um cerimonial externo e responsável por boa parte da irreligiosidade reinante da sociedade e que caracterizava a Igreja Católica pelas facilidades que oferecia aos seus seguidores era a religião da maioria. Por isso, Simonton exortava os seus ouvintes a se acautelarem contra essa aparente superioridade.⁸⁴

Em 25 de julho de 1860⁸⁵, Simonton recebe um companheiro chamado Alexander Lattimer Blackford. Os dois missionários serviram como agentes não remunerados da Sociedade Bíblica Americana. Foram fortemente influenciados pelas atitudes cautelosas de Kalley. O cuidado foi tão grande que os missionários, por um tempo, nem assinavam as cartas que enviavam.

Quando em 1860 Simonton faz uma viagem ao interior de São Paulo, percebe a necessidade de trabalhar entre os alemães, visto que o número destes era muito significativo. Simonton escreve uma carta ao Conselho da Missão pedindo um homem que pudesse trabalhar entre os alemães, sendo logo atendido. Em julho de 1860 chega ao Brasil o missionário Francis Joseph Christopher Schneider, que visitou as colônias alemãs e suíças situadas em São Paulo.⁸⁶ Decidiu estabelecer-se em São José do Rio Claro, por causa da grande concentração de alemães naquela área. Contudo, devido a sua posição mais puritana conservadora, sentiu-se mais hostilizado parte dos alemães, os quais ele abandona indo em 1863 para o Rio de Janeiro para trabalhar ao lado de Simonton.

A missão da PCUSA começou logo depois da Guerra de Secessão, com sulistas americanos que emigraram para o Brasil. Eles se estabeleceram em diversos locais do Brasil. A que mais prosperou foi a colônia de Santa Bárbara do Oeste, província de São Paulo que mais tarde vai dar origem à cidade de Americana, onde foram constituídas igrejas presbiterianas, batistas e metodistas.⁸⁷ A missão da PCUS manteve relações cordiais com a da PCUSA, porém não se filiou ao Presbitério do Rio de Janeiro.

⁸⁴ MENDONÇA, A. G. *Op.Cit.* p. 102.

⁸⁵ FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, Vol. I, p. 26.

⁸⁶ VIEIRA, David Gueiros. *Op. Cit.* p. 141.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 118.

Logo foi criado um ministério autóctone, cujo exemplo mais conhecido é o do ex-padre José Manuel da Conceição (1822-1873), o primeiro ministro protestante brasileiro. Ele e outros pastores nacionais foram responsáveis por uma rápida expansão missionária. As duas juntas missionárias aprovaram a fusão dos esforços presbiterianos numa só Igreja Presbiteriana no Brasil, fato ocorrido em 1867.⁸⁸

As mensagens de Conceição eram bem enfáticas, ensinava que a Bíblia era Palavra de Deus e não uma heresia, tal como, em sua visão, ensinara o Catolicismo. Dizia que as imagens dos santos não serviam para nada, pois Cristo é o próprio intermediário para com Deus. Depois de ordenado pastor, passou a revisitar suas antigas paróquias a fim de corrigir tudo o que havia dito sobre a fé antiga. Os motivos são narrados abaixo:

Logo após o seu batismo, atitudes estranhas por parte dele começaram a preocupar os missionários, atitudes essas que o acompanharam durante toda a vida. Segundo testemunharam os missionários, Conceição, acometido de intenso zelo religioso, sentia remorsos de ter sido padre, de ter praticado e deixado de praticar a idolatria da hóstia e das imagens e de haver pastoreado algumas almas ao erro.⁸⁹

Apesar desse sentimento de arrependimento, Conceição não era proselitista, não preocupava-se em converter fiéis, formar grupos iniciais, tal como faziam os primeiros missionários. Ele anunciava a proposta reformada e ia embora, sem a obrigatoriedade de formar uma igreja. No entanto, seu trabalho foi de grande valia para o desenvolvimento do presbiterianismo no Brasil, principalmente seu próprio exemplo de vida.

No dia 6 de setembro de 1888 ocorreu um fato de grande significado: foi organizado o Sínodo Presbiteriano, composto de três presbitérios (Rio de Janeiro, Pernambuco e Campinas e Oeste de Minas), 20 missionários, 12 ministros nacionais e cerca de 3.000 membros comungantes em 50 igrejas locais⁹⁰. Com o passar do tempo e o desenvolvimento do trabalho, a Igreja Presbiteriana tornou-se uma denominação autônoma, distinta das igrejas-mães norte-americanas. O sínodo dividiu o presbitério de Campinas e Oeste de Minas em dois: Presbitérios de São Paulo e de Minas. Também decidiu criar o Seminário Presbiteriano, que começou a funcionar em Nova Friburgo em 1892. A instituição depois se transferiu para São

⁸⁸ REILY, Duncan Alexander. *Op. Cit.* p. 117.

⁸⁹ FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, Vol. I, p. 63.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 65.

Paulo e finalmente para Campinas, em 1907. Os mais importantes periódicos da época eram a *Revista das Missões Nacionais*, *O Estandarte*, *O Puritano* e *Norte Evangélico*⁹¹.

Em 1891 foi criado o Mackenzie College, sendo seu primeiro presidente o Dr. Horace Manley Lane. Por causa da febre amarela, o Colégio Internacional foi transferido para Lavras, no sul de Minas, em 1893, vindo mais tarde a chamar-se Instituto Gammon. A cidade de Garanhuns começou a se tornar um grande centro do trabalho presbiteriano no Nordeste. Foram lançadas as bases de duas importantes instituições: o Seminário do Norte (1899) e o Colégio 15 de Novembro (1908). Outras escolas destacadas do período foram a Escola Americana de Curitiba (1892), o Colégio Americano de Natal (1895), o Colégio Americano de Pernambuco, atual Agnes Erskine (1904), o Instituto Ponte Nova, no interior da Bahia (1906), e a Escola de Agronomia de Lavras (1908). A missão do Sul da PCUS passou a atuar em duas frentes: Missão Leste (Lavras) e Missão Oeste (Campinas). Até o final desse período a Igreja Presbiteriana também chegou ao Triângulo Mineiro, Goiás, Santa Catarina, Sergipe, Pará, Amazonas e Espírito Santo.⁹²

Esse período de grandes conquistas e expansão da Igreja Presbiteriana do Brasil foi marcado por uma dolorosa crise. Três questões são colocadas: o lugar dos missionários na vida da Igreja, a relação entre educação e evangelização e, por fim, entre a maçonaria e a pertença eclesial. Essas questões foram levantadas com veemência por alguns ministros, liderados, sobretudo, pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira. Em 1903, quando o Sínodo se pronunciou em definitivo sobre o último ponto, o grupo dissidente se afastou e constituiu a Igreja Presbiteriana Independente. Esse acontecimento foi encarado como um rude golpe para o Sínodo, que perdeu quase metade de seus membros comungantes (2.000 de um total de 5.000).⁹³ Todavia, a partir do cisma a IPB começou a crescer de modo muito mais acentuado. Em 1906, já contava com 7.000 membros em 77 igrejas e em 1909, com 10.000 membros em 91 igrejas. Após a organização do Sínodo foram criados três novos presbitérios: Oeste de São Paulo (1900), do Sul de Minas (1900) e da Bahia e Sergipe (1907).⁹⁴

Em 1909, o Sínodo histórico dividiu-se em dois (Norte e Sul), o que possibilitou em 7 de janeiro de 1910 a criação da Assembléia Geral, o concílio maior do sistema presbiteriano, sendo eleito seu primeiro moderador o Rev. Álvaro Emílio Gonçalves dos Reis, pastor da

⁹¹ DE MATOS, Alderi Souza. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil: concílios superiores e seus líderes*. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php3?id=31>. Acesso em: 23 jul. 2009.

⁹² Bíblia Sagrada- Edição comemorativa do Sesquicentenário da chegada de Simonton no Brasil 1859-2009, p. 11.

⁹³ FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, Vol. I, p. 493.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 573.

igreja do Rio de Janeiro. Nessa ocasião, resolveu-se iniciar o primeiro trabalho missionário da IPB no exterior. Em 1917, foi aprovado o *Modus Operandi* ou Plano do Brasil, um acordo de cooperação entre a Igreja brasileira e as missões norte-americanas pelo qual os missionários se desligaram dos presbitérios, separando-se os campos nacionais dos campos das missões.⁹⁵

O líder mais destacado desse período foi o Rev. Erasmo de Carvalho Braga (1877-1932). Ele participou, em 1916, juntamente com os Revs. Álvaro Reis e Eduardo Carlos Pereira do Congresso da Obra Cristã na América Latina, no Panamá. Poucos anos depois, tornou-se o secretário da Comissão Brasileira de Cooperação, entidade que liderou um notável esforço cooperativo entre as igrejas evangélicas no Brasil.⁹⁶

Na década de 1930 sentiu-se a necessidade de uma constituição para substituir o antigo Livro de Ordem adotado pelo Sínodo quase meio século antes. Em 1937, uma Assembléia Constituinte reunida no Rio de Janeiro elaborou esse documento. A Assembléia Geral passou a denominar-se Supremo Concílio. A Constituição gerou forte crise quando os presbiterianos de Norte/Nordeste levantaram questões de procedimento na convocação da Constituinte e discordaram de vários dispositivos do texto, como o diaconato feminino. Alguns desses pontos foram modificados nas reuniões seguintes da Assembléia magna, mas a solução plena só foi alcançada em 1950, ao ser promulgada uma nova Constituição, que ainda permanece em vigor. No ano seguinte, foram promulgados, no Templo da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, o Código de Disciplina e Princípios de Liturgia. Essas Assembléias foram presididas pelo jurista Rev. Dr. Benjamim Morais Filho. Além dele, os primeiros presidentes do Supremo Concílio foram os Revs. Guilherme Kerr, José Carlos Nogueira, Natanael Cortez e José Borges dos Santos Júnior.⁹⁷

A Igreja Presbiteriana do Brasil, nas décadas de 1940 e 1950, aperfeiçoou sua estrutura criando entidades voltadas para missões nacionais e estrangeiras, trabalho feminino, mocidade e literatura.⁹⁸ Foi organizada a Junta Mista de Missões Nacionais (1940), com representantes das igrejas e das missões norte-americanas. Até 1958, a Junta ocupou 15 regiões em todo país, com cerca de 150 locais de pregação. Outros órgãos da época foram a

⁹⁵ FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, Vol. II, p.199.

⁹⁶ RIBEIRO, Boanerges. *A Igreja presbiteriana no Brasil- da autonomia ao cisma*. São Paulo: Livraria o sementeador ltda, 1987, p. 416.

⁹⁷ FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, Vol. I, p. 207.

⁹⁸ DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p. 59.

Missão Presbiteriana da Amazônia (1950) e o Conselho Inter-presbiteriano- CIP (1955), sucessor do *Modus Operandi* de 1917.⁹⁹

Na década de 1950, além da IPB e da IPI havia outras duas denominações presbiterianas no Brasil: a Igreja Presbiteriana Conservadora (1940), fundada pelo Rev. Bento Ferraz, em São Paulo, e a Igreja Presbiteriana Fundamentalista (1956), fundada pelo Rev. Israel Gueiros, em Recife. Em 1957, a Igreja Presbiteriana Independente criou seu próprio Supremo Concílio com três sínodos, 10 presbitérios, 189 igrejas, 105 pastores e cerca de 30 mil membros comungantes. Em contrapartida, no mesmo ano, a IPB contava com 6 sínodos (Setentrional, Meridional, Central, Minas-Espírito Santo, Oeste do Brasil e Bahia-Sergipe), 41 presbitérios, 490 igrejas, 370 ministros, cerca de 85 mil membros comungantes e 70 mil não comungantes.¹⁰⁰

Em 1946 a IPB lança a campanha do Centenário com os seguintes objetivos: avivamento espiritual, expansão numérica, consolidação das instituições da Igreja, afirmação da fé reformada e homenagem aos pioneiros.¹⁰¹ Outras medidas foram a criação do Museu Presbiteriano, do Seminário do Centenário e do jornal do *Brasil Presbiteriano* (1958), resultante da fusão de *O Puritano* e *Norte Evangélico*. Em fins de julho de 1959 reuniu-se em São Paulo a 18ª Assembléia da Aliança Presbiteriana Mundial e no dia 12 do mês seguinte realizou-se na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro o culto de ação de graças pelo centenário da obra presbiteriana do Brasil, estando presente o presidente da república, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.¹⁰²

Os primeiros anos após o centenário foram de grande euforia e esperanças. Muitas mudanças ainda estavam por vir. Na década de 60 houve a inauguração da nova capital, Brasília, sendo organizadas duas Igrejas presbiterianas: Pioneira e Nacional. No ano seguinte, o patrimônio do Mackenzie, cuja universidade havia sido criada em 1952, foi doado à IPB; o mesmo aconteceu com o Instituto Gammon em 1963.

Contudo, poucos anos mais tarde, ao mesmo tempo em que o país foi abalado pelos acontecimentos que levaram ao regime militar, a Igreja mergulhou na maior crise de sua história. Questões como liberalismo teológico, o envolvimento político-social e o ecumenismo causaram profunda controvérsia entre conservadores e progressistas¹⁰³. A

⁹⁹ FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, Vol. II, p.406.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 434.

¹⁰¹ Bíblia Sagrada- Edição comemorativa do Sesquicentenário da chegada de Simonton no Brasil 1859-2009, p. 17.

¹⁰² *Ibidem*, p. 19.

¹⁰³ DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p. 6.

maioria conservadora mostrou sua força quando o Rev. Boanerges Ribeiro foi eleito presidente da Assembléia Magna da Igreja, sendo posteriormente reconduzido duas vezes (1966- 1978), fato inédito na vida da IPB. Essas lutas levaram à dissolução de sínodos e presbitérios, bem como o afastamento de muitos ministros. O recém-criado Seminário, que havia funcionado no Alto Jequitibá (1959) e depois em Vitória (1963), fechou as portas em 1968. O Rev. Boanerges foi sucedido por Paulo Breda Filho (1978- 1986), o único presbítero regente a ocupar a presidência do concílio maior da Igreja.¹⁰⁴

Um número significativo de dissidentes criou em 1978 a Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas (Fenip), precursora da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (1983). O historiador da IPB, o Rev. Alderi Souza de Matos fala mais sobre esse período:

Outro foco de tensões na vida da Igreja foi o chamado movimento de renovação espiritual, de orientação carismática. Em 1968 os renovados criaram no norte do Paraná a Igreja Cristã Presbiteriana, que em 1975 se uniu aos presbiterianos independentes de igual persuasão para formar a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil. Esse período também testemunhou uma forte crise no Instituto Mackenzie, quando o governo de São Paulo decretou desapropriação (1966). Sete anos mais tarde, a Igreja teve ganho de causa nos tribunais, sendo-lhe assegurado o direito de nomear dirigentes da instituição, e em 1975 o governo desistiu da desapropriação. Outro fato da época foi o encerramento das relações históricas da IPB com suas igrejas-mães: com a Igreja do Norte em 1973 e com a Igreja do Sul em 1985. Tal desfecho resultou do progressivo distanciamento teológico entre a Igreja brasileira e suas congêneres norte-americanas.¹⁰⁵

Apesar de tantos problemas, a Igreja evoluiu bastante com suas missões nacionais em Rondônia, na Transamazônica e outras partes do país. Inclusive, em 1962, a Junta de Missões Estrangeiras enviou seu primeiro missionário à Venezuela (Rev. Joás Dias de Araújo) e em 1970 seguiu para o Paraguai o Rev. Evandro Luiz da Silva.

O Rev. Alderi Souza de Matos analisa as últimas décadas da Igreja como mais pacíficas e frutíferas. O ambiente político e teológico tornou-se mais conciliador, embora persistam tensões latentes. A estrutura eclesial tornou-se mais complexa, com grande multiplicação de concílios, juntas e autarquias, o que nem sempre corresponde ao aumento numérico de membros. A Igreja tem que enfrentar o impacto de novos movimentos religiosos que têm afetado o protestantismo brasileiro, especialmente nas áreas doutrinária e litúrgica. Muitos pastores e comunidades se sentem atraídos por conceitos e práticas alheios à tradição reformada. Todavia, Rev. Alderi Souza de Matos fala dos aspectos positivos:

¹⁰⁴ DE MATOS, Alderi Souza. *Op. Cit.* p.209.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 21.

Destacam-se a maior preocupação com a educação teológica, a criação de vínculos com igrejas reformadas ao redor do mundo, investimento em missões nacionais e transculturais, o crescimento na área de publicações dos meios de comunicação de massa, como a televisão e a internet.¹⁰⁶

Os presbiterianos brasileiros pretendem ser fiéis à herança calvinista quanto ao governo eclesiástico. Organizam-se a partir da relativa autonomia da Congregação local, num sistema federativo e piramidal de concílios. Cada congregação local tem um conselho de presbíteros regentes eleitos por ela; um grupo de congregações locais forma um presbitério; um grupo de presbitérios forma um sínodo e todos os presbitérios formam o supremo concílio ou assembléia geral.

A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) foi a que mais cresceu no século XIX e foi também a primeira a obter autonomia formal em relação às igrejas-mães norte-americanas. As estimativas mais recentes apontam os seguintes dados estatísticos da Igreja: 65 sínodos, 268 presbitérios, 3.640 igrejas, 3.160 congregações, mais de 5.100 pastores em atividade, 17.600 presbíteros, 22.300 diáconos, 970 evangelistas, 1.500 missionários, 1.350 candidatos ao ministério, 558.000 membros comungantes, totalizando mais de 700.000 fiéis. A receita total do ano de 2009 sobe a cerca de 20 milhões de reais, a maior parte procedente de dízimos das igrejas locais. A programação comemorativa do sesquicentenário da IPB, elaborada por uma comissão especial do concílio, incluiu a realização de cultos em todos os estados do Brasil, a publicação de livros, bem como a preparação de um documentário sobre a Igreja e de um filme sobre a vida de Rev. Simonton.¹⁰⁷

Encerrado o processo de verificação dos processos evolutivos de diversos ramos do protestantismo, em especial a IPB, agora a tarefa pendente será o entendimento, ainda que suscinto, no próximo ponto, do fundamentalismo norte-americano. A princípio, trata-se apenas de verificar o que é intrínseco a esse tipo de *fenômeno* e como a IPB a ele se adéqua.

1.4 O fundamentalismo protestante e a Igreja Presbiteriana do Brasil

A expressão “fundamentalismo” designa um movimento que objetiva voltar ao que são considerados princípios fundamentais vigentes na fundação de um determinado grupo de interesse. Os movimentos fundamentalistas são formados por pessoas que se identificam com

¹⁰⁶ DE MATOS, Alderi Souza. *Op. Cit.* p. 302.

¹⁰⁷ Sesquicentenário da IPB, marco histórico. Boletim oficial do Sínodo Rio de Janeiro- Biênio 2009/2011.

uma doutrina religiosa ou uma tradição considerada sagrada que é reinterpretada em termos absolutos. Esses movimentos nascem no seio das grandes religiões mundiais, desde o Cristianismo até ao Islamismo e o Judaísmo, passando pelo Hinduísmo e Sikhismo. No caso do mundo ocidental, estes movimentos surgiram e se firmaram nas primeiras décadas do século passado começando pelos Estados Unidos. Os anos de 1910, 1914, 1919, 1920, 1925 são datas marcantes da primeira onda fundamentalista. Assim, como figura histórica original, o fundamentalismo é cristão, ocidental e protestante.¹⁰⁸

Esses movimentos religiosos caracterizam-se pela afirmação da existência de um livro sagrado e pela determinação dos modos de relação do crente com o mesmo. Podem-se enumerar quatro elementos típicos do fundamentalismo: (a) a crença no princípio da inerrância do conteúdo do livro sagrado; (b) a assunção do princípio da a-historicidade¹⁰⁹ da verdade e do livro que a conserva; (c) a crença de que é possível deduzir do livro sagrado um modelo integral de sociedade perfeita e (d) a referência a um princípio absoluto estimula a imaginar a possibilidade de decalcar a “cidade terrena” sobre o modelo ideal de sociedade apresentado no livro sagrado.¹¹⁰

Em relação à Bíblia, o fundamentalismo assume posições radicais, sendo uma crucial: inerrância absoluta quanto aos manuscritos originais, sendo somente admissíveis pequenos erros na transmissão dos documentos. Como as palavras da Bíblia são as palavras de Deus, o estudo crítico do texto bíblico é inteiramente inadmissível. Há alguma abertura para o estudo dos textos e para a exegese, nos limites da infalibilidade em última instância. A contextualização da Bíblia é feita, por exemplo, na forma da música *Gospel*, dança, liturgia, entre outros. Todavia, as vias podem ser tanto positivas quanto negativas. Isso resulta em forte hostilidade à moderna teologia e seus métodos. Por vezes essa hostilidade atinge a teologia como um todo. A Bíblia não é só um “meio” de defesa da fé, mas um “objeto da fé” que adquire uma espécie de autonomia. Em seu livro *Rostos do Protestantismo Latino-Americano*, José Miguez Bonino assim expressa o fundamentalismo:

Para os fundamentalistas a Bíblia é mais do que a fonte da verdade para sua religião (...) Faz parte da própria religião, na realidade é praticamente o centro da religião (...) Na mentalidade fundamentalista, a Bíblia funciona como uma espécie de correlato de Cristo (...) Cristo é o Senhor e salvador pessoal (...) a Bíblia é uma entidade verbalizada, “inscriturada” (...) Na medida em que Cristo é o Senhor e

¹⁰⁸ PACE, Enzo e STEFANI, Pierro. *Op. Cit.* p.36.

¹⁰⁹ Significa que a razão não tem poderes para perspectivar historicamente a mensagem religiosa nem deve ousar adapta-la às novas condições que vão produzindo no decurso dos tempos.

¹¹⁰ GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 36.

Salvador divino, a Bíblia é o símbolo religioso supremo, tangível, articulado, que se pode possuir e é acessível ao ser humano na terra.¹¹¹

O movimento só veio a tomar forma no final do século XIX, nos Estados Unidos, em oposição às tendências da teologia liberal que se desenvolviam na Europa.¹¹² O debate teológico centrava-se nas modalidades de interpretação da Bíblia: os teólogos liberais defendiam a necessidade de utilizar todos os instrumentos críticos das modernas ciências humanas para purificar o texto sagrado das mitologias e dos condicionamentos históricos que nele tinham vindo a sedimentar-se; os teólogos conservadores, por sua vez, opunham-se a tal tendência, pois defendiam que o contributo da ciência moderna acabaria por alterar a integridade da verdade depositado no livro sagrado.¹¹³

No fim do século XIX, ao mesmo tempo em que homens e mulheres celebravam as conquistas da sociedade, experimentavam também um vazio que deixava a vida sem sentido; muitos ansiavam por certezas em meio ao atordoamento da modernidade; alguns projetavam seus temores em inimigos fictícios e imaginavam uma conspiração universal.¹¹⁴ Na antiguidade, a mitologia e o ritual ajudavam os ancestrais do homem moderno a evocar um senso de significado sagrado que os livrava do vazio, mais ou menos como faziam as grandes obras de arte. Contudo, o racionalismo científico, fonte de poder e do sucesso ocidentais, desacreditara o mito e proclamara-se o único meio de se chegar à verdade. A razão não podia, porém, debater as questões essenciais; tal debate nunca foi da competência do *logos*. Conseqüentemente, a fé tradicional tornou-se impossível para um número crescente de ocidentais.

Por outro lado, apesar das conquistas da modernidade, um sentimento de desespero, um desejo de morte, consubstanciado numa perspectiva filosófica niilista, grassava entre as nações europeias que cultivavam uma perversa fantasia de autodestruição. No entanto, protestantes conservadores acreditavam que a luta purificaria a nação. Os pregadores falavam de um Armagedon¹¹⁵, de uma batalha entre a luz e as trevas. Mas, o gênero secular da “guerra futura” que fascinava os europeus não seduzia os norte-americanos mais religiosos. Ao contrário, alguns se interessavam por escatologia, sonhando com um embate final entre Deus

¹¹¹ BONINO, José Míguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, pg. 39.

¹¹² ARMSTRONG, Karen. *Op. Cit.* p. 108.

¹¹³ MARSDEN, George. *Fundamentalism and American culture*. United States of America: Oxford University Press, 2006, p. 60.

¹¹⁴ ARMSTRONG, Karen. *Op. Cit.* p. 115.

¹¹⁵ MELLING, Philip. *Fundamentalism in America- millennialism, identity and militant religion*. United States of America: Fitzroy Dearborn Publishers, 1999, p. 46.

e Satã que daria o merecido fim a uma sociedade má. A nova crença apocalíptica que se arraigou nos Estados Unidos ao terminar o século XIX recebeu o nome de pré-milenarismo, porque sustentava que Cristo voltaria à Terra antes de fundar seu reino de mil anos. O pós-milenarismo do Iluminismo imaginava os homens inaugurando o Reino de Deus por seus próprios esforços. Cristo só retornaria depois de estabelecer-se o milênio.

Quem pregou o pré-milenarismo aos americanos foi o inglês John Nelson Darby (1800-82). Darby não procurou significado místico na Bíblia, que em sua opinião era um documento contendo a verdade literal. Ele assegurou que, pouco antes de iniciar-se a tribulação, haveria um “Arrebatamento” dos cristãos renascidos, que seriam levados para o céu e, assim, escapariam aos terríveis sofrimentos dos últimos dias. O pré-milenarismo é uma fantasia de Revanche, com os eleitos assistindo aos sofrimentos dos que zombaram de suas crenças, ignoraram, ridicularizaram e marginalizaram sua fé e, agora, tarde demais, reconhecem seu próprio erro. O anseio de certeza manifestado pelo pré-milenarismo constituiu uma reação à modernidade que, deliberadamente, deixou questões em aberto negando a possibilidade de uma verdade absoluta.

Diante de todos os acontecimentos da época, inclusive a instabilidade econômica, os protestantes ansiavam por uma religião clara, que todos conseguissem entender. No final do século XIX, a ciência e o racionalismo estavam na “ordem do dia”, a religião tinha de ser racional para ser levada a sério. Alguns protestantes decidiram tornar sua fé lógica, cientificamente válida e objetiva. Acontece, porém, que grande parte da ciência moderna era fugidia demais para os que procuravam certeza absoluta. Eles se voltaram para a visão científica de Francis Bacon que acreditava que poderíamos confiar cegamente em nossos sentidos, porque só eles forneceriam informações corretas. Estava convencido de que o mundo foi organizado segundo princípios racionais por um Deus onisciente e que a tarefa da ciência consistiria não em fazer conjeturas estapafúrdias, mas em catalogar fenômenos e ordenar suas descobertas em teorias baseadas em fatos evidentes para todos.

Ao tentar transformar-se em ciência, a teologia só conseguiu produzir uma caricatura do discurso racional, porque essas verdades não se prestam à demonstração científica.¹¹⁶ Os liberais acreditavam que, embora as novas teorias sobre a Bíblia pudessem solapar algumas crenças antigas, no longo prazo, elas levariam a um entendimento profundo das escrituras. Já para os tradicionalistas, o estudo crítico da Bíblia, conhecido pela expressão “alta crítica” no jargão teológico, era um termo horrível. Parecia simbolizar tudo que havia de errado na

¹¹⁶ DE FARIAS, José Jacinto Ferreira. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. Paulus: Coleção Fé e Mundo Pós-moderno-2, 2000, p. 123.

moderna sociedade industrializada e que estava demolindo as velhas certezas. Observadores contemporâneos sabiam que em quase todas as denominações subsistiam duas "igrejas" distintas, representando as "velhas" e as "novas" maneiras de ver a Bíblia.

Em 1886, o conhecido evangelista norte-americano Dwight Moody (1837-99)¹¹⁷ fundou, em Chicago, o Moody Bible Institute para combater os ensinamentos da "alta crítica". Pretendia criar um quadro de intermediários entre ministros e leigos, capazes de combater as falsas ideias que, a seu ver, levaram o país à beira da ruína. Moody é considerado o pai do fundamentalismo americano, e seu Instituto se tornaria, como Princeton, um baluarte do cristianismo conservador. Difundia uma mensagem simples e basicamente emocional: Cristo podia redimir o pecador. Moody tinha como prioridade a salvação das almas e para isso estava disposto a cooperar com todos os cristãos, independentemente de suas crenças. Partilhava a preocupação dos liberais com a reforma social: seu Instituto formaria missionários para os pobres. Contudo, era pré-milenarista, acreditava que as ideologias atéias de sua época acarretariam a destruição do mundo. O *Bible Institute* tornou-se uma instituição crucial para o fundamentalismo. Outros protestantes conservadores, que desempenhariam um papel de destaque no movimento fundamentalista, seguiram o exemplo de Moody. Em 1902, Willian Bell Riley fundou a *Norhwestern Bible School*, e em 1907 o magnata do petróleo Lyman Stewart criou o *Bible Institute of Los Angeles*. Nos últimos anos do século XIX, realizaram-se as primeiras Conferências sobre Profecia e Bíblia. Os protestantes conservadores se reuniam para fazer uma leitura literal da Bíblia, banir de sua mente a "alta crítica" e debater suas ideias pré-milenaristas.

O Ocidente percebia que sua economia claudicava, e, em 1910, se iniciara o declínio que levaria à Primeira Guerra Mundial em 1914 e à Grande Depressão dos anos de 1930. Mas também foram anos de uma criatividade sem paralelo e de extraordinárias realizações artísticas e científicas, atestando o pleno desabrochar do espírito moderno. Alguns esforços visavam a criação de uma espiritualidade sem Deus ou o sobrenatural. A pintura, a escultura, a poesia e o teatro do início do século XX buscavam significado num mundo desordenado e mutável, tentavam inventar novos modos de percepção e mitos modernos.

Os protestantes americanos haviam constatado a necessidade de algo novo. No final do século XIX, as diferentes denominações se polarizaram, porém a crise da década de 1890, que testemunhara julgamentos por heresias e expulsões, parecia superada. Nos primeiros anos

¹¹⁷ MARSDEN, George M. *Op. Cit.* p. 21.

do século XX, liberais e conservadores estavam empenhados nos programas sociais da Era Progressista (1900-20), que procurava solucionar os problemas decorrentes do rápido e desordenado desenvolvimento da indústria e da vida urbana. Apesar de suas desavenças relativas à doutrina, protestantes de todas as denominações adotaram o ideal progressista e trabalharam juntos em missões no exterior em campanhas pela Lei Seca ou por melhorias na educação. Apesar das imensas dificuldades que enfrentaram, a maioria se sentia confiante.

Em 1909 Charles Eliot, professor emérito da Harvard University, pronunciou um discurso intitulado “O futuro da religião”, que assustou os mais conservadores.¹¹⁸ A nova religião teria apenas um mandamento: o amor a Deus, expresso no serviço concreto prestado ao próximo. Os cristãos não teriam o monopólio da verdade, pois as ideias dos cientistas, dos secularistas ou dos que professavam outra fé seriam igualmente válidas.

Os conservadores, porém horrorizaram-se. Achavam que uma religião sem uma doutrina infalível não era cristã e sentiram-se obrigados a combater esse perigo liberal. Em 1910 os presbiterianos de Princeton, que haviam formulado a doutrina da infalibilidade das Escrituras, publicaram uma lista dos cinco dogmas que consideravam essenciais: (1) a infalibilidade das Escrituras; (2) o nascimento virginal de Jesus; (3) a remissão de nossos pecados pela crucificação; (4) a ressurreição da carne e (5) a realidade objetiva dos milagres de Cristo.¹¹⁹ Depois os milionários do petróleo Lyman e Milton Stewart, que em 1908 fundaram o *Bible College de Los Angeles* para investir contra a alta crítica, financiaram um projeto concebido para educar os fiéis nos princípios centrais da fé. Entre 1910 e 1915 publicaram uma série de panfletos intitulada *The Fundamentals*¹²⁰, em que, numa linguagem acessível, destacados teólogos e conservadores expunham doutrinas como a da Trindade, refutavam a “alta crítica” e enfatizavam a importância da difusão da verdade dos evangelhos. Edward E. Hindson, um dos escritores do *The Fundamentals*, fala sobre o contexto do nascimento do fundamentalismo:

O fundamentalismo nasceu em meio à controvérsia doutrinária entre cristianismo conservador e o liberalismo. Desde o começo, o tema principal foi se a fé cristã histórica numa religião sobrenatural poderia ser sobreposta por cristãos cuja fé estava centralizada numa filosofia naturalista, humanística. O fundamentalismo sustenta que a fé do cristão e seu estilo de vida específico opõem-se à sociedade secular que o rodeia. Esta é uma oposição ao radicalismo do protestantismo

¹¹⁸ ARMSTRONG, Karen. *Op. Cit.* p. 198.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 199.

¹²⁰ COUCH, Mal (org.). *Os fundamentos para o século XXI- examinando os principais temas da fé cristã*. São Paulo: Hagnos, 2009.

liberal, que terminou secularizando o cristianismo e cristianizando o secularismo.
121

Durante a Grande Guerra, contudo, o protestantismo conservador se apavorou e tornou-se fundamentalista. Os americanos sempre tiveram tendência a considerar qualquer conflito como apocalíptico, e muitos encontraram na Grande Guerra a confirmação de suas convicções pré-milenaristas. Entre 1914 e 1918 realizaram-se três grandes conferências sobre Profecia e Bíblia. Tudo indicava que as previsões estavam se concretizando. Os profetas predisseram que os judeus voltariam para sua pátria antes do fim dos tempos; assim, quando o governo britânico expediu a Declaração Balfour (1917), apoiando a criação de um Estado judeu na Palestina, os pré-milenaristas se amedrontaram e exultaram ao mesmo tempo. Os liberais decidiram agir e, apesar de seu Evangelho de amor e compaixão, empreenderam uma campanha perversa e irracional.

Em agosto de 1917 Willian Bell Riley reuniu-se com A .C. Dixon (1854-1925), um dos editores de *The Fundamentals*, e com Rubem Torrey (1856-1928), conhecido evangelista, e decidiu fundar uma associação para promover a interpretação literal das Escrituras e as doutrinas “científicas” do pré-milenarismo.¹²² Em 1919 realizou-se na Filadélfia um Congresso do qual participaram seis mil cristãos conservadores de todas as denominações protestantes e criou formalmente a *World’s Christian Fundamentals Association* (WCFA). A campanha fundamentalista assumiu um caráter de batalha.

Em 1920 o político democrata e presbiteriano Willian Jennings Bryan (1860-1925) lançou uma cruzada contra o ensino da teoria da evolução nas escolas e faculdades. Achava que o responsável pelas atrocidades da Primeira Guerra Mundial fora o darwinismo, e não a crítica superior. O darwinismo estava levando os jovens a perderem a fé em Deus, na Bíblia e em doutrinas fundamentais do cristianismo.

No Tennessee, a legislação, particularmente severa, foi posta à prova pelo jovem professor John Scopes, da pequena cidade de Dayton, que confessou ter infringido a lei numa aula de biologia e acabou lavrando um tento simbólico em favor da liberdade de expressão e da Primeira Emenda da Constituição norte-americana. Em julho de 1925, Scopes foi levado a julgamento e, em seu auxílio, a recém-criada *American Civil Liberties Union* (ACLU) enviou uma equipe de advogados sob comando do racionalista Clarence Daarrow. Bryan e Darrow lutaram por valores cruciais para os americanos, defendendo respectivamente os direitos das

¹²¹ COUCH, Mal (*org.*). *Op. Cit.* p. 26.

¹²² MARSDEN, George. *Op. Cit.* p. 47.

pessoas comuns e a liberdade de expressão. No fim das contas, Darrow saiu do tribunal como o herói do pensamento claro e racional, e Bryan, desacreditado como incompetente e obscurantista, morreu dias depois, em função de seus esforços.¹²³

Os fundamentalistas pertenciam ao passado, eram inimigos da ciência e da liberdade intelectual e não podiam participar legitimamente do mundo moderno. Se conseguissem chegar ao poder dentro das congregações e impingir suas restrições por decreto, os americanos perderiam o que sua cultura tem de melhor e voltariam à Idade das Trevas. Os fundamentalistas se calaram depois do Caso Scopes.

Depois do Caso Scopes, os fundamentalistas retiraram-se da arena pública, refugiando-se em suas igrejas e faculdades. Ao término da II Guerra Mundial, os grupos fundamentalistas pareciam marginais e insignificantes, e as principais denominações atraíam a maioria dos fiéis. As grandes denominações ainda abrigavam numerosos conservadores, que haviam perdido a esperança de expulsar os liberais, mas continuavam acreditando nos “fundamentos” e se mantinham afastados da maioria. Os mais radicais criaram igrejas próprias; os pré-milenaristas, em especial, consideravam um dever sagrado isolar-se dos liberais ateus, enquanto aguardavam o Arrebatamento. Começaram a surgir organizações e cadeias de emissoras, concebidas e administradas por uma nova geração de evangelistas. Os fundamentalistas protestantes tentavam alcançar a santidade por meio da segregação. Em 1930, havia nos Estados Unidos pelo menos cinquenta faculdades bíblicas fundamentalistas.

A partir de então, os fundamentalistas começaram a mobilizar-se. Para eles, a modernidade freqüentemente representara um ataque agressivo.¹²⁴ O espírito moderno demandava liberdade em relação a modos de pensar antiquados; o ideal moderno de progresso acarretara a eliminação de crenças, práticas e instituições consideradas irracionais e, portanto, retardadoras. A política ocidental se tornara ideológica a partir das revoluções americana e francesa; os ideais iluministas da Era da Razão-liberdade, igualdade, fraternidade, felicidade e justiça social- inspiraram grandes batalhas. Os liberais ocidentais acreditavam que, com educação, a sociedade e a política seriam mais racionais e harmoniosas. A ideologia secular, uma forma de mobilização para o combate, consistia num moderno sistema de crenças que justificava a luta social e política e lhe dava um fundamento lógico.

À medida que o Estado expandia sua noção de arena pública, nas décadas de 1960 e 1970, os conservadores cristãos que estavam às margens da sociedade moderna viam suas intervenções cada vez mais como uma ofensiva secularista. Nessas respectivas décadas, os

¹²³ ARMSTRONG, Karen. *Op. Cit.* p. 198

¹²⁴ MARSDEN, George M. *Op. Cit.* p.11.

ideólogos fundamentalistas definiam o inimigo como o “humanismo”. Para eles o humanismo secular era uma religião rival, com credo, objetivos e organizações próprios.

Desde o final do século XIX, os fundamentalistas americanos reagiram ao desafio da modernidade com a tentativa de racionalizar inteiramente sua fé. Ressaltaram as virtudes da razão e do bom senso; adotaram um literalismo que excluía a imaginação e a fantasia; organizaram o mundo em compartimentos estanques, com clara distinção entre certo e o errado, entre os verdadeiros crentes e os secularistas cristãos liberais¹²⁵. Estabeleceram uma ética de separação; criaram uma contracultura que devia ser tudo que a sociedade atéia não era: sua fé lhes proporcionava certezas inabaláveis e uma rígida hierarquia para enfrentar as dúvidas, os debates e as mudanças do mundo moderno. Particularmente, nos Estados Unidos, os fundamentalistas protestantes se tornaram mais reacionários, intransigentes e literalistas depois do Caso Scopes. Os fundamentalistas transformaram o *mythos* de sua religião em *logos*, fosse insistindo na verdade científica de seus dogmas, fosse convertendo sua complexa mitologia numa compacta ideologia.¹²⁶

O fundamentalismo no Brasil tem como um de seus marcos referenciais o livro de Alfredo Borges Teixeira, *Maranata*, publicado em 1921. Nele o autor registra sua conversão do pós-milenarismo para o pré-milenarismo e junta os principais pontos teológicos do fundamentalismo.¹²⁷

No ano de 1956, o pastor norte-americano Carl McIntyre esteve no Brasil defendendo a adoção do fundamentalismo, por parte da IPB, e combatendo o progressismo do Conselho Mundial de igrejas, cuja fundação (Amsterdã, 1948) vinha sendo preparada desde 1925. A pregação de McIntyre causou profundos conflitos nas igrejas locais e presbitérios. Na medida em que foi ganhando espaço o movimento fundamentalista foi estabelecendo estratégias diferenciadas. Surgem seminários e institutos bíblicos, acampamentos para jovens e diversas organizações missionárias com os mais diversos nomes, mas todas intitulando-se “indenominacionais”. Essas organizações paraeclesiásticas nunca tiveram tanto interesse na formação de igrejas. Seu objetivo sempre foi ideológico, isto é, a inserção e alimentação do fundamentalismo nas igrejas nacionais, numa luta ideológica e política aberta contra o movimento ecumênico. No livro *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, Antônio G. Mendonça traça uma consideração acerca do fundamentalismo:

¹²⁵ ARMSTRONG, Karen. *Op. Cit.* p. 206.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 405

¹²⁷ *Ibidem*, p. 130.

Não é preciso muita sagacidade para perceber a extensão dos resultados do fundamentalismo no protestantismo brasileiro. Antes de mais nada é uma forma de fé cristã inteiramente voltada para o sobrenatural e para o a-histórico. Não há nenhuma abertura para o social, para a igreja no mundo. É uma fé passiva em busca de sinais. Não favorece nenhuma reflexão teológica. A fé já está cristalizada na reta doutrina. Não oferece projetos nem gera utopias porque a leitura da Bíblia já está feita. É um dogmatismo escolástico, autoritário e ultraconservador.¹²⁸

No Brasil, muitas igrejas aderiram à vertente fundamentalista por iniciativa de missões advindas dos Estados Unidos. As ideias fundamentalistas, tais como: gosto exagerado pelas profecias, expectativa permanente da volta de Jesus Cristo, insistência em quadros referenciais de doutrinas, desconfiança para com a ciência e toda forma de saber que não tenha referencial bíblico, certeza de que os que não compartilham com seus pontos de vista religiosos não são absolutamente cristãos se propagaram por todo Protestantismo brasileiro. A Igreja Presbiteriana do Brasil é um tipo peculiar de protestantismo que adotou essas ideias de forma tão espetacular que elas perduram até os dias de hoje. Alguns líderes preferem falar em uma eqüidistância, um equilíbrio da fé reformada, mas se trata apenas de uma nomenclatura, pois o significado é o mesmo. Compreender esse fenômeno é de suma importância devido a uma inquietação em saber como essas ideias tão residuais e minoritárias se propagaram no solo brasileiro, em especial na IPB, e que influência teve na vivência de comunidades locais e na prática dos fiéis.

¹²⁸ MENDONÇA, A. G. & VELASQUES, Filho P. (orgs). *Op. Cit.* p. 149.

CAPÍTULO II

O FUNDAMENTALISMO NA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

2.1- Antecedentes históricos

O fenômeno do fundamentalismo é entendido como um movimento religioso de caráter teológico oposicionista que toma forma e ganha espaço na arena pública no começo do século XX nos Estados Unidos, mas a história desse fenômeno é muito mais complexa e muito anterior a esse período. Por esse motivo, esse ponto foi escolhido para ser trabalhado a fim de que a compreensão desse fenômeno possa ir além do que comumente entende-se como fundamentalismo de origem norte-americana.

Esse movimento religioso, o pré-fundamentalismo, surgiu em Dublin na Irlanda, no princípio do século XIX com o nome de “Movimento dos Irmãos”¹²⁹. Esse nome deve-se a quatro homens que fundaram as teses principais desse movimento.

A partir de encontros de oração e troca de pontos de vista entre cristãos, surge uma primeira figura chave para o movimento, o Sr. John Nelson Darby, que escreveu o primeiro panfleto dos “Irmãos”, em 1828, intitulado *A natureza e a unidade da Igreja de Cristo*¹³⁰. Esse panfleto repercutiu de forma decisiva para o grupo nascente, pois muitos cristãos abandonaram suas igrejas para se unirem aos “Irmãos”. Todavia, alguns críticos da época pensavam que o movimento desapareceria em pouco tempo, pois não havia uma organização definida, nem ordem clerical, nem confissão de fé, nem qualquer vínculo visível de união, nenhum presidente ou ministro ordenado.

Outros três ícones ganham destaque nesse movimento: Anthony Norris Groves, John Gifford Bellett e Eduardo Cronin. Este último transfere para sua casa as pequenas reuniões.

¹²⁹ DOS SANTOS, Marcelo Silva. *Do medo à reação- a contestação pré-fundamentalista protestante do século XIX*. (TCC). Universidade Católica de Petrópolis, 2009.

¹³⁰ MILLER, Andrew. *“Os irmãos” (Como são chamados)*. São Paulo: Depósito da literatura cristã, 2005.

Nessas reuniões as Ceias eram realizadas sem um sacerdote ordenado, o que marcava a ruptura com a ortodoxia cristã do período medieval e moderno.

O movimento se consolidou na cidade de Plymouth, sob a liderança de Darby. O “Movimento dos Irmãos” ganha um outro nome, “ Os Irmãos de Plymouth”, devido o fato da cidade ter sua notoriedade por causa de uma congregação desta cidade inglesa. O movimento se espalhou por diversos países ao redor do mundo, inclusive naqueles onde o protestantismo não era bem vindo, como o Iraque, a Índia e a China. A característica primordial do movimento era o isolacionismo. As reuniões geralmente aconteciam em pequenos grupos, com a proibição de qualquer símbolo que os identificasse. A tese principal era o não-denominacionalismo. Eles eram apenas irmãos com ideais, “verdades” acerca da Bíblia e preocupados com a situação vivida do momento. Segundo Miller, os objetivos eram expor:

As supremas doutrinas da Igreja, as obras realizadas pelo Espírito Santo, a esperança bem-aventurada do iminente retorno do Senhor, foram expostas com grande vigor e poder, para a elevação de muitos corações, e para a benção eterna de centenas de preciosas almas...¹³¹

Aqui no Brasil a origem do movimento coincide com a formação da Igreja Evangélica Fluminense inaugurada por Robert Reid Kalley. Ele nunca alcançou grandes massas, comparado às outras manifestações protestantes ou evangélicas. Seu caráter fundamentalista ganhou força notoriamente nas cidades do interior e no campo. Contudo, por não terem um caráter institucionalizado, é muito difícil saber quantos desses ainda existem e onde se encontram. É peculiar saber que a primeira cisão ocorrida na Igreja Evangélica Fluminense acontece quando um pequeno grupo da Igreja pede sua exclusão no rol de membros para se unir nos moldes da ortodoxia dos irmãos.¹³²

Apesar de não representarem um movimento tão radical, como o fundamentalismo norte-americano viria se tornar, os “Irmãos” estavam preocupados com o rumo que o cristianismo tomou depois da Reforma Protestante no século XVI. O homem, a partir de então, tomou consciência da sua inteligência abstrata e de sua força transformadora. Gutenberg dá à Europa o instrumento que faltava para saciar a ávida necessidade da comunidade livre e pensante de ler os clássicos (inclusive a Bíblia), realizar pesquisas empíricas, elaborar hipóteses e torná-las conhecidas. Assim se inicia um processo irreversível de divulgação do conhecimento e de hegemonia da cultura letrada, importante para o

¹³¹ MILLER, Andrew. *Op. Cit.* p. 26.

¹³² DOS SANTOS, Marcelo Silva. *Op. Cit.* p. 18.

desenvolvimento da ciência e do conhecimento. As pessoas passam a buscar nos textos sua coerência, traço indispensável para sua credibilidade e legitimidade. A reflexão e a argumentação substituem a noção medieval da verdade revelada.

A vida terrena parece adquirir cada vez mais importância e com ela a própria história, que passa a ser concebida de um ponto de vista eminentemente humano. Estimulado pelo individualismo e liberto dos valores que o prendiam irremediavelmente à família e ao clã, o homem assume seu papel na história como agente do conhecimento. Assim, aos poucos, ele rejeita as teorias que o apresentam como pecador e decaído, um ser em permanente dívida para com Deus, para assumir, numa nova perspectiva humanista e laica, ativa na história.

Pensadores como Karl Marx e Émile Durkheim¹³³ criam um novo conceito para a religião quando esta passou a ser considerada como uma instituição social. Feurbach¹³⁴, filósofo alemão, sustentava que não era o homem obra divina, mas, ao contrário, fora Deus inventado pelo homem, à sua imagem e semelhança. Nietzsche¹³⁵ chega a anunciar a morte de Deus e a necessidade do homem assumir a plena responsabilidade sobre sua existência no mundo.

A ciência, com a responsabilidade de desvendar as leis naturais do mundo físico e social, por meio de procedimentos adequados e controlados, havia conquistado parte da sacralidade que antes pertencera às explicações religiosas: a de apontar aos homens o caminho em direção à verdade. A ciência já não parecia mais uma forma particular de saber, mas a única capaz de explicar a vida, abolir e suplantiar as crenças religiosas e até mesmo redirecionar a ética. Supunha-se que, utilizando-se adequadamente os métodos de investigação, a verdade se descortinaria diante dos cientistas, os novos “magos” da civilização, quaisquer que fossem suas opiniões pessoais, seus valores sobre o bem e o mal, o certo e o errado.

Diferentemente do homem medieval, espiritualista e contido, o homem moderno é estimulado a amar a vida, a buscar a satisfação de suas necessidades de forma individual e cultivar sua subjetividade feita de sentimentos e de perspectivas pessoais.

As cidades ganharam vida, atraindo pessoas de diferentes lugares dispostas a conquistar um espaço no mundo, a competir e a enriquecer. Seus anseios eram direcionados para a existência terrena e as conquistas materiais, ficando em segundo plano as preocupações com a vida após a morte e as verdades transcendentais. E, à medida que a Europa avançava para a modernidade, essa mentalidade nova se firmava e se difundia.

¹³³ DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 1963.

¹³⁴ FEURBACH, LUDWIG. *La esencia de la religion*. Argentina: Prometeu Libros, 2009, p. 120.

¹³⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2000, p. 52.

No campo econômico, uma atitude expansionista toma conta de todas as atividades e o lucro se torna o objetivo principal de qualquer atividade. Com o capitalismo, as atividades econômicas tornam-se responsáveis pela acumulação de riqueza e prosperidade. Assim, enquanto um comerciante na Antiguidade calculava seu ganho em função daquilo que necessitava para viver e para repor o que fora gasto na prática do comércio, embarcações e escravos, o negociante capitalista, livre de qualquer limite, estabelecia seu preço procurando estimar o valor máximo que os compradores se mostravam dispostos a pagar por seus produtos.

O historiador Kenneth Latourette¹³⁶ analisa a experiência do cristianismo nesse longo percurso como positiva, pois, mesmo diante das adversidades advindas do desencantamento do sagrado a partir do avanço das ciências, especialmente as humanas, a cristandade soube superar os obstáculos. Os reavivamentos, principalmente no século XX, são exemplos notórios da força substancial do apelo generalizado às emoções em consonância com a reestruturação da ortodoxia, que tende a se conformar às mudanças provocadas pelas descobertas científicas. Assim sendo, um dos produtos destes processos históricos indica ser o surgimento de um pré-fundamentalismo que não se adapta às mudanças e reage bruscamente através do “endurecimento das suas crenças”. Para isso, os grupos fundamentalistas se dedicam à proliferação de uma vasta produção intelectual de forma a contrapor a modernidade, julgando esta como os sinais do fim dos tempos e o breve início do reinado do anticristo na terra.

Latourette expressa as duas opções que o cristianismo teria frente a todas essas transformações: se adaptar à modernidade, ou reagir contra ela. A adaptação garante a subsistência da cristandade, a reação pode provocar seu aniquilamento. Por isso, surgiram muitos movimentos de reavivamento em todas as modalidades de cristianismo. Como lembra Dos Santos, esses processos se atrelam à modernidade, buscando transformar as manifestações cristãs em atos carregados de extrema emoção, enquadrando-as nos padrões modernos¹³⁷. Logo, o cristianismo passa a dar respaldo à modernidade da seguinte forma:

O cristianismo foi desafiado não somente por ameaças à sua existência contínua. Ele também foi desafiado por oportunidade não precedente. A civilização ocidental estava em mudança rápida e se o cristianismo fosse suficientemente dinâmico para operar criativamente seu remodelamento, ele poderia ser mais profundamente influenciado por essa fé do que em qualquer estágio anterior em sua história. O impacto do Ocidente produzia revoluções em todas as outras culturas sob a qual os homens viviam. Aqui estava uma oportunidade para ajudar

¹³⁶ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Uma história do cristianismo*. São Paulo: Agnos, 2006, p. 1437.

¹³⁷ DOS SANTOS, Marcelo Silva. *Op. Cit.* p. 25.

a modelar o futuro da humanidade não ocidental. Vindo como ele veio em associação com a cultura, que produzia as revoluções que perturbavam a raça humana, o cristianismo encontrou oposição que surgiu do ressentimento contra os ocidentais como seus supostos adeptos. Contudo, a ele foi também concedida uma ampla audiência, mais do que se ele tivesse derivado o prestígio dessa associação. O domínio por povos ocidentais destruiu barreiras políticas e culturais que permaneceram no caminho da difusão do cristianismo. A redução das distâncias temporais e os métodos melhorados de transporte e da comunicação tornaram possível o desenvolvimento e o manutenção de uma empreitada missionária mundial. A riqueza crescente de povos europeus forneceu ao cristianismo os meios materiais para o apoio da empreitada, de modo nunca visto. Aqui estava uma oportunidade maior que o cristianismo jamais enfrentara para levar sua mensagem a toda humanidade e para fazer sentir em cada ser humano.¹³⁸

Diante dos desafios da modernidade nem todos os cristãos optaram pela adaptação, pelo contrário, elegeram a ruptura extrema com aquilo que passou a ser denominado como teologia liberal. O “Movimento dos Irmãos de Plymouth” se configura como um desses muitos grupos de cristãos insatisfeitos com os ideais da modernidade. O grande ideal deste grupo era voltar aos padrões da Igreja Primitiva. Para formular bem as suas teses, o movimento contou com um grupo de intelectuais que se debruçaram sobre o tema para publicar livretos e artigos que fossem difundidos por todos os cantos. Assim, as ideias fundamentalistas ganham consistência e adequação.

Uma das características essenciais desses grupos era a simplicidade das reuniões. Além de dispensarem toda formalidade dos aparatos ortodoxos, os “Irmãos” levavam uma vida totalmente desapegada do que eles consideravam “coisas terrenas”. Um exemplo claro disso é retratado pelo autor Miller ao analisar os efeitos da “separação do mundo”:

Não era uma coisa incomum naquela época se encontrar jóias valiosas nas caixas de coletas, que logo eram transformadas em dinheiro e entregue aos diáconos para ser distribuído entre os pobres. Mas essa forma sutil de dispor de jóias finas não satisfazia aos espíritos devotos ao Senhor em Plymouth. Abandonaram tudo que era considerado mundano nas roupas, livros e móveis. Estas ofertas voluntárias foram recolhidas, e quando parecia que iria terminar o período de doações, havia tanto material dado que foi necessário vendê-los em leilões.¹³⁹

É notável que o grupo pregava simplicidade, não-denominacionalismo, a igreja enquanto corpo de Cristo, ou seja, todos os cristãos fazendo parte desse corpo. Mas, na prática, esse grupo não estava disposto a aceitar participantes de outras denominações, o que seria uma forma de se prevenirem dos grupos denominacionais que aderem à modernidade.¹⁴⁰

¹³⁸ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. Cit.* p. 1456.

¹³⁹ MILLER, Andrew. *Op. Cit.* p. 57.

¹⁴⁰ FILGUEIRAS, Silas G. Os “Irmãos”. Petrópolis: Publicação particular, 1991, p. 78.

E, apesar da marca não-denominacionalismo, a questão da Ceia era fundamental para os irmãos. Onde a mesa da Ceia estivesse colocada, ali estariam os Irmãos. A forma de entender a Ceia era um pouco distinta das demais manifestações religiosas, metodista, batista, congregacional ou anglicana. Para os “Irmãos”, não poderia haver mais de uma mesa colocada no primeiro dia da semana em uma única localidade, pois, assim, era definido o local.

Enquanto a ciência fervilhava com seus métodos, teorias e hipóteses para corroborar ou desacreditar os textos bíblicos, a posição assumida pelos irmãos, obviamente, é que o texto bíblico é inerrante, inspirado por Deus.

A Bíblia torna-se a segurança, a firmeza do cristão frente às adversidades sofridas com a passagem do teocentrismo para o antropocentrismo. O homem deveria assumir-se como responsável pelo seu mundo, pela sua vida, mas isso tornava-se uma tarefa cada vez mais difícil e sofrida. O texto bíblico é verdade para esses grupos. Os textos sagrados nada mais retratam do que a verdade absoluta. Com isso, quando estão diante dos avanços científicos, duas respostas são usadas: ou negam as descobertas ou encontram uma “brecha” que permite adequar o texto às revelações inegáveis da ciência.

John Nelson Darby, um dos nomes mais importantes do movimento, elabora a doutrina do dispensacionalismo, o que pareceu para muitos cristãos a fundamentação teórica mais consistente sobre o arrebatamento. Segundo Darby, cada dispensação possui a estrutura de uma aliança entre Deus e os homens, sendo que, em cada uma, regras e bênçãos específicas são determinadas. O rompimento da regra proporciona um castigo e força a passagem para uma nova era, com regras e bênçãos. Essas dispensações são divididas em sete: inocência, consciência, governo humano, patriarcal, lei, graça e milênio.¹⁴¹

Pelo fato da era da graça estar vigente, a grande preocupação era o milênio e, conseqüentemente, como seria o arrebatamento. Por causa da perseguição contra os judeus, Darby começou a entender o “plano de Deus” para restaurar Israel à terra santa. Vendo o começo do sionismo em seus dias, Darby falava da vinda literal do Messias para reinar o trono de Davi, o que já estava escrito nas profecias do Antigo Testamento. Assim, Darby conta como será o arrebatamento:

O arrebatamento ocorre antes do tempo final da tribulação que virá sobre a terra. A igreja deverá estar com Cristo no céu para que possa aparecer com Ele em seu glorioso retorno (...). A primeira ressurreição dos justos coincide com o

¹⁴¹ COUCH, Mal (org.). *Op. Cit.* p. 658.

arrebatamento. Assim, todos os que morreram na fé tanto na era do Antigo Testamento como na do Novo Testamento serão arrebatados juntamente com os santos que estiverem vivos (...). Depois do arrebatamento, várias coisas acontecerão no céu. Primeiro, Satanás será lançado fora do céu para a terra. Então os santos experimentarão o julgamento do trono de Cristo como preparação para as bodas do Cordeiro.¹⁴²

Dez elementos são considerados para a passagem do arrebatamento, todos indicados por versículos bíblicos que são tomados na literalidade, é claro. Eles são descritos da seguinte forma:

- 1- O corpo de Cristo. O arrebatamento é para aqueles que estão “em Cristo” e acontece no fim da dispensação da igreja. O arrebatamento encerra a era da igreja.
- 2- Esperança e conforto. Os textos sobre o arrebatamento descrevem a grande bênção do retorno de Cristo para os seus, a igreja, a fim de levá-los ao céu.
- 3- A mudança do corpo. O apóstolo Paulo escreve aos coríntios: “... Nem todos dormiremos [morreremos fisicamente], mas todos seremos transformados [...] e os mortos serão ressurretos incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1 Cor. 15.51b, 52b).
- 4- A ida para o lar celestial. Quando Paulo escreve sobre a “nossa reunião com ele”, ele está se referindo à nossa ida ao lar celestial (2Ts 2.1). Muitos falam dessa passagem como “a convocação dos santos para o céu”! No grego, a expressão “reunião com ele” pode ser traduzida por “para o alto com ele”.
- 5- Ser levado diretamente ao Senhor Jesus. Esta idéia nesses versículos é similar à idéia de subir ao céu, mas enfatiza e acentua o fato de que os santos são trazidos à sua própria presença.
- 6- Ser levado diretamente perante o pai. Jesus disse: “Na casa de meu Pai há muitas moradas [...] vou preparar-vos lugar” (Jo 14.2). Essas casas não poderiam ser habitadas num reino terreno. Jesus está caminhando decididamente rumo à sua morte e, daí, para a casa do Pai.
- 7- Aqueles que estão em Cristo devem viver de maneira diferente. Os apóstolos Tiago e Paulo fazem disso um incentivo para viver retamente, porque o Senhor pode aparecer para levar-nos com ele a qualquer momento.
- 8- A iminência ou proximidade do arrebatamento. A Igreja primitiva aguardava o breve retorno de Cristo. Os discípulos tinham esse desejo, mas não tinham uma pista sobre o tempo do arrebatamento. Embora esse acontecimento não tenha ocorrido na época deles, não questionamos sua presença nem a revelação do Senhor sobre a doutrina em si.
- 9- O arrebatamento como Parousia. Alguns críticos baseiam seus argumentos contra o arrebatamento referindo-se à palavra grega parousia. Esta palavra é traduzida como “a vinda”, como no caso da “vinda do Senhor”. Parousia pode ser traduzida como “o evento”, “o aparecimento” ou “a visita”. É, de fato, usada tanto para referir-se à vinda do arrebatamento como para a segunda vinda de Cristo para reinar.
- 10- A ressurreição e o arrebatamento. Várias ressurreições são descritas na Palavra de Deus. No entanto, com relação à era da igreja e aos que são descritos como estando em Cristo, o Senhor é chamado de primícias após sua ressurreição dentre os mortos (1Co 15.20). Esse termo agrícola mostra uma colheita de primavera na Palestina na qual Cristo é as primícias da colheita que virá do

¹⁴² COUCH, Mal (org.). *Op. Cit.* p. 659.

título. Se morrermos “em Cristo” antes do arrebatamento, nos levantaremos dos mortos, tal como ele fez.¹⁴³

É a partir de Plymouth que um novo conjunto doutrinário se mescla: o revolucionário (no sentido de igualdade entre os irmãos) e ultra-reacionário e retrógrado (no entendimento destes quanto a ser imperativo o retorno às origens apostólicas).¹⁴⁴ Contudo, seria muita ingenuidade delegar ao “Movimento dos Irmãos” o desencadeador do fundamentalismo do século XX, pois essas reações contra todo aperfeiçoamento da razão, do entendimento ou esclarecimento, pareceu iniciar desde tempos muito remotos.

O que se tem como dado consistente sobre a influência do “Movimento dos Irmãos” é o marco do fundamentalismo acontecido numa Conferência de teólogos conservadores em Niagara Falls em 1895. Cinco pontos são definidos como linhas básicas para o fundamentalismo, sendo que os quatro primeiros já estavam sendo divulgados pelos escritos dos irmãos, sendo eles:

- 1- A inspiração e infalibilidade das Escrituras.
- 2- A suficiência da morte de Cristo para pagar o castigo devido por indivíduos caídos a um Deus infinitamente santo.
- 3- A ressurreição literal de Cristo, dentre os mortos.
- 4- O retorno literal de Cristo na sua segunda vinda.
- 5- A divindade de Cristo (implicando também sua perfeita humanidade e nascimento virginal).¹⁴⁵

A produção intelectual dos “Irmãos” torna-se fundamental, inclusive, para a publicação dos *Fundamentals*, fomentado e organizado pelos teólogos presbiterianos da Universidade de Princeton. Contudo, o “Movimento dos Irmãos” se manteve escondido, talvez pelas críticas ou talvez pela sua própria característica de se afastarem do mal e, é claro, o mal sempre será o outro. Inclusive, no ponto seguinte é lançada uma questão a ser respondida: Fundamentalismo ou conservadorismo? Os fundamentalistas de hoje não gostam de usar o termo fundamentalismo, preferem o termo conservadorismo, devido às proporções que o fundamentalismo foi tomando para a vida eclesial, social e político ao longo dos anos.

¹⁴³ COUCH, Mal (org.). *Op. Cit.* p. 663 e 664.

¹⁴⁴ FILGUEIRAS, Silas G. *Op. Cit.* p. 79.

¹⁴⁵ COUCH, Mal (org.). *Op. Cit.* p. 27.

2.2 Fundamentalismo ou Conservadorismo?

“Somos conservadores!”¹⁴⁶. Essa é a resposta dada pela maioria dos presbiterianos quando são perguntados pelo perfil da Igreja. E o fundamentalismo? Qual é a diferença entre conservadorismo e fundamentalismo? Bom, “apertei sem abraçar!”¹⁴⁷. O que importa dizer é que eles não são liberais. Os presbiterianos preferem o termo Eqüidistância, primando pelo equilíbrio e pela independência de seus posicionamentos, o que evidencia uma atitude exclusivista, anti-pluralista e sectária. Portanto, fundamentalista!

O termo “Eqüidistância” foi criado a partir de alguns acontecimentos cruciais na vida da Igreja Presbiteriana. O primeiro motivo é destacado com a Confederação Evangélica no Brasil¹⁴⁸, onde percebe-se o engajamento de alguns presbiterianos no movimento ecumênico, mas que não pode ser confundido com a aceitação irrestrita do ecumenismo. Os documentos da Igreja, referente às decisões tomadas no Supremo Concílio em 1956, afirmam seu posicionamento:

A IPB só admite o ecumenismo evangélico em que sejam salvaguardadas e mantidas, com toda nitidez, a autonomia e as características denominacionais; e entende que a missão ecumênica, não é fundir corpos eclesiais, numa única Igreja (super Igreja ou unidade orgânica) e, sim promover aproximação e cooperação entre denominações lidimamente evangélicas.¹⁴⁹

Outro processo foi desencadeado em 1948 sob influência do pastor presbiteriano norte-americano Carl McIntire, paladino do fundamentalismo em oposição ao Conselho Mundial de igrejas (CMI). Carl McIntire funda o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC) tendo muito apoio dos setores mais conservadores da IPB. O CMI resultou dos esforços de cristãos protestantes no sentido de superar de alguma forma o “escândalo das divisões”¹⁵⁰. O CMI optou pela confissão: Jesus Cristo, Deus, Senhor e Salvador. Isso sinalizou que o essencial à fé é uma confissão sobre Jesus Cristo; o que significa que não é essencial o que se pensa sobre as Escrituras. Não é a fé nas Escrituras que define o cristão,

¹⁴⁶ Ver anexo 2.

¹⁴⁷ Momento de descontração na entrevista. Ver anexo 2.

¹⁴⁸ O Golpe Militar ocorrido em 1964 enfraquece esse organismo ecumênico. A entidade buscava a união das Igrejas protestantes, incentivando a cooperação. Erasmo Braga é uma figura que merece nossa atenção por ser um dos maiores militantes pelo ecumenismo brasileiro.

¹⁴⁹ *As Igrejas e a busca de unidade visível*. Disponível em: <http://www.wcc-assembly.info/fileadmin/files/wccassembly/media/church_Unity_Po.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2010.

¹⁵⁰ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. p. 309.

mas sua fé no Cristo. Assim, qualquer igreja que confesse a Cristo como Deus, Senhor e Salvador, pertence à Igreja Ecumênica, não importando sua crença ou não na inspiração verbal das Escrituras. Rubem Alves analisa o CMI da seguinte maneira:

O modernismo não é, em si, uma atitude oposta à fé. Aos olhos protestantes, o CMI se apresenta como uma instituição que não define o modernismo como seu inimigo! Ora, amigo do meu inimigo é meu inimigo. O CMI seria uma instituição que daria guarida tanto à fé como à incredulidade. Por isso é de fundamental importância que a Igreja não se ligue, como membro, ao CMI. Isso seria o mesmo que trair a fé!¹⁵¹

Nessa configuração, o grupo fundamentalista CIIC organiza uma entidade ecumênica mundial “ortodoxa” para combater o CMI “modernista”. A IPB, portanto, estando numa encruzilhada, opta por uma posição chamada de Equidistância. O termo não significa uma posição teológica intermediária entre “modernismo” (CMI) e fundamentalismo (CIIC). Em termos práticos, significou a não-afiliação a nenhum dos dois concílios, a fim de evitar uma crise interna. Contudo, o CIIC e a IPB têm em comum a mesma visão: o CMI é uma organização liberal modernista. O inimigo é comum! Ambos definem a situação de forma idêntica, habitam um mesmo mundo. Isso pode ser evidenciado na defesa que a Igreja elaborou contra as acusações fundamentalistas:

A Igreja Presbiteriana do Brasil, em reuniões sucessivas do seu Supremo Concílio, (...) reafirmou a sua posição doutrinária, ortodoxa, conservadora, de fidelidade à palavra de Deus. (...) Não pode, pois, a Igreja Presbiteriana do Brasil ser acusada de estar frouxamente colocada numa posição de neutralidade em referência à questão doutrinária e muito menos de estar sob influências modernistas (...) Em meio de lutas que se estabelecem no cenário mundial entre dois concílios ecumênicos e internacionais- um liberal modernista e outro fundamentalista intransigente (este, a nosso ver, em defesa de uma tese verdadeira), colocou-se a Igreja Presbiteriana do Brasil em posição equidistante, por circunstâncias de ordem local.¹⁵²

A inspiração verbal das Escrituras é o fator decisivo na definição do movimento ecumênico protestante como inimigo: modernista. O CMI considera a fé como uma confissão acerca de Cristo, tudo o mais é colocado como secundário, como não essencial. Segundo Rubem Alves: “Fé é uma atitude para com uma pessoa e não para com um livro”¹⁵³. A política de equidistância tinha duas finalidades: evitar sua filiação ao Conselho Mundial de Igrejas, e

¹⁵¹ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. p. 310.

¹⁵² Defesa da ortodoxia da Igreja. *Apud* ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. p. 312.

¹⁵³ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. p. 312.

impedir um novo cisma na Igreja. Essa política abriria na IPB a possibilidade da infiltração de ideias fundamentalistas, uma vez que se isolava de movimentos ecumênicos e sociais.

Nesse contexto, tendo se tornado adepto do movimento fundamentalista de Carl McIntire¹⁵⁴, o Rev. Israel Gueiros, pastor da 1ª Igreja Presbiteriana do Recife e professor do Seminário do Norte, acusou de modernistas alguns professores do mesmo. Com posturas cada vez mais radicais, Gueiros acabou sendo despojado do ministério da IPB em agosto de 1956 e criou a Igreja Presbiteriana Fundamentalista, levando consigo boa parte dos membros da 1ª Igreja.¹⁵⁵

Em 1970, o Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil foi mais incisivo e proibiu de uma vez por todas que pastores e oficiais da Igreja participassem da direção de cerimônias de culto na companhia de sacerdotes católico-romanos. Assim, entram em vigor as seguintes determinações:

O Supremo Concílio resolve aprovar o Doc. 148 em todos os seus termos: 1) Proibir pastores e oficiais da Igreja jurisdicionados à Igreja Presbiteriana do Brasil de participarem da direção de cerimônias de culto na companhia de sacerdotes católico-romanos. 2) Caberá aos conselhos, no caso de Presbítero e diáconos; aos presbitérios, no caso de pastores (ou, no caso de pastores cujo o presbitério haja sido dissolvido, à respectiva Comissão Executiva Sinodal) instaurar o processo eclesiástico, afastando preventivamente do exercício ministerial que desacate a resolução supra. 3) Na ausência de providências disciplinares pelo órgão competente (CI/IPB, Art. 70 “e”) deverá o concílio imediatamente superior tomar as medidas necessárias, inclusive pela dissolução do concílio inoperante (ou demissão da Comissão Executiva, nos casos do artigo. 11 do Código de disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil). 4) Na eventualidade de se encontrar um Sínodo inoperante no cumprimento da presente resolução, deverá a CE-SC/IPB declará-lo dissolvido e colocar os presbitérios que o integravam na jurisdição de outros sínodos, com recomendação de que dêem cumprimento no caso do Presbitério inoperante, à presente resolução, relatando à CE-SC/IPB, em prazo fixado pela CE-SC/IPB, a execução da presente resolução. 5) Ao dissolver o concílio, deve o Concílio Superior tomar as providências necessárias para que, quando for o caso, produza efeitos junto a autoridade cível competente.¹⁵⁶

Recentemente, a IPB retirou-se da Aliança Mundial das Igrejas Reformadas (AMIR), pois essa organização confessional com abertura ecumênica não estaria alinhada à ortodoxia presbiteriana em temas como “a infalibilidade das Escrituras, o ecumenismo, o aborto, o feminismo e a sexualidade”. O Supremo Concílio da IPB ainda declarou a

¹⁵⁴ Fundamentalismo em Pernambuco. Disponível em: <www.IPSEP.com.br>. Acesso em 03 de jun. 2010.

¹⁵⁵ DE MATOS, Alderi. *Op. Cit.* p. 43.

¹⁵⁶ IPB (1970). Resoluções do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil. SC- 1970- Doc. 148. Disponível em: <http://www.executivaipb.com.br/>. Acesso em: 13 fev. 2010.

“incompatibilidade” entre a maçonaria e a fé cristã, proibindo a aceitação tanto de novos membros como de novos oficiais ligados a essa instituição.¹⁵⁷

A cosmovisão fundamentalista na IPB, impregnada com a idéia de equilíbrio, permite que sujeitos evoquem, sempre que necessário, o conceito de “eqüidistância dos extremos liberais e fundamentalistas”, legitimando posturas fundamentalistas. Segundo Daniel Alexander:

Os fundamentalistas acham que não existe uma oposição bipolar entre bons conservadores e extremistas modernistas, mas antes uma estrutura tripartida: à direita estão os que voltam as costas a seu próprio tempo, e que eles chamam de tradicionalistas; na extrema esquerda chamam-se os que estão dispostos a sacrificar tudo à modernidade, e a estes eles chamam de modernistas porque compreendem equivocadamente sua própria época. No meio dos dois, os fundamentalistas pretendem encontrar o exato equilíbrio.¹⁵⁸

Os líderes da IPB afirmam¹⁵⁹ que são conservadores pelo fato do fundamentalismo carregar em si um sentido pejorativo e, geralmente, estar associado com ideias de intolerância, sectarismo e extremismo. Com o acontecimento 11 de setembro, falar de fundamentalismo é remontar a todo um momento trágico da história, onde analistas políticos, bem como todas as pessoas dos vários estratos sociais, econômicos e religiosos, se perguntaram sobre a religião e a violência¹⁶⁰. Contudo, uma análise sobre o ponto de partida do conservadorismo protestante permite compreender a sua relação com o fundamentalismo e estabelecer critérios pelos quais um presbiteriano prefere travestir-se de conservador sendo fundamentalista.

Para iniciar, é notável que o conservadorismo protestante também seja conhecido como evangelicalismo e que este em nada remonta aos reformadores. A volta às Escrituras, tanto para Lutero como para Calvino, foi a redescoberta da Palavra que Deus fala aos homens pelos profetas e, especialmente, por Jesus Cristo. Inclusive, os próprios reformadores distinguiam entre textos mais ou menos inspirados¹⁶¹. O máximo que se pode dizer é que eles foram pré-críticos em seus estudos da Bíblia. Logo, atribuir aos reformadores como sendo os pais do conservadorismo protestante é insensato e desonesto, pois o conservadorismo protestante é relativamente recente. Ele surge como uma reação ao modernismo teológico no

¹⁵⁷ DE MATOS, Alderi Souza. *Op. Cit.* p. 286.

¹⁵⁸ ALEXANDER, Daniel. *Is fundamentalism an integralism?* Social Compass, ano 32, n. 373, 1985. Disponível em: <<http://scp.sagepub.com/cgi/content/abstract/32/4/373>>. Acesso em: 02 de fev. 2010.

¹⁵⁹ Ver entrevistas em anexo.

¹⁶⁰ DE FARIAS, José Jacinto Ferreira; STILWELL, Peter; TEIXEIRA, Alfredo & Das NEVES, Joaquim Carreira. *Op. Cit.* p. 67.

¹⁶¹ MARSDEN, George M. *Op. Cit.* p. 98.

fim do século XIX na Inglaterra e nos Estados Unidos¹⁶², pretendendo ser uma adesão consciente aos ensinamentos bíblicos.

Como reação ao modernismo, o conservadorismo protestante pretendia ser o verdadeiro cristianismo, limitando-se à Bíblia e sua interpretação literal, sem recorrer ou aceitar qualquer método fora da Bíblia. A hermenêutica conservadora é bastante simples e parte de princípios preliminarmente aceitos como certos, sem necessidade de comprovação. Sendo estes dois princípios gerais: Toda a Escritura é divinamente inspirada e algumas partes da Escritura subordinam-se à outras, para serem bem compreendidas e interpretadas.

Apesar do conservadorismo defender uma recusa dos postulados filosóficos, ele mantém uma estreita ligação com a filosofia do senso comum desenvolvida pelo filósofo escocês Thomas Reid, assim como também o faz o fundamentalismo. Os fundamentalistas sempre estiveram num embate com os liberais, expresso na disputa sobre a teoria darwiniana da evolução das espécies. O principal conflito refere-se à oposição entre o método indutivo e o dedutivo, empirismo e idealismo. Essas duas posições tentam explicar a origem do conhecimento. Como descrito no dicionário de filosofia:

O empirismo vê na experiência sensorial a verdadeira fonte do conhecimento (...). O idealismo vê na idéia a verdadeira fonte (...). Enquanto o empirismo usa o método indutivo, o idealismo é dedutivo (...). O método indutivo é o tipo do raciocínio que parte de um certo número de proposições singulares ou particulares para chegar a uma proposição universal enquanto que o dedutivo é o tipo de raciocínio que vai do princípio às conseqüências, através de termos intermediários, que estabelecem uma cadeia de raciocínios.¹⁶³

Na filosofia moderna, os dois nomes da disputa entre empirismo e idealismo são os de Francis Bacon (1561-1636) e René Descartes (1596-1650). Para Descartes, o conhecimento das ciências é o processo racional, enquanto que Francis Bacon afirmava que o conhecimento é baseado na observação e na experimentação¹⁶⁴. Outro filósofo importante que contribuiu muito para o empirismo e a filosofia do senso comum foi David Hume (1711-1766), mas foi com Thomas Reid (1710-1796) que a filosofia do senso comum tomou forma. Para ele, o conhecimento mediado pelo senso comum está ao alcance de todas as pessoas medianas. Não há necessidade de conhecimentos filosóficos para que uma verdade seja conhecida.¹⁶⁵

¹⁶² MARSDEN, George M. *Op. Cit.* p. 11

¹⁶³ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 377.

¹⁶⁴ STÖRING, Hans Joachim. *História geral da filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 260.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 304.

Nos Estados Unidos, a filosofia do senso comum tornou-se, assim, muito importante, sendo ensinada em todos os colégios. Já no século XIX, a filosofia do senso comum fornecia uma base inquestionável para uma filosofia das ciências e, principalmente, compreendia a religião numa forma global. Ela forneceu os elementos para a confirmação racional e científica das verdades bíblicas, às quais qualquer pessoa tinha possibilidade de conhecer. Conforme Mendonça e Velásquez, essa filosofia ressalta os seguintes pontos:

- 1- A verdade é universal, transcende ao tempo e ao espaço, não é mutável, nem se adapta às circunstâncias.
- 2- A linguagem é capaz de transmitir o mundo real.
- 3- O memória é suficiente para o conhecimento do passado com a objetividade, e que a Bíblia é um depositário da memória fiel do passado.
- 4- A Bíblia, portanto, é uma fonte exclusiva do conhecimento de Deus (regra única e infalível de fé e prática).¹⁶⁶

A Bíblia, portanto, torna-se a única fonte do conhecimento de Deus. Conseqüentemente, a Igreja e o mundo dependem da interpretação literal do texto bíblico. Qualquer outra atitude mostra a intenção de negar ou destruir a revelação divina. Interessante se faz a análise de Campos:

(...) todo o conhecimento teológico passou a depender de uma interpretação literal da Bíblia. Daí porque o predomínio final do fundamentalismo se deu com a aceitação da teoria da inerrância da Bíblia; do anti-ecumenismo; da negação do Evangelho Social; da recusa da ideologia comunista; da volta do posicionamento anticatólico; de uma retomada da escatologia como revigoração da crença na volta corporal e visível de Jesus no juízo final; no milênio e na ressurreição dos mortos.¹⁶⁷

Tanto o conservadorismo protestante como o fundamentalismo têm o mesmo objetivo: distinguir as doutrinas fundamentais do cristianismo e preocupar-se com o estabelecimento da verdade doutrinária. Daí, surge entre 1909 e 1915 uma série de folhetos chamados *The Fundamentals*¹⁶⁸, tentando expor e sintetizar a teologia conservadora existente, sendo estas: conservadorismo britânico e conservadorismo norte-americano. O conservadorismo assumiu duas vertentes distintas: uma que enfatizava a experiência religiosa e outra que valorizava a pureza da doutrina. Resumindo: pietismo e fundamentalismo. Contudo, o termo

¹⁶⁶ MENDONÇA, Antônio G. & VELASQUES, Prócoro. *Op. Cit.* p. 202.

¹⁶⁷ CAMPOS, Leonildo Silveira. Fundamentalismo e ecumenismo- exercício de tolerância. In: DIAS, Z. M. (org.). *Os vários rostos do fundamentalismo*. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), 2009.

¹⁶⁸ COUCH, Mal (org.). *Op. Cit.* p. 11.

fundamentalismo realmente adquiriu algumas características pejorativas a que nenhum cristão gostaria de estar aliado visualmente, mas internamente... Algumas características interessantes podem ser enumeradas sobre o fundamentalismo: ideológico, fechado, maniqueísta, reducionista, incoerente, unilateral, sectário¹⁶⁹...

Nesse sentido, torna-se oportuna a confissão de fé de um fundamentalista:

O fundamentalismo através dos tempos é o único representante do cristianismo verdadeiro. Pois todo e qualquer um que se julga cristão deverá se basear nos princípios fundamentalistas independente do grupo denominacional ou religioso a que pertença, ou seja, mesmo que não se autodenomine “fundamentalista” terá de ter em seu coração as crenças fundamentalistas para poder ser cristão.¹⁷⁰

Não seria esse o primado da “verdade” do fundamentalismo? É curioso o que o teólogo presbiteriano Augustus Nicodemus aponta num artigo, onde ele afirma que o fundamentalismo protestante, a despeito das diferenças internas, tem os seguintes pontos em comum:

- A inspiração, infalibilidade e inerrância das Escrituras.
- A divindade de Cristo.
- O nascimento virginal de Cristo e os milagres.
- O sacrifício propiciatório de Cristo.
- Sua ressurreição literal e física e seu retorno.¹⁷¹

Ora, não seriam esses os cinco dogmas essenciais formulados pelos teólogos presbiterianos de Princeton em 1910? Estes dogmas, mais tarde, se uniriam a outros que se tornariam no famoso volume *The Fundamentals*, uma forma de refutar a “alta crítica” e enfatizar a importância da difusão da suposta “verdade” dos Evangelhos. Assim declara Z. Dias:

Nos cerca de 150 anos de presença protestante no Brasil, podemos perceber, com relativa facilidade, a presença do espírito fundamentalista entre nós. Principalmente entre as igrejas oriundas do trabalho missionário das igrejas norte-

¹⁶⁹ DE AZEVEDO, Mateus Soares. *Homens de um livro só: o fundamentalismo no islã, no cristianismo e no pensamento moderno*. Rio de Janeiro: Nova era, 2008, p. 76.

¹⁷⁰ FERREIRA, José Laerton A. *Fundamentalismo: sua base, sua história e o seu valor para a Igreja*. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org>>. Acesso em: 02 de fev. 2010.

¹⁷¹ DA SILVA, Juliana Guedes Cordeiro da Silva. *Op. Cit.* p. 13.

americanas que refletiram, ao longo de sua história, numa versão tupiniquim, os embates teológicos que estremeciam suas matrizes norte-americanas.¹⁷²

Para a próxima sessão, um episódio, em particular, chamado “Inquisição sem fogueiras” foi revivido a fim de exemplificar o lado feroz do fundamentalismo na então consolidada IPB. Nesse sentido, os atores também serão lembrados, juntamente com suas atitudes que irão influenciar toda uma trajetória posterior.

2.3 Os conflitos na virada do primeiro século: “Inquisição sem fogueiras”

A Igreja Presbiteriana do Brasil inicia a década de 1950 com profundas crises em seu seio propiciadas pelo movimento fundamentalista, o que se constata na postura mais rígida e menos democrática para com seus fiéis seguidores. Primeiramente, como é próprio da característica fundamentalista, a Igreja procurou seus opositores, contra os quais ela teria que lutar, ou até mesmo eliminar, para que a ordem fosse estabelecida. Os seus piores inimigos podem ser chamados de: catolicismo, ecumenismo, modernismo e comunismo.

Prisioneira da ideologia dominante no mundo ocidental, capitaneado pelos interesses dos Estados Unidos, a Igreja assumiu como sua missão participar da luta anti-comunista deflagrada pela Guerra Fria que se estabelece após a II Guerra Mundial. Assim, a questão do “comunismo” tornou-se tão forte para a Igreja que, nos anos de 1954 e 1956, o Supremo Concílio pronuncia-se a respeito do “inimigo”, afirmando:

Quanto à consulta do Presbitério do Botucatu sobre um membro da IPB, com ideias francamente comunistas, poder tomar parte nos trabalhos da Igreja, como dirigir classe de Escola Dominical, etc., o SC resolve responder que há incompatibilidade entre o comunismo ateu e materialista e a doutrina bíblica e os símbolos de fé da IPB... Em referência à atitude cristã quanto ao comunismo, persistimos em pregar a realidade do poder transformador do evangelho de Cristo, crendo que o comunismo é uma filosofia de vida contrária ao espírito e à doutrina evangélica.¹⁷³

Para o fundamentalismo, o comunismo e todas as manifestações anti-capitalistas, eram o inimigo político a ser combatido. Muitas correlações foram feitas entre o anti-cristo e o

¹⁷² DIAS, Z. M. Fundamentalismo- o delírio dos amedrontados (anotações socioteológicas sobre uma atitude religiosa. Ibidem, p. 35.

¹⁷³ DIGESTO PRESBITERIANO. Resoluções do Supremo Concílio. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/download/arquivos/digesto_ipb_1951-1960.pdf>. Acesso em 01 jun. 2009.

comunismo, na interpretação milenarista dispensacionalista do fundamentalismo. Bonino aponta que esta correlação é fruto de uma admiração que se tem da ideologia estadunidense e a ideologia de classe, no caso, da classe média com tendências à direita política.¹⁷⁴

Na visão fundamentalista, ser um defensor da sã doutrina é ser um combatente do projeto fundamentalista, é estar ao lado de Deus. A partir desse parâmetro, a Igreja separa os “ortodoxos” e os “hereges”. Segundo Rubem Alves, converter-se ao *status* fundamentalista é trancafiar-se numa jaula de ferro:

Uma vez convertido, o indivíduo se descobre prisioneiro de um sistema de conhecimento absoluto, que deve ser afirmado sem dúvidas e sem concessões. Trata-se de um sistema global fechado: conhecimento que não pode ser contraditado por experiência alguma. O discurso passa a ser o seu próprio ponto de referência. Nenhuma experiência que lhe é exterior pode ser invocada para criticá-lo. Tudo o que verifica, nada o falsifica. Discurso e ser se superpõem.¹⁷⁵

Para João Dias de Araújo, o movimento fundamentalista inseriu-se de forma tão agressiva nos “arraiais” presbiterianos que, pela primeira vez na história do cristianismo brasileiro, forma-se uma equipe de “caçadores de heresias”¹⁷⁶. Este processo se manifestou veementemente no período do militarismo no Brasil pós-64. Alguns acontecimentos podem ser citados: os movimentos de jovens foram dissolvidos e os seminários sofreram intervenções; dezenas de alunos foram expulsos; professores foram demitidos; jornais foram fechados; enfim, a reação foi violenta e radical.

Os defensores das novas ideias foram impiedosamente denunciados como modernistas, hereges, adeptos do evangelho social, comunistas e ecumênico-romanistas. O Setor de Responsabilidade Social da Igreja, da Confederação Evangélica do Brasil (CEB), da qual a IPB fazia parte, foi dissolvido e seus diretores despedidos, imediatamente após o movimento militar de 1964, acusados de subversivos.

João Dias de Araújo elucida de forma resumida e prática a história do presbiterianismo brasileiro em cinco períodos. Estes compreendem desde à sua formação e consolidação até momentos mais difíceis para a vida da Igreja, iniciados, sobretudo, a partir de 1954. Os cinco períodos, ou fases, são compreendidos da maneira como se organiza abaixo.

O primeiro período marca os primeiros esforços da influência dos missionários da Junta de Nova York e pela atuação marcante do primeiro pastor presbiteriano brasileiro, o ex-

¹⁷⁴ BONINO, José Miguez. *Op. Cit.* p. 48.

¹⁷⁵ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 63.

¹⁷⁶ DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p. 2.

padre José Manuel da Conceição. Estabeleceu-se a infra-estrutura da Igreja: a escola dominical; distribuição de Bíblias, as pregações evangelísticas, a literatura devocional e de propaganda de fé, o jornal da Igreja, a educação teológica, a estrutura conciliar, a hinódia e a educação.¹⁷⁷

O segundo período foi o de expansão missionária até a organização do Sínodo Brasileiro. Nesse período, o presbiterianismo brasileiro recebe outra influência com a chegada de missionários da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos (IPS) enviados pela Junta de Nashville. No ano de 1888 havia no Brasil vinte missionários estrangeiros e doze pastores nacionais. Havia cinquenta e nove Igrejas e quatro presbitérios: do Rio de Janeiro, de Pernambuco, de Minas Gerais e de São Paulo¹⁷⁸. As sessões do primeiro Sínodo foram realizadas na Igreja do Rio de Janeiro, de 30 de agosto a 19 de setembro de 1888.¹⁷⁹

O terceiro período é de lutas eclesiais e de cisão em 1903. Foi um período cheio de problemas, pois, além da febre amarela, a Igreja viu-se envolta numa luta pelo poder entre os missionários estrangeiros que dirigiam a instituição e um número significativo de pastores brasileiros interessados em participar diretamente das instâncias de direção da Igreja. Nesse processo de “nacionalização” da Igreja destaca-se a figura do Rev. Eduardo Carlos Pereira. Quando o Sínodo se reuniu em 1903, três problemas agitavam a Igreja: a questão missionária, a questão maçônica e a questão educativa. Nesse Sínodo deu-se a primeira cisão no protestantismo brasileiro. Sete ministros e quatorze presbíteros se retiraram da IPB no dia 31 de julho e fundam a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPI)¹⁸⁰. Isto é, independente das missões norte-americanas.¹⁸¹

No quarto período a figura de destaque é Erasmo Braga, considerado uma das maiores expressões do protestantismo brasileiro. Vários fatos importantes aconteceram nesse período. Houve crescimento tanto na IPB como da IPI (1903-1917). Três sínodos formaram a Assembléia Geral da IPB em 1910: o Sínodo do norte, o Sínodo do Sul e o Sínodo Central (a Assembléia Geral seria chamada, anos mais tarde, Supremo Concílio). A nova política de relações entre a Igreja brasileira e as missões norte-americanas foi aprovada pela Assembléia Geral em 1917, na qual se estabeleceu uma divisão de campos de trabalho entre missionários e pastores brasileiros. Os missionários ficavam nos novos campos do interior e os pastores nacionais nos grandes centros e nas igrejas estabelecidas. Foi criada a Comissão “Modus

¹⁷⁷ FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, Vol. I, p.6.

¹⁷⁸ DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p. 6.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 6.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 7.

¹⁸¹ *Idem*.

Operandi” composta por três representantes de cada entidade: da Junta de Nashville, da Junta de Nova York e da IPB.¹⁸²

Por fim, o quinto período que vai da formação da Comissão “Modus Operandi” até a Campanha do Centenário. Neste período há uma grande expansão dos campos missionários e uma proliferação de novos presbitérios. Por outro lado, a Igreja começa a debater seriamente a sua missão dentro da realidade brasileira, ao completar um século de existência. Criou-se a “Junta Mista de Missões Nacionais”, depois chamada “Junta de Missões Nacionais” (JMN), para os pontos estratégicos. Na parte final deste período e nos quinze anos após a celebração do centenário grandes conflitos ideológicos/teológicos agitaram a vida da IPB, compreendendo as datas de 1954 até 1974.¹⁸³

O último período, que tem como data importante o ano de 1954, é marcante pela morte do presidente Getúlio Vargas, no auge de uma crise política. Nesse mesmo tempo, a Comissão executiva do Supremo Concílio (SC/IPB) publica uma resolução onde fica claro que a Igreja almejava um regime mais autoritário e rígido, visto que pensavam ser a democracia vigente muito liberal.¹⁸⁴

É instalada uma espécie de *Inquisição sem fogueiras*¹⁸⁵. Esse espírito inquisitorial foi despertado e reativado pelo movimento fundamentalista que *usando as armas da difamação, da mentira e da calúnia, acendem as fogueiras morais e espirituais contra seus irmãos que pensam diferente*.¹⁸⁶

Concomitante a este posicionamento intolerante por parte da Igreja, estoura o Golpe Militar de 64 que, para Valdir Gonzáles Paixão¹⁸⁷, foi encarado como uma espécie de salvação da nação das mãos dos “comunistas”, concepção esta expressa por grande parte da sociedade brasileira da época. Os comunistas eram tidos como inimigos a serem vencidos na nação brasileira, assim como também eram inimigos da IPB e do fundamentalismo. Em junho de 1964, a IPB se pronuncia sobre o Golpe Militar no Jornal Brasil Presbiteriano.

Cremos que os presbiterianos, seja qual for seu partido político, devem a si mesmo, a Cristo e à nação, uma atitude positiva de participação nas tarefas imensas que aguardam o país. O presidente da República tem-se revelado um

¹⁸² DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p . 8.

¹⁸³ *Ibidem*, p. 9.

¹⁸⁴ DIGESTO PRESBITERIANO. Resoluções do Supremo Concílio. Disponível em:< http://www.ipb.org.br/download/arquivos/digesto_ipb_1951-1960.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2009.

¹⁸⁵ DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p.14.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p.15.

¹⁸⁷ PAIXÃO JÚNIOR, Valdir Gonzales. *Poder e Memória: o autoritarismo na Igreja Presbiteriana do Brasil no período da ditadura militar.* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008, p. 164.

cidadão sereno, judicioso, bem intencionado e capaz. Desde as primeiras horas do exercício da presidência, suas palavras austeras, sua firmeza, sua moderação na vitória, imprimiram aos acontecimentos um rumo conveniente e tranquilizador. Merece, com seu governo, o apoio dos cristãos, que devem constantemente orar por ele, e positivamente participar da vida nacional.¹⁸⁸

Apoiando o regime militar, os líderes da IPB, ao colocarem no mesmo uma perspectiva messiânica apoiada no expurgo aos comunistas e seus simpatizantes, foram contra às próprias bases do protestantismo: liberdade religiosa e a própria democracia política. Interessante se faz a análise daquilo que Bourdieu denominou de “troca simbólica” entre o poder político e o poder religioso:

A Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões desta ordem, pela consecução de sua função específica, qual seja a de contribuir para a manutenção da ordem simbólica (...) ao lançar mão da autoridade propriamente religiosa que dispõe a fim de combater, no terreno propriamente simbólico, as tentativas proféticas ou heréticas de subversão da ordem simbólica.¹⁸⁹

Com seu apoio direto ao Golpe Militar, a IPB passou a imitar constantemente os modos autoritários utilizados pelo regime no combate aos seus inimigos, principalmente no período que se segue à eleição de Boanerges Ribeiro ao SC/IPB em 1966. Essa figura chave, utilizava o *Jornal Brasil Presbiteriano*, uma vez que era diretor e redator do mesmo, para anunciar suas ideias contra o comunismo, ecumenismo e modernismo, chegando mesmo a criar a expressão “ecumenista” para vincular o ecumenismo com o comunismo. Algumas palavras eram essenciais em seus artigos, tais como: ordem, disciplina, firmeza e submissão à lei¹⁹⁰. Em um dos seus editoriais, Boanerges defende a ideia de um fim da crise ora instalada:

Sim, tivemos crise, vivemos hoje na crise. Mas parece que já se avistam os sinais do amanhecer. Já é universal a compreensão de que a causa da crise não são os senhores presidente, secretário executivo e tesoureiro do Supremo Concílio. Já vemos todos que nossa crise não é de hoje- ela vem de dias distantes, quando se impôs ao Supremo que, às pressas sem demorado exame, elege-se para lecionar num certo seminário certo professor. A crise explodiu (...). A Igreja está decidida a enfrentá-la e a superá-la, com o poder do Espírito Santo. Já se encerrou a fase de indecisão e perplexidade; o estupor da primeira realização de que também nossa IPB está incluída nas predições das Sagradas Escrituras sobre o erro sutilmente

¹⁸⁸ **JORNAL BRASIL PRESBITERIANO**. São Paulo, ano VII, n. 9, junho de 1964, p. 3 *apud* PAIXÃO JÚNIOR, Valdir Gonzales. *Op. Cit.* p. 174.

¹⁸⁹ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 70.

¹⁹⁰ PAIXÃO JÚNIOR, Valdir Gonzales. *Op. Cit.* p. 181.

introduzido na Igreja; sobre a ambição de poder usando a Igreja para fins egoísticos; sobre a corrupção.¹⁹¹

O referido professor era o Dr. Richard Shaull, que havia lecionado no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas. A ele foi creditada a responsabilidade da crise instaurada na IPB pelo fato de ter proposto uma perspectiva teológica não-fundamentalista, ecumênica e mais consentânea com as exigências da situação histórica que desafiava a Igreja.

No dia 15 de julho de 1966, o *Jornal Brasil Presbiteriano*¹⁹² trazia em sua primeira página o seguinte título: “Eleito Boanerges Ribeiro presidente do Supremo Concílio”. Logo abaixo, Boanerges Ribeiro havia escrito um artigo iniciado com o seguinte título sugestivo: “A Igreja na frente de Batalha”. Essa batalha, para ele, era concebida “Em nome do Senhor Jesus”¹⁹³ para combater os inimigos, chamados: modernismo, ecumenismo e comunismo. Sua autoritária atuação como presidente do SC e seu controle estrito da vida institucional o levou a reeleger-se por mais dois mandatos, mantendo-se no poder até o ano de 1978.¹⁹⁴

No período de Boanerges, a Igreja, que até então tinha um sistema organizacional democrático, ou seja, um governo representativo, foi corrompida por uma gestão administrativa totalitária e ditatorial. João Dias de Araújo dá um exemplo bem claro desse autoritarismo:

O jornal da Igreja, *Brasil Presbiteriano*, que era um órgão de informações e debates de opinião, foi reduzido a um tipo de Diário Oficial, que publica as decisões dos Concílios. Ninguém pode escrever artigo que contenha opinião diferente da do diretor do jornal que é, ao mesmo tempo, o presidente da Igreja. Na 1ª página saem as notícias de despojamentos de pastores, dissoluções de presbitérios e Sínodos... pastores e leigos são “denunciados falsamente perante os órgãos de segurança”. Missionários são expulsos e “acusados” de subversivos... comissões especiais são constituídas com poderes superiores a todos os concílios e não dão satisfação aos concílios sobre as arbitrariedades.¹⁹⁵

Com Boanerges no poder, instaura-se aquilo que Tavares Neto chamou de “imitação” da ditadura no Brasil em 1964. A intolerância com aqueles que mantinham posições divergentes das assumidas pela liderança da Igreja passou a ter destaque na IPB:

¹⁹¹ **JORNAL BRASIL PRESBITERIANO**. São Paulo, ano IX, n. 11, junho de 1966, p.2 *apud* PAIXÃO JÚNIOR, Valdir Gonzales. *Op. Cit.* p. 182.

¹⁹² PAIXÃO JÚNIOR, Valdir Gonzales. *Op. Cit.* p.185.

¹⁹³ *Ibidem*, p. 186.

¹⁹⁴ DE MATOS, Alderi Souza. *Op. Cit.* p. 37.

¹⁹⁵ DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p.16.

Assim como no Brasil deu-se a perseguição aos comunistas e a muitos intelectuais, artistas, jornalistas, políticos onde muitos morreram ou foram extraditados e ainda outros exilados, diante do quadro inquisidor do SNI, DOPS, etc; em nome do fundamentalismo moralista instalado na IPB, muitos teólogos e líderes foram cassados por suas posições ou convidados a retirarem-se. Somente não mataram e exilaram, mas o fizeram de maneira velada, quando isolaram a vida dos que eram contrários e de suas famílias, à ditadura presbiteriana e, com muito jeito, convidaram-nos sorratamente a se desligarem da Igreja.¹⁹⁶

Essa manutenção de Boanerges no poder por doze anos se deve, principalmente, ao consenso ideológico do “inimigo a ser vencido”. O inimigo era visto como o *herege* ou *desviante* que colocava em risco a fé e a tradição. Na análise de Rubem Alves, esta questão da ortodoxia e da heresia se relaciona mais a uma esfera política que epistemológica:

Ortodoxos são aqueles que tiveram poder político para impor suas definições. Ortodoxia, portanto, contém sempre as ideias dos mais fortes. Heresia, completamente, indica as ideias dos mais fracos. Não tiveram poder político para impor suas definições sobre a comunidade eclesial. A questão da definição da verdade, em última análise, é uma questão de poder.¹⁹⁷

O fundamentalismo e o conservadorismo formaram a base da intolerância gerada pela concepção de posse de uma verdade absoluta, o que trazia a necessidade de estigmatização do herege, daquele que pensasse diferente do poderio estabelecido. Como afirma Valdir Gonzales Paixão¹⁹⁸, os hereges não eram somente aqueles que defendiam uma interpretação bíblico-teológica diferente, mas também, aqueles que mantinham uma concepção e prática política divergente da oficial. Exemplos claros dessa censura, repressão e exclusão são narrados por João Dias de Araújo com a descrição de quatro classes de exilados que surgiram na IPB:

- 1ª Pastores e leigos que não conseguiram ficar dentro da estrutura da Igreja, e foram obrigados a sair para outras igrejas;
- 2ª Aqueles que emigraram para outras nações da América Latina, América do Norte e Europa a fim de poderem trabalhar com mais liberdade;
- 3ª Aqueles que permanecem dentro da estrutura, vivendo como exilados e sofrendo as maiores humilhações;
- 4ª Aqueles que foram despojados, na maioria, sem serem ouvidos, e foram colocados no ostracismo.¹⁹⁹

¹⁹⁶ TAVARES NETO, José Querino. *Igreja Presbiteriana do Brasil: Poder, Manutenção e Continuidade*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). IFCH/UNICAMP, Campinas, 1997, p. 49.

¹⁹⁷ ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 126.

¹⁹⁸ PAIXÃO JÚNIOR, Valdir Gonzales. *Op. Cit.* p. 218.

¹⁹⁹ DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p. 98.

Havia nesse período um tipo de vigilância realizada por pessoas nas mais diversas regiões eclesíásticas da IPB e que mantinham relação direta de confiança com o presidente do SC/IPB. Muitas das vezes, até mesmo os familiares se encarregavam das denúncias.

João Dias de Araújo transcreve uma lista com quase cinquenta nomes de pastores que foram direta ou indiretamente colocados fora do pastorado da IPB, por exemplo: Rubem Alves, Israel Furtado Gueiros, Zwinglio Mota Dias, Domício Pereira de Mattos, Carlos Araújo, Samuel Martins Barbosa e muitos outros.

Os fundamentalistas têm medo do novo, por isso eles tentam preservar o velho a qualquer custo, pois o novo é surpreendente e inesperado, o que pode causar dúvidas, incompletude. O herege, como assinala Rubem Alves, vive num mundo que se move, ainda incompleto, aberto, inacabado; a busca é necessidade primordial. O fundamentalista já tem a sua verdade e *o destino daqueles que pretendem possuir a verdade é a intolerância*²⁰⁰. Essa postura intolerante e cruel marcou para sempre a vida da Igreja. A virada do primeiro século deveria ter sido motivo de comemorações, uma vez que o presbiterianismo, apesar de muitos problemas, como as cisões, conseguiu se estabelecer em solo brasileiro. Mas, o “corpo da Igreja” estava, ainda está, doente e o modernismo é a causa desse desequilíbrio, ele é o câncer que corrói o corpo perfeito e verdadeiro da Igreja. É salutar entender que, a característica fundamental do fundamentalismo, o literalismo, passa por uma interpretação interessada, uma analogia, para privilegiar e salvaguardar as ideias do grupo.

A Igreja Presbiteriana do Brasil na sua fase da Campanha do Centenário (1949-1959) anunciou-se com o seguinte *slogam*: “A IPB é a Igreja de elite”²⁰¹. Os presbiterianos tinham essa falsa convicção de que faziam parte da elite dominante no Brasil. Eles foram, e ainda são, uma minoria, que precisa se reafirmar sempre para se manter viva frente às novas transformações ocorridas na sociedade: especialmente o novo. Essa postura é sempre feita através de uma atitude defensiva e as regras para os seus membros tendem a ser muito rígidas, fechadas e intolerantes. Nos Supremos Concílios de 1966 até 1974 bradava-se: *Quem não gostar do feijão presbiteriano, que saia da IPB*²⁰². Os fanáticos eram ainda mais radicais: *IPB- Ame-a! ou Deixe-a!*²⁰³

²⁰⁰ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. p. 327.

²⁰¹ DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p 111.

²⁰² *Ibidem*.

²⁰³ *Ibidem*.

2.4 A situação presente

Foi visto que, na virada do primeiro século de consolidação do presbiterianismo em solo brasileiro, aconteceram muitas tensões e polêmicas que incidiram em situações muito complicadas para serem resolvidas por seus atores principais. Questões como ecumenismo, modernismo, comunismo e catolicismo causaram árduas separações no seio do presbiterianismo, motivadas pela postura de um grupo minoritário, conservador e fundamentalista que detém o poder e não entende que a configuração mundial é dinâmica e está sempre se transformando. Em contrapartida, com o passar dos anos, além desses problemas apontados acima, outros vão surgindo como resultado do processo de secularização. Um dos grandes temas que os fundamentalistas têm que enfrentar, por exemplo, é o pluralismo religioso contemporâneo; o que vai ser trabalhado mais detalhadamente nos próximos parágrafos.

Para se entender o delineamento do atual presbiterianismo, interessante se faz a análise sobre as perspectivas da Igreja em solo brasileiro. Primeiro, a IPB teve uma motivação inicial de “desromanizar”²⁰⁴ o povo brasileiro, numa atitude *desculturizadora* de conversionismo, ao invés de cooperar com o catolicismo no esforço de apresentar Cristo, a Palavra de Deus ao homem brasileiro.

Outro ponto interessante foi a ênfase desenvolvida à fidelidade devida aos homens que dirigiram os concílios e o cuidado com as propriedades da Igreja. João Dias de Araújo assinala que se criou um mito de que os homens eleitos para os altos cargos de administração da Igreja eram intocáveis e de que as propriedades materiais faziam parte da essência da Igreja, o que leva a pensar em um retorno ao espírito medieval. Segundo João Dias de Araújo:

Para ser considerado um “bom cristão”, era preciso ser “bom presbiteriano”, fiel aos dirigentes da Igreja e sempre pronto a reconhecer que os bens imóveis das comunidades locais não pertenciam, por direito, aos membros dessas comunidades, mas aos concílios superiores. Deu-se claramente a entender que a fidelidade a Cristo não era tão importante como a subserviência aos presidentes dos concílios e aos guardiães dos bens imóveis.²⁰⁵

Terceira questão foi quando a IPB enfrentou seu momento de crise, analisado no capítulo anterior, quando a Constituição Jurídica deixou de funcionar de modo imparcial e

²⁰⁴ DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p. 118.

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 119.

positivo para se transformar em tribunal e o código de disciplina passou a ser tratado como um código penal, impedindo a assimilação de novas expressões de vida espiritual dentro da Igreja. Os grupos da “renovação espiritual”, da “responsabilidade social” e do “ecumenismo” foram marginalizados ou extirpados porque se constituíram em ameaça à estrutura rígida da constituição vigente.²⁰⁶

O advento de novas perspectivas teológicas conhecidas sob a expressão “teologias da libertação” possibilitou novas alternativas para o corpo pastoral da IPB. A interrogação que se impôs foi a seguinte: “permanecer na Igreja ou sair dela para uma nova experiência?”²⁰⁷. Os que decidiram permanecer entenderam ser esta a melhor opção, porque, embora com dificuldades, deveriam dar *testemunho* dentro da estrutura²⁰⁸. Outros, corajosamente, abandonaram a instituição por entenderem que as posições eram tão distintas que não seria possível uma “coexistência pacífica”²⁰⁹. João Dias de Araújo fala sobre o futuro da Igreja:

O que nos preocupa em relação ao futuro é que a IPB está se transformando em seita intransigente e fanática, atravessando uma síndrome inquisitorial de efeitos imprevisíveis. O fechamento, o isolamento e a intolerância destes últimos anos destruíram as futuras lideranças mais promissoras e autênticas. No futuro a IPB poderá ser vítima de lideranças medíocres e interesseiras... Balbuciando humildemente, diria que parece que Deus permitiu tudo isso não só para deixar cair a máscara, mas também para que a memória dessa crise fosse sempre uma advertência para que os protestantes brasileiros e do mundo inteiro aprendam a lição de que o caminho da fé reformada apareceu no século XVI para apontar a Igreja do século I e não da Igreja do século XIII.²¹⁰

Nessa perspectiva, o autor tece uma crítica à Igreja e seus líderes, afirmando que mal-interpretaram os ideais da Reforma. Na verdade, segundo ele, o que os Reformadores buscaram, sincera e ardentemente, foi a inspiração da Igreja dos tempos apostólicos, aquela que sempre serviu de estímulo para as aberturas do futuro.

Parece que o autor acertou em muitas de suas previsões, principalmente aquelas sobre liderança interesseiras e outras coisas do tipo. Um exemplo claro dessa situação é a dinâmica de manipulação do poder por parte dos líderes na Igreja. Desde os tempos do Rev. Boanerges Ribeiro, que assumiu a presidência do SC em 1966, o movimento tem sido de pouca renovação: quem assume a presidência geralmente é reeleito, ficando no poder por oito anos consecutivos, torna-se vice-presidente por mais quatro anos e assim vai sendo eleito para

²⁰⁶ DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p. 119.

²⁰⁷ *Ibidem*, p.120

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 121.

²⁰⁹ *Idem*.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 122.

outros cargos. Atualmente, a presidência do SC pertence ao Rev. Roberto Brasileiro Silva. Sua trajetória começa em 1994 como vice-presidente do SC, que vai até o ano de 2002. Já no ano de 2002 é eleito presidente do SC, mantendo-se no poder até o atual momento.²¹¹

Além do Rev. Roberto Brasileiro Silva, outras três figuras compõem o quadro de líderes da IPB eleitos pelo último Supremo Concílio de 2010, são eles: Rev. Juarez Marcondes, como vice-presidente; Rev. Ludgero Bonilha, como secretário executivo; e o presbítero Renato José Piragibe, como tesoureiro.²¹²

Na IPB, o poder é regulado pela Constituição da Igreja aprovada em 20 de julho de 1950²¹³. O governo da comunidade local reside no Conselho, que é formado pelo pastor, também denominado presbítero docente e presbíteros regentes (homens leigos, eleitos pela comunidade e ordenados pelo Conselho). As lutas em torno do poder emergem na própria comunidade local, pois os presbíteros, devido aos seus privilégios constitucionais, competem entre si e com o pastor. As mulheres, membros da Igreja, não podem ser votadas²¹⁴. A luta pelo poder também ganha corpo nos Concílios Superiores ao Conselho, por isso, esse campo religioso é marcado por constantes crises.²¹⁵

Outro aspecto da Igreja a ser considerado é a manutenção do poder que ocorre em função do discurso religioso (doutrina) e do controle do comportamento dos fiéis, através da disciplina eclesiástica. Segundo Robson da Costa de Souza: *Procura-se organizar racionalmente a experiência do fiel, submetendo o sujeito religioso aos acordos silenciosos da consciência coletiva da Igreja*²¹⁶. A partir dessa ideia, heresia e ortodoxia ganham espaço nessa tentativa de compreensão de lutas internas. Para Rubem Alves, os mecanismos para controle e eliminação do desvio das normas socialmente aceitas são intensas, operando em dois níveis: o nível do comportamento propriamente dito, isto é, aquilo que os homens fazem; o segundo está relacionado com o comportamento intelectual, ou seja, aquilo que os homens afirmam acerca da realidade²¹⁷. Nesse cenário marcado pelas relações de poder, os movimentos fundamentalistas disputam intensamente para obterem o controle do poder eclesiástico.

²¹¹ DE MATOS, Alderi Souza. *Op. Cit.* p. 325.

²¹² Dados obtidos pelo site oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. Disponível em: <www.ipb.org.br/portal>. Acesso em: 10 jul. 2010.

²¹³ Idem.

²¹⁴ Para o oficialato só poderão ser votados homens maiores de 18 anos e civilmente capazes. (CI/IPB, Art. 25, § 2º). Cf. IPB. *Manual Presbiteriano*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 18.

²¹⁵ DE SOUZA, Robson da Costa. *Discursos e práticas fundamentalistas na Igreja Presbiteriana do Brasil (2002-2008)- Uma análise da pretensa posição de equidistância dos extremos fundamentalistas e liberais*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009, p.88.

²¹⁶ Ibidem, p.88.

²¹⁷ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 109.

A atual liderança da IPB demonstra uma preocupação muito própria com a manutenção da perspectiva fundamentalista como norte para a Igreja. Seus principais expoentes escrevem exaustivos textos sobre questões atuais, como, aborto, eutanásia, homossexualismo, células-tronco e outros, sempre voltados para a preservação de atitudes tradicionais já consagradas. Também publicaram livros onde fica clara a ideia de um retorno aos fundamentos cristãos (na ótica fundamentalista) como uma forma de “vencer” ou “combater” as mazelas da modernidade. Em entrevista, perguntado sobre a posição teológica assumida pela IPB na atual conjuntura, o Rev. Guilhermino Cunha, ex-presidente do SC-IPB responde:

Olha, veja só, se você for olhar as verdades, as afirmações chamadas de *Fundamentals*, você vai perceber que no fundo a Igreja evangélica, ela é fiel a essas coisas básicas enquanto elas são fiéis às Sagradas Escrituras. Eu não tenho que aceitar nenhuma coisa que os pastores ou os antepassados disseram se estiver fora da Bíblia. Então, a minha mentalidade é uma mentalidade reformada de fidelidade a Cristo e sua palavra, a palavra de Deus. Eu não estou preocupado em agradar a quem quer que seja. Então, eu diria que o conservador é muito mais conservador na fidelidade à Bíblia, à sua posição ética.²¹⁸

O Rev. Augustus Nidodemus já se mostra mais sintético e objetivo em sua resposta: *é Conservadora*²¹⁹! Todavia, quando questionado sobre a diferença entre as duas vertentes, conservadorismo e fundamentalismo, responde:

Fundamentalistas e conservadores crêem que a Bíblia é a infalível e inerrante Palavra de Deus e aderem estritamente às confissões reformadas. Os fundamentalistas, todavia, não acreditam em diálogo com outras correntes e nem vêem muito proveito em aprender com as ciências.²²⁰

A história da IPB mostra que esse discurso é incoerente, principalmente no que tange à perspectiva do diálogo com outras correntes. Para um fundamentalista o diálogo torna-se tarefa impossível, visto que somente ele acredita possuir a verdade e o outro sempre estará na condição de infiel, pecador e decaído. Augustus Nicodemus fala mais sobre esse assunto:

Os evangélicos se engajaram em diálogo com católicos, liberais, neopentecostais e outras linhas sem que os pressupostos doutrinários tivessem sido traçados com clareza. Acredito que se possa dialogar e aprender com quem não é evangélico.

²¹⁸ Ver anexo 1.

²¹⁹ Ver anexo 3.

²²⁰ Ibidem.

Contudo, o diálogo deve ser buscado dentro de pressupostos e fronteiras bem delimitados. Hoje, os evangélicos têm dificuldades de delinear os limites do verdadeiro cristianismo a manter as portas fechadas para heresias.²²¹

Nesse sentido, qual seria o verdadeiro cristianismo? Segundo Augustus Nicodemus, a questão é como se interpreta a Bíblia de forma inerrante. Os evangélicos se tornaram vulneráveis a toda novidade interpretativa, como por exemplo, a teologia relacional, a teologia da prosperidade, a nova perspectiva de Paulo e outras. Os verdadeiros cristãos, desse modo, devem acreditar na infalibilidade da Bíblia, que é marca crucial do verdadeiro cristianismo. Afirma ainda:

Creio que a Bíblia foi escrita por autores sobrenaturalmente inspirados por Deus a ponto de ser verdadeira em tudo o que afirma, e isto não somente em matérias de fé e história da salvação. A escritura é livre de erros, fraudes e enganos; não pode errar por ser em sua inteireza a revelação do Deus verdadeiro. É não apenas testemunha da revelação, nem se torna revelação num mundo existencial, mas permanece a inerrante Palavra de Deus independentemente da resposta humana.²²²

A marca do fundamentalismo é muito forte nesse discurso, deixando claro que ideias de diálogo e ciência não fazem parte desse contexto carregado de verdades imutáveis e insolúveis.

Com a interação de elementos da modernidade, como: a globalização, o pluralismo religioso e a secularização, as entidades fundamentalistas, no contexto do protestantismo brasileiro, se fortaleceram, notadamente a IPB. Logo, seus líderes têm como meta o pronunciamento da posição da Igreja em virtude dessas novas demandas. Augustus Nicodemus faz uma reflexão sobre o pluralismo religioso:

Liberais, neo-ortodoxos e libertinos abraçaram com força o conceito de pluralidade. Com sua capa de academicismo e democracia, impulsiona disfarçado o velho relativismo que está no coração da ética libertina... o termo “pluralidade” é utilizado por muitos no sentido absoluto, para negar toda unidade, igualdade, harmonia e coerência que porventura existam no mundo, nas ideias, nas pessoas e nas culturas... a pluralidade é a testa-de-ferro do relativismo que infesta a mentalidade moderna, advogando a existência coerente de verdades contraditórias que devem ser igualmente aceitas, sem o crivo do exame da veracidade.²²³

²²¹ NICODEMUS, Augustus. *O que estão fazendo com a Igreja, ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*. São Paulo: Mundo cristão, 2009, p. 21.

²²² *Ibidem*, p. 61.

²²³ *Ibidem*, p. 45.

O autor deixa claro que a pluralidade está longe de ser um valor cristão, mesmo a Bíblia reconhecendo o sentido da diversidade. Os fundamentalistas acreditam que o discurso a favor do pluralismo favorece a legitimação de crenças e práticas que a revelação bíblica, na sua ótica, ensina serem incorretas e equivocadas e usam, até mesmo, a expressão *pecaminosas*²²⁴.

Sobre a globalização, alguns líderes da IPB manifestaram sua inquietação, conforme registrado no Jornal Brasil Presbiteriano:

A globalização e as novas tecnologias de comunicação fazem as informações circularem hoje com muita rapidez. Com isso, novas ideias, conceitos e comportamentos vão se espalhando com maior velocidade. Em meio a todo esse barulho, como os cristãos saberão responder, com ética e espiritualidade, à “nova ordem mundial” e seus novos padrões?²²⁵

É fato que a partir do advento da modernidade a manutenção de certezas subjetivas tornou-se algo complicado. Na obra *Modernidade Líquida*, onde o próprio nome já se faz sugestivo, o autor Zygmunt Bauman aponta que os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar foram as “lealdades tradicionais”²²⁶, os direitos costumeiros e as obrigações que amarravam pés e mãos, que impediam movimentos e iniciativas. Sobre esse processo, o autor assim esclarece:

Os tempos modernos encontram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável.²²⁷

No campo religioso, o reflexo dessa realidade se dá no indivíduo que se desenvolve num mundo onde não há mais valores comuns, que determine o agir nos diversos aspectos da vida, uma realidade idêntica para todos os indivíduos. Assim sendo, em novembro de 2007, aconteceu na Universidade Presbiteriana Mackenzie o III Congresso Internacional de Ética e Cidadania, onde o renomado sociólogo e teólogo Dr. Guinness afirmou o seguinte:

²²⁴ PACE, Enzo e STEFANI, Pierro. *Op. Cit.* p. 27.

²²⁵ FERREIRA, Letícia. Ética cristã deve ser pautada no amor e na Bíblia. Brasil Presbiteriano, São Paulo, Outubro de 2004. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/versao_pdf/bp_outubro2004.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2010.

²²⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 10.

²²⁷ *Ibidem*, p. 10.

Venho lutando durante toda minha vida adulta com os desafios da chamada “modernidade” e, mais recentemente, “globalização”. Digamos que o mundo moderno, ou o mundo criado pela revolução industrial, é o maior desafio que a Igreja tem enfrentado, assim como a maior oportunidade desde os tempos apostólicos. O desafio não está em ideias ao cristianismo, ainda que existam ideias perigosas, mas na força do mundo moderno em nos moldar de uma maneira que danifica nosso testemunho cristão. Um exemplo, é a maneira como a fé pode ser “privatizada”, ou seja, restrita e uma esfera privada e excluída do mundo real, da esfera pública, tornando-se “privadamente engajada e publicamente irrelevante”.²²⁸

O grande desafio da humanidade é um ideário de uma unidade mundial, o que se apresenta como sendo algo muito antigo. Os profetas, pensadores já haviam predito isto, embora apenas nas últimas décadas se tenha materializado numa rede de comunicação informática, econômica e política que cruza e enche o globo terreno. Por mais que os fundamentalistas tentem negar ou rejeitar, a ideia de globalização (da unidade) está presente em cada um dos indivíduos; destacaremos seus cinco principais momentos:

- a) Existe uma globalização genética, expressa no genoma humano que nos precede e fundamenta; formamos uma só raça, composta de homens e mulheres capazes de coabitar e gerar.
- b) A globalização lingüística supõe a anterior e se concretiza na comunicação verbal. Somente com o homem sábio nasceu a verdadeira linguagem, que pode se dividir em milhares de idiomas concretos; todos eles implicam uma mesma possibilidade de comunicação.
- c) Existe uma globalização religiosa, vinculada às duas anteriores e de origem muito antiga, que permite que todos os povos compartilhem uma mesma possibilidade de experiência e comunicação sacral. Por volta do ano 600 A.C. não havia ciência estritamente dita, nem unidade política no mundo; contudo alguns humanos perspicazes proclamaram a harmonia divina ou sagrada da vida, criando religiões universais.
- d) A globalização racional ou filosófica, inseparável das anteriores, expressa nas diversas culturas da humanidade (China, Índia...) recebeu um impulso decisivo na Grécia, por volta de 500 A. C., e se estendeu depois no Ocidente, desembocando no racionalismo e no iluminismo na Europa, com Descartes e Locke, Kant e Hegel (séculos XVII ao XIX). Há diversos tipos de pensamento, mas uma única razão de fundo, que vincula todos os humanos.
- e) A globalização “sistêmica” organiza de um modo científico as relações econômicas e políticas da humanidade. Como Marx já ressaltava, introduziram em todos os homens e mulheres da terra sob um mesmo sistema capitalista, que atualmente chamamos neoliberal.²²⁹

²²⁸ FERREIRA, Letícia. Mackenzie promove congresso com tema Cristianismo e cultura. Brasil presbiteriano, São Paulo, novembro de 2007. Disponível em: <http://ipb.org.br/versao_pdf_novembro2007>. Acesso em: 09 jun. 2010.

²²⁹ IBARRONDO, Xabier Pikaza. *Monoteísmo e globalização*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 10.

A tarefa pendente da humanidade para este novo milênio é que todos os povos e indivíduos convivam com dignidade e respeito em todo o “Globo Terra”, conforme expressão de Ibarondo. Pela religião e pelo pensamento, conhecia-se a unidade do gênero humano, mas somente agora se tornou uma tarefa urgente e se estende, incessante, a todos os recantos do planeta, de modo que o ser humano se vê e se sente como num pequeno mundo, aldeia universal: uma espécie; o “Globo Terra” é sua casa; a humanidade, sua família²³⁰, e lá se vão as divisões e muralhas entre povos e culturas, religiões e raças. É senhor do futuro da terra e deve cuidar dela a serviço de todos os humanos. Mas, também é tempo de dores, que podem ser de vida (parto) ou de simples destruição e morte: o forte turbilhão de unidade sendo colocado a serviço de um sistema de opressão e assassinato mundial, dirigido pelo capitalismo, de modo que muitos ficam fora de seus benefícios, morrem atropelados em sua marcha de violência. Dois caminhos se apresentam: abrir-se para um futuro de comunicação universal em gratuidade ou destruir sua própria humanidade num tipo de unificação global sem piedade, que mata os povos, culturas e pessoas.

²³⁰ BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 77.

CAPÍTULO III

DISCURSOS E PRÁTICAS FUNDAMENTALISTAS NA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

3.1 O incidente “Carl McIntire” e a consolidação das posições fundamentalistas na IPB

A vitalidade da Igreja Presbiteriana do Brasil esteve sempre arraigada à inspiração e trabalho de líderes e fiéis que acreditaram na efetiva consolidação da Igreja no país. Muitos deles foram e outros continuam sendo cruciais no seio desta instituição, seja no âmbito evangelístico, social, educacional e outros. Contudo, como é normal que aconteça, sempre há uma mente perigosa para corromper e colocar em risco a ordem estabelecida. Desde o final do século XIX, iniciou-se no Brasil uma diversidade de crenças muito significativa que fez com que identidades individuais e institucionais fossem afetadas. O que antes parecia sólido agora esvai-se pelo ar através do novo cenário que é exposto. Daí, o desespero daqueles que acreditam ter a posse da verdade.

Essa situação ocorreu na IPB no ano de 1956, quando chega ao Brasil o pastor presbiteriano norte-americano Carl McIntire. Essa figura destaca-se em importância no estudo do fundamentalismo, principalmente a partir da década de 30. Ele é responsável pela fundação da Igreja Presbiteriana Bíblica, nos Estados Unidos, de caráter fundamentalista em oposição às duas principais igrejas presbiterianas norte-americanas, com o objetivo de “salvar” o cristianismo dos apóstatas e hereges.

O Rev. Guilhermino Cunha, a partir de informações obtidas com familiares dos personagens envolvidos na época, narra esse momento tão delicado para a vida da IPB:

Na história da IPB encontramos momentos em que ficamos com a impressão de que moedas de prata vendem o Corpo de Cristo- A Igreja. Talvez você não conheça esta história. Corria o ano de 1956, chega ao Brasil, como já estivera em outros países, um “pastor” portando vinte e cinco mil dólares numa pasta preta, com um único e claro objetivo- dividir a Igreja Presbiteriana do Brasil. Junto com

os dólares trazia o discurso: “a IPB perdera sua ortodoxia, havia uma dominação liberal na Igreja, o presbiterianismo estava se afastando dos pressupostos reformados, existiam graves problemas teológicos na Igreja, etc”... Pasmem! O referido “pastor” procurou o Rev. Natanael Cortez, brandiu suas moedas, dizendo: “Rev. Cortez, é só você reunir alguns líderes, os outros o seguirão como carneirinhos e por ‘zelo espiritual’ farão qualquer coisa!”, contou-me o Rev. Helnir Cortez, filho do Rev. Natanael Cortez.²³¹

Segundo Cunha, o Rev. Natanael Cortez se negou a compactuar com esta iniciativa, porém a história da bolsa preta com as moedas de prata foi adiante. Não se sabe quem aceitou a bolsa, mas uma Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil foi inaugurada, no ano referido, no Recife, contando com o apoio direto do Rev. Israel Gueiros; antes, pastor da IPB. A Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, desde o seu começo, com suas muitas restrições disciplinares e teológicas, não conseguiu angariar um número expressivo de adeptos, ficando apenas entre famílias, principalmente a dos Gueiros.

Por ocasião de sua visita ao Brasil, McIntire esteve no Seminário Teológico de Campinas, São Paulo, onde argumentou que os professores e pastores deviam se preparar para defenderem sua fé contra o modernismo que destruía a Igreja. Além desse discurso ultraconservador, deixou claras as suas ideias de teologias escatológicas pré-milenaristas dispensacionalistas como também sua obsessão pela pureza da fé e destruição dos inimigos. Para ilustrar o que foi dito acima, em uma visita à Igreja Presbiteriana em Boa Vista, Carl McIntire fez o seguinte discurso:

Nesta hora solene desejo que ouçais da minha própria boca, a síntese do que penso quanto à atitude que devemos manter, no seio da cristandade, neste momento crítico de conflito nunca visto entre a luz e as trevas, entre os ensinamentos de Deus e da Bíblia e os erros do modernismo teológico e seus disfarces... Posso, pois, dar praticamente a destra da fraternidade a vós e a todos os vossos companheiros que ora vos empenhais, em todo o mundo, no santo propósito de acordar o espírito de pureza doutrinária das igrejas fiéis à Bíblia, para o santo combate da fé contra a apostasia e contra a tentativa de consenso entre o Templo de Deus e os ídolos. Dada a minha fidelidade à pureza da doutrina cristã é grande o meu prazer em vos saudar nesta hora solene de encontro fraternal.²³²

As supostas questões enfrentadas pela Igreja na década de 50, como vimos no capítulo anterior, foram: catolicismo, ecumenismo, “modernismo”, comunismo e liberalismo teológico

²³³. Este último é demasiado incômodo para os líderes da Igreja, por isso a posição de

²³¹ CUNHA, Guilhermino. *A Igreja dos meus sonhos- mentalidade de Reino de Deus, mentalidade de Igreja corpo de Cristo ou mentalidade de seita?* Rio de Janeiro: Edições catedral, 2002, p. 213.

²³² Fundamentalismo em Pernambuco. Disponível em: < www.ipsep.org.br/portal >. Acesso em: 12 jul. 2010.

²³³ BONINO, José Miguez. *Op. Cit.* p. 48.

“equidistância dos extremos”, defendida historicamente pela instituição. Os extremos podem ser chamados de liberalismo teológico por um lado e crescimento pentecostal por outro.

Outra questão que atormentou a Igreja foi a criação do Conselho Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC) por parte de McIntire, por oposição ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI). A Igreja Presbiteriana do Brasil se pronunciou da seguinte forma:

Nós, da Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil, não queremos as ideias modernistas do Concílio Mundial de Igrejas, se é que ele as tem, nem também queremos transplantar para o seio da nossa Igreja no Brasil as divergências que o Rev. Carl McIntire alimenta, com ou sem razão, para com o referido Concílio Mundial, ou seus próceres, e para com a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, o Board de Nova York e o Concílio Federal de Igrejas. O bom senso nos diz que nós devemos nos manter equidistantes desses movimentos antagônicos e que se processam fora dos limites eclesiásticos. Graças a Deus os resultados dos meus entendimentos pessoais parecem satisfatórios.²³⁴

Nota-se, portanto, que na IPB a mentalidade mais conservadora foi sempre dominante. O resultado disso sempre foram os inúmeros pronunciamentos da Igreja quando esta se via numa situação de conflito ou perigo. Na verdade, Rubem Alves considera que os conservadores são fundamentalistas²³⁵, mas não o admitem. Ele argumenta da seguinte forma: “Se a verdade última foi dada aos homens no passado, basta-nos apenas conservá-la e anunciá-la”²³⁶. Tudo aquilo que possa parecer um comprometimento da fé: crítica bíblica, ecumenismo, preocupação social e outros, faz com que a atitude da Igreja seja de oposição. Por isso, são inimigos do Conselho Mundial de Igrejas. Julgam que sua base teológica mínima “Jesus Cristo é o Senhor” é insuficiente, consideram-no comprometido com a Igreja católica, vêem a participação de Igrejas do bloco comunista como infiltração comunista e identificam a sua preocupação com a justiça social como expressão da influência do marxismo. Ainda sobre esse período conturbado e a questão da equidistância, Héleron da Silva afirma:

As pressões do Conselho Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC) levaram a Igreja Presbiteriana do Brasil a adotar uma política de equidistância. Essa política de equidistância tinha duas finalidades: evitar sua filiação ao Conselho Internacional de Igrejas Cristãs, e impedir um novo cisma na Igreja. A política de equidistância abriria na Igreja Presbiteriana do Brasil a possibilidade de infiltração das ideias fundamentalistas, uma vez que se isolava dos movimentos ecumênicos e sociais.²³⁷

²³⁴ REILY, Duncan Alexander. *Op. Cit.* p. 244, 245.

²³⁵ ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 73.

²³⁶ *Ibidem*, p. 74.

²³⁷ DE SOUZA, Robson da Costa. *Op. Cit.* p. 76.

Para legitimar posturas fundamentalistas, os líderes religiosos evocam esse espírito de “equidistância dos extremos liberais e fundamentalistas”. Mas, na verdade, esse pretensão equilíbrio está impregnado de uma cosmovisão fundamentalista, o que mascara o comportamento conservador da liderança dessa instituição eclesiástica.

A partir dos anos 1950 a IPB, assim como várias igrejas do Brasil, viram romperem-se as suas respectivas unidades ideológico-teológicas. Surgiram novas formas, distintas e divergentes de se articular a fé: novas teologias, novas maneiras de compreender o mundo, novos tipos de auto-compreensão. As igrejas sentiram-se profundamente ameaçadas e reagiram de forma dura para restabelecer o domínio do discurso ideológico-teológico tradicional. No caso da IPB, práticas inquisitoriais²³⁸ foram instauradas, cuja função foi a de eliminar os discursos divergentes, tidos como heréticos.

Neste contexto, Rubem Alves vai elaborar três tipos ideais no protestantismo para indicar os traços mais característicos deste:

- O Protestantismo da Reta Doutrina (PRD), que se caracteriza pelo fato de privilegiar a concordância com uma série de formulações doutrinárias, tidas como expressões da verdade, e que devem ser afirmadas, sem nenhuma sombra de dúvida, como condição para participação na comunidade eclesial.
- O protestantismo do sacramento, para qual a confissão da reta doutrina é de importância secundária, quando comparada com a participação emocional e mística na liturgia e nos sacramentos.
- O protestantismo do espírito, para o qual a marca distintiva da participação na comunidade eclesial não é nem a reta doutrina nem a participação nos sacramentos, mas uma experiência subjetiva de êxtase intenso.²³⁹

Rubem Alves vai indicar que a IPB pertence ao tipo PRD, que se tornou o “espírito” vitorioso, manifestado de forma violenta. Este se encontrava latente no seio da instituição e, ao ser contestado, revelou-se por uma série de atos políticos concretos que esmagaram as vozes dissidentes²⁴⁰. A identidade vai se definir por oposição ao inimigo. Com este não se pode dialogar nem cooperar.

Dentre muitas características do fundamentalismo, Ivo Pedro Oro vai destacar a demonização dos adversários²⁴¹. Faz parte do projeto fundamentalista defender a verdade absoluta e combater os seus oponentes, pois, como visto no capítulo anterior, o

²³⁸ DE ARAÚJO, João Dias. *Op. Cit.* p. 10.

²³⁹ ALVES, Rubem. *Religião e repressão.* p. 44.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 44.

²⁴¹ ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo.* São Paulo: Paulus, 1996, p. 132.

fundamentalismo com o passar dos anos, ultrapassou as fronteiras do religioso e alcançou e esfera política.

Ao mesmo tempo que combatem o inimigo demonizado, presente nas correntes teológicas e na sociedade, os fundamentalistas aguardam a vinda de Cristo, que vem para reinar durante o milênio. Pois o fundamentalismo surgiu como uma resistência em todo campo da tradição, seja religiosa ou social, sob o influxo também de tendências apocalípticas e milenaristas.

Essas tendências apocalípticas e milenaristas também são tidas por esperança escatológica, sendo denominadas: pré-milenarismo e pós-milenarismo. Essas diferentes interpretações sempre tiveram lugar de destaque na história do protestantismo norte-americano, ambas alternando-se em diferentes momentos históricos e políticos. A diferenciação se dá nos seguintes aspectos: “Pré-milenarismo é a fé de que o reino milenar seria um período no futuro posterior à segunda vinda de Cristo, a sua vinda em glória. Pós-milenarismo é a fé de que o reino milenar seria um período da história anterior ao retorno de Cristo.”²⁴²

No pré-milenarismo o reino de justiça só viria após o retorno de Jesus. Neste sentido, Daniel Rocha analisa: “Não há, portanto, um maior otimismo em relação ao futuro”²⁴³. Cabe ao fiel apenas o trabalho de evangelização. Enquanto que no pós-milenarismo o reino só seria implantado após uma conversão de todos os seres humanos ao cristianismo. Nessa perspectiva há que se acelerar o ritmo da ação do homem no processo evolutivo, tornando imprescindível um esforço coletivo. Percebe-se que, em ambas as correntes, fica muito clara a ideia de evangelização. Ainda observa Daniel Rocha:

Para além das discussões teológicas, a mentalidade milenarista é um elemento essencial da forma como os Estados Unidos encararam sua missão frente ao mundo. Junto com a mensagem da salvação em Cristo, os norte-americanos sentiam um “chamado” para também disseminar seus valores políticos e culturais. Liberdade e auto-regência são as novas conquistas norte-americanas e, por esta, razão, também a salvação política que essa nação eleita deve levar ao mundo.²⁴⁴

Esta cosmovisão tem suas raízes no século XIX, quando a “expansão do Reino era o destino manifesto na nação norte-americana”²⁴⁵, o liberalismo se fazia presente na sociedade.

²⁴² MOLTMAN, Jürgen. *A vinda de Deus: escatologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 165.

²⁴³ ROCHA, Daniel. *Venha a nós o Vosso Reino: rupturas e permanências entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009, p. 46.

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 50.

²⁴⁵ ORO, Ivo Pedro. *Op. Cit.* p. 67.

Os Estados Unidos da América destacavam-se no cenário mundial por seu progresso técnico e econômico. A teologia protestante, neste contexto, levava a crer na possibilidade do Reino na terra como construção humana, a ser alcançado antes da volta de Cristo. Acreditando na possibilidade da consciência individual transformar-se em consciência social, o liberalismo teológico enfatizava o papel do homem cristão na sociedade como fundamental para a sua transformação.

Segundo Valdir Gonzáles Paixão, no fundamentalismo fundante, o inimigo da fé, o demônio, é transportado para o inimigo político da nação, o comunismo²⁴⁶. Este último era visto como estando presente, no que se refere à sua filosofia, no pensamento teológico liberal. Galindo assim analisa:

O comunismo é absolutamente mau, porque suas bases são o ateísmo e o materialismo. Os que aceitam o liberalismo estão, pois, professando o ateísmo; somente os conservadores são leais a Cristo. Assim, a grande batalha que o mundo devia enfrentar não era simplesmente do capitalismo contra o comunismo, mas do bem contra o mal, de Deus contra o demônio.²⁴⁷

Isso deixa bem claro que o fundamentalismo não é resultado apenas de contradições religiosas e teológicas nem limita sua atuação ao espaço religioso. O contexto global da sociedade, com suas implicações internas, também se torna ponto crucial para o seu crescimento. As crises econômica, política e cultural são componentes da totalidade do entorno social.

Para que se possa participar na comunidade o critério deverá ser sempre a confissão da reta doutrina, como definida pela confissão de fé. A doutrina é imposta de forma vigorosa, qualquer desvio pode provocar uma quebra. Isto se deve à característica compacta do fundamentalismo, onde não há espaços livres, indefinições, dúvidas que venham possibilitar uma leitura divergente dos textos. Para os que tomam uma atitude contrária à reta doutrina não resta outra saída senão a expulsão. Quem não está de acordo, está fora. Para Rubem Alves: “a certeza da verdade é a face risonha da intolerância”.²⁴⁸

O movimento fundamentalista é caracterizado por uma fé em busca de certezas, por isso não é aceitável que a autoridade se subordine à inteligibilidade. Isto causaria uma incerteza nos postulados da fé. Quando são feitas discussões sobre a autoridade da Bíblia, não é possível encontrar uma tentativa para elucidar a sua autoridade a partir da compreensão que

²⁴⁶ PAIXÃO JÚNIOR, Valdir Gonzales. *Op. Cit.* p. 163.

²⁴⁷ *Ibidem* 163.

²⁴⁸ ALVES, Rubem. *Religião e repressão.* p. 153.

ela lança para a experiência. Se a experiência não é iluminada pela autoridade, não é experiência.

Para Rubem Alves, esta forma de protestantismo bloqueia todas as vias que se iniciam com a experiência. As Escrituras são o “a priori” de todo conhecimento, por isso elas nunca são tratadas como objeto de conhecimento. Para esta visão, a Bíblia é um milagre, uma exceção única, o único documento que não é solidário com a vida, mas que desce da eternidade. Ainda diz Alves:

Afirma-se a autoridade como ponto de partida a daí derivam-se todas as conclusões. Se a experiência não é iluminada pela autoridade, esqueça-se da experiência. (...) Se os fatos resistem ao texto, que os fatos sejam abolidos.²⁴⁹

A autoridade deve ser sempre mantida, pois fazer o contrário, negar, é o mesmo que declarar-se herege ou “desviado pelo demônio”. Contudo, Ivo Pedro Oro diz algo bem interessante:

...nem todas as verdades nem todas as práticas institucionais e comportamentais do passado são assumidas e reproduzidas no presente. Não se trata de uma volta pura e simples ao passado. Apenas algumas verdades, leis e instituições são seletivamente transplantadas do passado para o presente e transformadas em algo cimentado e estruturado para todo o sempre. Estas sofrem o processo de cristalização de um momento histórico ou de uma verdade que era fruto de uma compreensão dentro de um determinado contexto. Uma vez cristalizado, isto é, estabelecido como valor imutável, é perenemente válido.²⁵⁰

Podemos analisar que nos textos bíblicos não há um sistema de dogmas e definições cimentadas, nem um sistema fechado, com ideias imutáveis. Contudo, quando uma leitura literal está de acordo com o interesse de determinados grupos, esta se torna inquestionável.

Nessa configuração, além da autoridade bíblica, a instituição também permanece autoritária, caracterizada por uma estrutura hierárquica, uma desigualdade de pessoas, a autoridade reduz a participação das demais pessoas no poder, fazendo uso de meios coercitivos. Na relação com o líder, os fiéis, além da obediência e submissão absolutas, entregam-se de corpo e alma à confissão das verdades que ela prega e ao seguimento do caminho que ele aponta.

Toda relação autoritária é marcada pela rigidez, pela incapacidade de tolerar qualquer ambigüidade. O líder, sendo autoritário, prega e julga conforme suas categorias interpretativas

²⁴⁹ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. p. 119.

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 121.

e valorativas. O fundamentalista rejeita as pessoas que têm espírito aberto e pune quem não se adapta aos valores do movimento.

Autoritarismo se confunde também com o dogmatismo, pois na essência do dogmatismo está a negação do caráter provisório do conhecimento. Rubem Alves explica: “A busca do conhecimento absoluto, impulsionada pela obsessão da certeza, tende, inevitavelmente, à produção de ídolos”²⁵¹. O teor dogmático do discurso do líder, centrado em crenças que conferem autoridade absoluta, torna-se um quadro de referência para formas de intolerância de qualquer ideia diferente. O líder, visto como infalível, exerce domínio sobre a vida dos fiéis de forma permanente. O poder está centralizado nele e sua vontade é praticamente uma lei a ser cumprida.

Carl McIntire esteve no Brasil, num momento de crise de identidade na vida da IPB, apontando um caminho: o fundamentalismo, a Bíblia e sua literalidade como verdade última. Seu discurso era radical, pois o fundamentalismo norte-americano, do qual participava, era (e ainda é) extremista. Mas, os problemas enfrentados pela nação norte-americana eram bem diferentes dos problemas sofridos pelos brasileiros. Apesar disso, e levando em consideração que o protestantismo no Brasil é fruto de um processo exógeno de implantação muitos valores do fenômeno fundamentalista foram inseridos no contexto religioso brasileiro, em especial na instituição presbiteriana.

Muitos líderes atuais da IPB não consideram, ou não dão a devida importância à figura de McIntire, mas ele contribuiu para uma divisão na Igreja, com a formação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista. Na verdade, seu ideário ficou latente no seio da Igreja, pois o que ele pregava estava de acordo com a visão da instituição ou melhor, veio de encontro aos anseios, fechou algumas lacunas que incomodavam os fiéis e líderes. Em entrevista com um ex-presidente do SC, Rev. Guilhermino Cunha, o que se falou sobre McIntire foi o seguinte:

Eu diria que Carl McIntyre foi um acidente de percurso na história da Igreja Presbiteriana do Brasil, do presbiterianismo brasileiro. Ele, se ele tivesse ficado contido só lá nos Estados, teria feito o mal só lá (...) Quando surgiu uma idéia de alguns fundamentalistas querendo que a Igreja se ligasse ao Concílio Internacional de Igrejas, o Carl McIntyre, o início do Concílio Mundial de Igrejas e muitas vezes a nossa liderança participou dos primórdios do Concílio Mundial de Igrejas. Então, tomou-se uma posição de equidistância, considerando o fundamentalismo como um extremo e o “liberalismo” como encarnado pelo Concílio Mundial de Igrejas, liberalismo ecumênico. Então, a Igreja Presbiteriana do Brasil tomou uma posição de equidistância e, como presidente do Supremo Concílio, eu sempre defendi essa posição de equidistância e sermos uma Igreja reformada que olha para Jesus, o autor e consumidor da nossa fé.²⁵²

²⁵¹ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. p. 124.

²⁵² Ver anexo 1.

Essa equidistância, tão conclamada, não passa de um certo temor que a Igreja tem de se filiar ao sentido pejorativo e ao peso que a palavra fundamentalismo possui, como vimos no capítulo anterior. Mas, no seio da Igreja Presbiteriana do Brasil, como também em muitas outras igrejas tidas protestantes, existe uma grande vontade, um grande ideal a ser atingido que é a verdade. Em tempos de insegurança, o que o ser humano mais pode querer é a certeza naquilo em que confiou. A fé “verdadeira” revelada pela Bíblia outrora orgulhosamente chamada fundamentalismo, que distinguia os portadores desta fé e os deturpadores da cristandade, hoje em dia soa como acusação, um insulto devido à relação que se faz do termo com o que se denominou fundamentalismo islâmico. Contudo, na sua essência o fundamentalismo ainda continua latente no seio daquilo que chamamos protestantismo ou o que restou dele. A grande meta estabelecida e o empenho realizado por esses “protestantes” é a luta pelos “fundamentos da fé”. Isso pode ser evidenciado no ponto a seguir, quando o a IPB começa a sinalizar, na atual conjuntura, o que tem incomodado a vida da Igreja. Para isso, o tema secularização e pós-modernidade serão abordados como uma forma de estabelecer o parâmetro pelo qual as igrejas, em especial a IPB, terão que se comportar a partir destes.

3.2 Posicionamentos da Igreja Presbiteriana do Brasil quanto a questões contemporâneas

Antes de tratar os assuntos polêmicos que a Igreja Presbiteriana do Brasil tem enfrentado na atual conjuntura, necessário se faz uma análise sobre os desdobramentos ocorridos na sociedade global em função do processo de secularização e, conseqüentemente o surgimento da pós-modernidade; conceitos que são importantíssimos para se compreender toda uma mudança de paradigma no contexto religioso, social, econômico, político e outros.

A secularização, isto é, o processo de afastamento da “norma”²⁵³, ocasionado pela escassez do interesse pela escatologia, articulou a moderna fórmula da vida humana na terra por uma estratégica alternativa. Ocasionalmente ou por omissão, os seres humanos agora estão sozinhos para tratar as questões humanas e, por isso, segundo Zygmunt Bauman “as únicas coisas que importam aos seres humanos são as coisas de que os seres humanos podem

²⁵³ BAUMAN, Zygmunt. *O Mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 211.

tratar”²⁵⁴. Tal premissa pode ser considerada por muitos triste, pelo fato de poder ocorrer o desespero, ou, pelo contrário, isso pode parecer um certo otimismo, principalmente filosófico.

O desenvolvimento de uma moral sexual mais permissiva, que se manifesta inicialmente nas cidades, a integração das mulheres ao mercado de trabalho e a conseqüente mudança do seu status social, a diminuição das chances de controle das crianças pelos pais, a elevação dos índices de divórcio e outros, formam o campo moderno e é neste campo que os fundamentalistas têm de atuar.

A ideia de auto-suficiência humana minou o domínio da religião institucionalizada uma vez que esta não prometia um caminho alternativo para a vida eterna, mas afastava esse ponto, concentrando-se em tarefas que os seres humanos pudessem executar e cujas conseqüências eles pudessem experimentar aqui, nesta vida. Os humanistas vibraram com o colapso da velha ordem e emergência de uma nova. A estratégia da vida moderna não era uma questão de escolha, mas de uma adaptação racional às condições de vida totalmente novas, jamais experimentadas antes.

Nesse processo de adaptação racional, a religião pouca utilidade tinha. Podemos tomar de empréstimo as três utilidades que Alain Touraine²⁵⁵ encontrou para a religião nesse contexto. Primeiro, a religião serve à dependência e à subordinação da rotina e um ritmo de vida interpretado como natural ou sobrenatural, mas em ambos os casos experimentado como invariável e invulnerável. Em segundo lugar, a filiação a uma Igreja ou seita pode desempenhar um importante papel ao manter sólidos e impenetráveis os muros das divisões sociais, servindo bem, assim, a uma estrutura social marcada pela baixa mobilidade e permanência dos fatores de estratificação. A terceira e última utilidade é descrita como a apreensão do destino, da existência e da morte humana. Nesse caso, o autor observa como a religião se torna uma atividade de lazer, comportamento deliberado, não-regulamentado, pessoal e secreto. Na verdade, para que as igrejas não fossem marginalizadas, elas optaram por adquirir essa função de lazer e não apenas a de preocupações com o mistério da existência e da morte.

A vida de auto-imolação, mortificação do corpo, rejeição das alegrias terrenas era o que a salvação, segundo seus “profetas”, exigia. Todavia, com o advento da modernidade, a moral religiosa passa a deslizar gradualmente para o prazer sádico²⁵⁶. A salvação espiritual por meio de regras essencialmente difíceis de serem obedecidas foi tornando-se cada vez mais inadequadas para a época. Os rumores eram:

²⁵⁴ BAUMAN, Zygmunt. *O Mal estar da pós-modernidade*. p. 212.

²⁵⁵ TOURRAINE, Alain *apud* BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 178.

²⁵⁶ BAUMAN, Zygmunt. *O Mal estar da pós-modernidade*. p. 216.

Desde que a vida é tão curta, vamo-nos apressar para gozá-la. Desde que o corpo morto será tão repulsivo, vamos correr para obter dele todo prazer possível, enquanto temos boa saúde.²⁵⁷

Devido ao extremo radical, as aspirações eram totalmente distintas. Sobre as técnicas que o cristianismo elaborou, Michael Foucault escreveu o seguinte:

...todas as técnicas de inquirição, orientação da confissão, obediência, têm um fim: levar os indivíduos a trabalhar em sua própria “mortificação” neste mundo. A mortificação, evidentemente, não é a morte, mas uma renúncia deste mundo e de si mesmo: uma espécie de morte cotidiana. Uma morte que supõe proporcionar a vida num outro mundo.²⁵⁸

A chamada pós-modernidade desfez o que o longo domínio do cristianismo tinha feito, repeliu a obsessão com a vida após a morte, concentrou a atenção na vida aqui e agora, recolocou as atividades da vida em torno de histórias diferentes, com metas e valores terrenos e, de modo geral, tentou desmistificar a morte. Segue-se então o que Bauman vai chamar de “impacto da consciência da mortalidade”²⁵⁹, evidentemente, desligado da significação religiosa.

A vida dos homens e das mulheres pré-modernos continham pouca incerteza. Desde o seu nascimento, o ser humano passa a ter um itinerário de vida. A morte passa a ser o único vislumbre de incerteza, mas com pouca surpresa. Absolutamente não misteriosa, ela torna-se algo parcialmente administrável. A pós-modernidade é a era dos especialistas em identificar problemas, dos restauradores de personalidade, dos guias de casamento, dos autores dos livros de auto-ajuda, dos aconselhamentos. Os homens e mulheres pré-modernos tornaram-se selecionadores. A incerteza do estilo de vida pós-moderno não gera a procura pela religião. Já não se faz mais necessário que os pregadores digam sobre a fraqueza do homem, faz-se emergente a solução para os problemas. Daí, todo o encanto gerado em torno das ciências biológicas, médicas, econômicas e outras.

Há, porém, uma forma especificamente moderna de religião, nascida das contradições internas da vida pós-moderna onde se revela a insuficiência do homem: fundamentalismo ou integralismo. O fundamentalismo é um fenômeno inteiramente contemporâneo e pós-moderno, que, segundo Bauman:

²⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. *O Mal estar da pós-modernidade*. p. 216.

²⁵⁸ FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. 25 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008, p. 210.

²⁵⁹ BAUMAN, Zygmunt. *O Mal estar da pós-modernidade*. p. 217.

...adota totalmente as reformas racionalizadoras e os desenvolvimentos tecnológicos da modernidade, tentando não tanto fazer recuar os desvios modernos quanto os ter e devorar ao mesmo tempo- tornar possível um pleno aproveitamento das atrações modernas, sem pagar o preço que elas exigem. O preço em questão é a agonia do indivíduo condenado à auto-suficiência, à autoconfiança e à vida de uma escolha nunca plenamente fidedigna e satisfatória.²⁶⁰

Sobre os movimentos fundamentalistas, o autor Gilles Kepel, faz um diagnóstico interessante:

...verdadeiras crianças do nosso tempo: crianças não desejadas, talvez, bastardos da computação e do desemprego, ou da explosão demográfica e crescente alfabetização, e seus gritos ou queixas nesses anos de fechamento do século incitam-nos a buscar sua ascendência e a reconstituir sua desconhecida genealogia.

Como os movimentos dos trabalhadores no passado recente, os movimentos religiosos de hoje têm uma capacidade singular de revelar os males da sociedade, sobre os quais eles têm seu próprio diagnóstico.²⁶¹

A grande questão a ser trabalhada é a liberdade. Os seres humanos, em sua maioria, não estão prontos para tal experiência, preferem um estilo de vida a ser guiado, dirigido. Muitos não entenderam a mensagem contida na revolução pré-moderna.

O fascínio do fundamentalismo provém de sua promessa de emancipar os convertidos das agonias das escolhas. A pessoa, neste sentido, sabe qual decisão deve ser tomada, seja nas questões pequenas ou grandes. A certeza toma lugar do pavor do risco de fazer algo errado, ter uma atitude incorreta. Acerca dessa ideia, ainda diz Bauman:

O fundamentalismo promete desenvolver todos os infinitos poderes do grupo que, quando plenamente disposto, compensaria a incurável insuficiência de seus membros individuais, e justificaria, dessa maneira, a indiscutível subordinação das escolhas individuais a normas proclamadas em nome do grupo.²⁶²

O fundamentalismo pertence a uma instituição de soluções totalitárias, oferecidas a todos os que se deparam com a liberdade individual insuportável. O fundamentalismo é uma oferta de “racionalidade alternativa”²⁶³, feita para os genuínos problemas que incomodam os membros da sociedade pós-moderna. Mas, como é característico de todas as racionalidades, ele seleciona, divide e se opõe. Ele tira a carga de responsabilidade dos ombros dos

²⁶⁰ BAUMAN, Zygmunt. *O Mal estar da pós-modernidade*. p. 226

²⁶¹ KEPEL, Gilles. *A revanche de Deus*. São Paulo: Siciliano, 1992, p. 226.

²⁶² BAUMAN, Zygmunt. *O Mal estar da pós-modernidade*. p. 219.

²⁶³ MARSDEN, George M. *Op. Cit.* p. 130.

indivíduos, o que torna bem atrativo. Os sociólogos Anton Shupe e Jeffrey Hadden definem o fundamentalismo do seguinte modo:

Em termos extremamente simples, definimos fundamentalismo como um movimento que visa recuperar a autoridade sobre uma tradição sagrada que deve ser reintegrada como antídoto contra uma sociedade que se soltou de suas amarras institucionais. Do ponto de vista sociológico o fundamentalismo implica: 1) repúdio à radical separação entre sagrado e secular, que foi se impondo sempre mais com a modernidade; e 2) um plano para anular esta bifurcação institucional e com isso trazer a religião de volta para o centro do palco, como importante fator ou parte interessada nas decisões relativas ao interesse público.²⁶⁴

O fundamentalismo visa recuperar a autoridade sobre uma tradição sagrada. Os fundamentalistas conclamam as pessoas a voltar a uma tradição perdida. Exigem a recuperação de valores de uma época anterior, presumivelmente mais pura e mais íntegra. Buscam, assim, reorientar a sociedade e a cultura para um futuro mais desejável.

Ao contrário das seitas e cultos que rejeitam o mundo, procuram os fundamentalistas viver na modernidade (e influenciar em sua orientação), mas sem dela fazer parte. Eles desejam ter o pleno acesso aos instrumentos técnicos da modernidade, embora os valores sejam rejeitados. As modernas técnicas organizacionais são utilizadas para promover a religião, difundir sua mensagem e angariar novos membros. O emprego desses instrumentos é uma forma que os fundamentalistas encontraram para enfrentar a modernidade, mantê-la acuada, fazer refletir certos elementos seletos de sua diferente cosmovisão secularizada que mantém a religião segregada dos assuntos econômicos, políticos e internacionais. Na realidade, o desejo dos fundamentalistas de moldar um mundo diferente e não apenas ceder à modernidade é, já, uma noção extremamente moderna. O fundamentalismo apresenta-se como uma estação intermediária entre o tradicionalismo e a modernidade.

O fundamentalismo despeja na sociedade uma proposta moral, unitária, racionalmente estruturada, ao mesmo tempo que, em seu processo interior, tenta apresentar aparências de credibilidade, apoiando-se no esquema de racionalidade dominante, “tendo como pano de fundo a legalidade e a força da obrigação”.²⁶⁵

Nos Estados Unidos, as igrejas com predominância fundamentalista tendem a ter mais presença pública, graças à mídia. É freqüente, nas diversas denominações religiosas, a

²⁶⁴ SHUPE, Anton & HADDEN, Jeffrey *apud* MOLTMAN, Jürgen. Fundamentalismo e modernidade. In: *Concilium*, 241, 1992, p. 141- 149.

²⁶⁵ ORO, Ivo Pedro. *Op. Cit.* p. 84.

participação de pessoas fundamentalistas preocupadas com questões relacionadas com a moralidade pública e com o papel do Estado nesse domínio.

Por acreditarem ter a posse da verdade, os fundamentalistas se lançam na sociedade com o objetivo de trazer a ordem e o estabelecimento dos fundamentos antes tidos como certos: “A força do fundamentalismo consiste em que este se apresenta não como a melhor opção, mas como a única possível”.²⁶⁶

Se antes o grande inimigo do fundamentalismo era o liberalismo teológico, agora, na atual conjuntura o inimigo passa a ser também o mundo social moderno, que causa vazio, insegurança, desencanto e marginalização.

Um tema novo e recorrente para todas as igrejas do ramo protestante é o movimento da Batalha Espiritual, pertencente à cosmovisão neopentecostal, criada no final dos anos 70 e começo dos anos 80. Augustus Nicodemus fala sobre esse assunto:

As igrejas históricas do mundo têm sido desafiadas nestas últimas três décadas a dar respostas às ênfases de um movimento dentro das suas fileiras que ficou conhecido como ‘movimento de batalha espiritual’. O nome em si já sugere do que se trata: é um movimento cuja ênfase maior é na luta da Igreja de Cristo contra Satanás e seus demônios, conflito este de natureza espiritual, quanto aos métodos, armas, estratégias e objetivos... Conquanto devemos dar boas vindas a todo e qualquer movimento na Igreja que venha nos ajudar a melhor nos preparar para enfrentar os ataques das hostes malignas contra a Igreja...²⁶⁷

Ainda sobre o tema “movimento da batalha espiritual”, Nicodemus afirma:

A ideia de que todo mal- quer sob a forma de sofrimento e misérias, quer sob a forma de pecado- provém da atuação direta de demônios é bastante difundida pelo movimento de batalha espiritual. Na verdade, acredito que o conceito de que “todo mal é demoníaco” é a mais fundamental doutrina desse movimento. A esses espíritos malignos é atribuída a responsabilidade, não somente de doenças, desastres, fracassos, divórcios, desemprego e coisas semelhantes, mas também atitudes pecaminosas, como o uso de drogas, a prostituição, o homossexualismo, o consumo de pornografia e todos distúrbios morais de comportamento. Segundo o entendimento de muitos proponentes da “batalha espiritual”, essas entidades maléficas se instalam na vida das pessoas (crentes e descrentes) e nas estruturas sociais, políticas e econômicas de determinadas regiões geográficas. Resta à Igreja somente o método de expelir essas entidades locais estratégicos onde se instalaram, como meio eficaz de combatê-las e libertar as pessoas debaixo de seu controle.²⁶⁸

²⁶⁶ ORO, Ivo Pedro. *Op. Cit.* p. 127.

²⁶⁷ LOPES, Augustus Nicodemus. *Quatro princípios bíblicos para se entender a batalha espiritual*. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php3?id=257>. Acesso em: 24 jul. 2009, p. 17.

As igrejas históricas, em especial a IPB, falam sobre o tema de forma imparcial. Não se rejeita por completo essa novidade, mas ressalta que o movimento não é suficiente para se travar uma luta contra as forças maléficas que rodeiam o mundo. A grande preocupação se volta para a importância que se deve ter com o ensino bíblico, visto que a batalha espiritual visa mais o sobrenatural que o estudo sistemático da Bíblia para o encontro de respostas suficientes sobre como lidar com as entidades do mal.

Numa visão literalista da Bíblia, feita por fundamentalistas, o homem não passa de um ser decaído, desde Adão e Eva. O pecado, inclusive, teria corrompido a personalidade do homem, tornando-o mais cruel e mais imoral. Seguindo esta linha, o homem também teria se desviado do “caminho bom” para se arriscar a toda sorte pelo mundo, tido pelos fiéis como “o mundo lá fora”; como se o mundo fosse uma casa fechada com um quintal perigoso cheio de perturbações. Para se manter distante de todo mal lá fora, inclusive a luz do sol, pois a claridade só pode entrar parcialmente na casa, o homem deve permanecer enclausurado no seu mundo, ou na sua casa, com suas verdades, nunca podendo se arriscar.

A Igreja Presbiteriana do Brasil, por estar inserida em todo esse processo descrito acima, também tem sofrido com os resultados da secularização e pós-modernidade. São muitos os temas que a Igreja tem de enfrentar na atual conjuntura, pois são questões que atingem diretamente toda a moral cristã constituída. Esta, por sua vez, dificilmente vai ser alterada, pois o fundamentalista atua no presente com uma visão do passado, sem a dinamicidade própria e urgente da pós-modernidade. Em entrevista, o pastor presbiteriano e também professor, Carlos Caldas, alude sobre as preocupações da IPB, em especial a questão do aborto e do homossexualismo, temas que têm sido palco para grandes discussões:

O aborto é uma questão que, ao mesmo tempo, tem haver com micro-ética e passa por questão de ética sexual. Agora, aí a Igreja se manifesta. Por exemplo, se houver projeto de lei com referência a essa questão de homossexualidade, homossexualismo, essa coisa toda, a Igreja se manifestou contrária, que é uma questão que passa pela questão sexual. Ela vê esse tipo de questão mais importante que as outras. Tudo que está relacionado com ética sexual é mais importante que os outros problemas, é o que eu tô tentando dizer. Agora, um problema de ordem social, político, econômica que aflige toda a sociedade, a tendência é não envolver, não manifestar; quase como se não existisse.²⁶⁹

Mesmo o Estado sendo laico, a IPB, assim como outras denominações se pronunciam publicamente contra leis que possam divergir dos seus ensinamentos. Em 2006, por exemplo,

²⁶⁸ LOPES, Augustus Nicodemus. *Quatro princípios bíblicos para se entender a batalha espiritual*. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php3?id=257>. Acesso em: 24 jul. 2009, p. p. 26.

²⁶⁹ Ver anexo 2.

o Supremo Concílio da Igreja encaminhou um expediente ao Congresso Nacional sobre o projeto de lei que institui a legalização da profissão “trabalhadores da sexualidade”:

1. Considerando que a Palavra de Deus contém princípios éticos e morais que, além de nortear a atuação das instituições republicanas e democráticas, emergentes da representação legítima de uma Nação Cristã, devem ser observados, respeitados e praticados por todos os cidadãos e cidadãs que crêem no Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e que confessam Jesus Cristo como seu salvador;
2. Considerando que a Palavra de Deus, no livro de Deuteronômio, trata a prostituição como abominação (cap. 23, v. 8), sendo defeso aos homens e às mulheres tementes a Deus considerá-la de outra forma;
3. Considerando que o uso do corpo humano como produto ou instrumento para comercialização, mesmo por necessidade de subsistência material, ofende o Criador e degrada e vilipendia a Criação.²⁷⁰

Este assunto gerou muitas polêmicas no meio presbiteriano, assim como também a questão do aborto, do homossexualismo, eutanásia e outros. O presidente do Supremo Concílio da IPB, sobre essas questões, pronunciou-se do seguinte modo no Jornal Presbiteriano:

A IPB sempre primou pela clareza e fundamentação bíblica de suas posições. Por exemplo, no que se refere ao aborto indiscriminado e ao homossexualismo, em particular, trata-se de uma transgressão da Lei de Deus, inadmissível em qualquer circunstância (Primeira Coríntios 6. 9-11). Deus criou o homem e a mulher e dotou-os com sexualidade bem definida.²⁷¹

Segundo Rubem Alves, essa é uma característica muito forte nas instituições religiosas: perpetuar-se sem modificações. Contudo, essa é a razão pela qual, mais cedo ou mais tarde, todas elas acabam por colidir com a vida. A vida, por sua vez, é muito dinâmica, fluida, gerando sempre novos problemas e situações nunca vividas. Acontece que as instituições, como cristalizações de soluções passadas, contém, implícita nelas mesmas, a afirmação de que problemas futuros se resolvem com soluções passadas.²⁷²

De um lado, a instituição faz uso de seus mecanismos para impor sua interpretação da realidade e os comportamentos correspondentes. Do outro lado, as pessoas, sentindo um mundo diferente e os problemas novos que resistem às programações institucionais, são obrigadas a se desviar das instituições. Daí, Rubem Alves conclui: “As instituições, que num

²⁷⁰ DE SOUZA, Robson da Costa. *Op. Cit.* p. 64.

²⁷¹ BRASILEIRO, Roberto. 145 anos abençoando o Brasil e o mundo. *Brasil Presbiteriano*, São Paulo, agosto de 2004. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/versao_pdf_agosto2004.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2009.

²⁷² ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 51.

momento originário foram criadas como expressão e instrumento de pessoas, passam a ser vividas como obstáculo e repressão”. Oro ainda completa: “Toda religião que tenta transformar o mundo será, ela própria, transformada, no decorrer do processo, pelo mundo”²⁷³.

O próximo ponto vem tratar da afirmação de que a IPB, assim como diversas igrejas, é fundamentalista em potencial. O termo com freqüência, tornou-se pejorativo, daí um distanciamento a qualquer possível ligação ao fenômeno. Todavia, o oposicionismo, como defesa aos princípios bíblicos parece legítimo, onde constata-se que as mudanças no ramo da ciência, tecnologia, moral e outros, foram e ainda continuam sendo muito bruscas para o ser humano. Outra situação é vista na sessão a seguir, onde, embora rejeitando-lhe os valores, os fundamentalistas desejam ter pleno acesso aos instrumentos da modernidade, principalmente os técnicos, pois não há como escapar. Vive-se nessa mesma aldeia global!

3.3 O triunfo do fundamentalismo na Igreja Presbiteriana do Brasil

Há nove anos atrás assistiu-se a um dos espetáculos mais cruéis ocorridos em toda a história da humanidade: ataques terroristas ao World Trade Center, ou, mais popularizado, o 11 de Setembro. Desde essa data marcante o slogan fundamentalismo esteve correlacionado ao terrorismo, extremismo, radicalismo, violência de modo geral. O termo fundamentalismo ganhou notoriedade e preocupação de mentes mais brilhantes. Muita publicação nessa área começou a ser difundida e estudada. A grande questão girou em torno da polêmica: onde teria surgido o fundamentalismo? Ele é de origem islâmica?

O fundamentalismo, como visto nos capítulos anterior, é potencialmente cristão, ocidental e protestante. Ele é fruto do protestantismo conservador. Seu surgimento e consolidação datam as primeiras décadas do século passado. O que antes era entendido como autodesignação orgulhosa de si mesma, hoje soa como acusação, um insulto para os “verdadeiros fiéis”. Pierucci²⁷⁴ fala que, quando o reverendo Curtis Lee Laws, editor do jornal batista Watcham Examiner, inventou o termo *fundamentalism* em 1920, o nome foi honrosamente incorporado por seus colegas batistas e presbiterianos como algo que traduzia o bom empenho deles de irem à luta “pelos fundamentos da fé” contra o protestantismo liberal.

²⁷³ ORO, Ivo Pedro. *Op. Cit.* p. 61.

²⁷⁴ PIERUCCI, Antônio Flávio. Criacionismo é fundamentalismo. O que é fundamentalismo? Disponível em: <http://www.espiritualidades.com.br/Artigos_M_R/Pierucci%20_Ant_fundamentalimo.htm>. Acesso em: 14 nov. 2010.

O fundamentalismo, desde então, ganhou proporções exageradas no contexto religioso protestante e até pentecostal.

Os fundamentalistas viam-se como contra-ofensiva a um modernismo que, assim diziam, havia se apossado do mundo protestante. Especialmente, esse fundamentalismo entendia-se primeiro como contra-ofensiva a uma Teologia orientada²⁷⁵ a partir de uma perspectiva histórico-crítica²⁷⁶. Foi assim que alguns temas passaram a ser considerados fundamentais. Um desses temas, principalmente a inspiração verbal, ao invés de ser ponto de partida para especulações intelectuais, discussões doutrinárias e controvérsias teológicas passou a ser reverenciado como tira-dúvidas último.

São dois os grandes inimigos do fundamentalismo: o adversário interno, chamado “teologia liberal” e o adversário externo, a ciência moderna, principalmente a Biológica. O darwinismo se tornaria um dos maiores problemas para tal fenômeno ao colocar a questão: evolucionismo ou criacionismo? Nessa perspectiva, o cientista Richard Dawkins faz crítica ferrenha ao fundamentalismo:

Como cientista, sou hostil à religião fundamentalista porque ela debocha ativamente do empreendimento científico. Ela nos ensina a não mudar de ideia, e a não querer saber de coisas emocionantes que estão aí para serem aprendidas. Ela subverte a ciência e mina o intelecto (...). A religião fundamentalista está determinada a arruinar a educação científica de inúmeros milhares de mentes jovens, inocentes e bem-intencionadas. A religião não-fundamentalista, “sensata”, pode não estar fazendo isso. Mas está tornando o mundo seguro para o fundamentalismo ao ensinar as crianças, desde muito cedo, que a fé inquestionável é uma virtude.²⁷⁷

Sobre essa polêmica, surgiram posições binárias na arena pública: religião e ciência, obscurantismo e lucidez, fanatismo e inteligência. A mídia contribui, e ainda continua contribuindo, de forma incisiva a favor do(s) segundo(s) termo(s). Perante à opinião pública, a agressiva militância fundamentalista acabou maculando seu nome com a bandeira de intolerância-com-ignorância.²⁷⁸

²⁷⁵ Desenvolve-se, entre muitos protestantes, contra a leitura histórica e crítica dos textos bíblicos, a convicção de que cada palavra, cada texto bíblico foi “inspirada”, ditada pelo Espírito Santo e seus autores. Daí também muitos afirmarem a “inerrância” do texto bíblico: a Bíblia não ensina nada que seja cientificamente inexato. Se em gênesis, por exemplo, a criação se deu em sete dias, este sete dias são, realmente, sete dias de 24 horas. Nesse caso, os fósseis que encontramos foram criados por Deus e por ele colocados na terra. Eles não provam períodos maiores para a criação, muito menos a evolução das espécies.

²⁷⁶ DREHER, Martin N. *Para entender fundamentalismo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002, p. 80.

²⁷⁷ DAWKINS, Richard. *Deus- um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 367.

²⁷⁸ PIERUCCI, Antônio Flávio. *Op. Cit.*

Quando a mídia quer falar sobre o radicalismo dos movimentos político-religiosos islâmicos, ela resume as expressões “tradicionalistas”, “integristas”, “rigoristas”, “fanáticos” e outros em uma só palavra: fundamentalismo. Daí, o temor daqueles que se vêm, de alguma forma, correlacionados a esse estigma. Mas, há que se ter o seguinte esclarecimento:

O fundamentalismo nas diversas religiões nada tem em comum, inevitável e necessariamente, quanto à substância teológica. Cada um existe, entre outras coisas, para que seus líderes e membros possam tomar distância e fazer oposição às afirmações de outras crenças religiosas. Deve haver um ponto de referência teológica comum em Alá, Javé e o Deus de Jesus Cristo, mas os fundamentalistas seriam provavelmente os grupos menos propensos, nas várias comunidades de fé, a reconhecer a validade de uma proposição como esta, ou a experimentar o testemunho ou o culto comum.²⁷⁹

Na verdade, das três religiões monoteístas, o Islã foi a última a desenvolver uma tendência fundamentalista, quando a cultura moderna começa a se enraizar no mundo muçulmano nas décadas de 1960 e 70. Nota-se que, até essa data, o fundamentalismo já estava bem assentado entre cristãos e judeus, já que estavam expostos há mais tempo à experiência moderna. O renascimento islâmico é, ao mesmo tempo, um conjunto de movimentos sociais, políticos e religiosos que interpretam três fundamentais necessidades: a necessidade de retorno às origens, às formas puras, aos fundamentos originários do Islã; a necessidade de reafirmar uma identidade perdida ou ameaçada, esforçando-se por adaptar o Islã à modernidade, sem se deixar destruir definitivamente por ela e, por fim, a necessidade radical de reconstruir na terra um Estado ético-religioso, fundado sobre a lei de Deus.²⁸⁰

Os fundamentalistas originais, ou os primeiros fundamentalistas, não querem se reconhecer no discurso e nas ações do outro, pois o outro é sempre tido como perverso e perturbador da ordem. Mas, na verdade, os objetivos são os mesmos, já mencionados anteriormente. Interessante se faz a leitura de um trecho de uma entrevista realizada com um líder da Igreja Presbiteriana do Brasil quando perguntado pela diferença do conservadorismo e fundamentalismo:

Filosoficamente, o que diferencia conservadorismo de fundamentalismo? O que eu vou falar aqui eu não sei realmente se é a posição da Igreja. De fato, a palavra fundamentalismo é carregada, muito carregada negativamente por conta da imprensa. Toda vez que a grande imprensa fala de fundamentalismo, fala de modo negativo. Fala-se, por exemplo, fundamentalismo islâmico. Quem é? O radical,

²⁷⁹ MARTY, Martin E. O que é fundamentalismo? *Concilium* 241, 1993, p. 14.

²⁸⁰ ARMSTRONG, Karen. *Op. Cit.* p. 312.

terrorista, homem bomba que não aceita diálogo... Enfim, fala-se do fundamentalismo do ex-presidente George Bush, que não dialoga também. Vai lá, bombardeia, mata tudo... Enfim, a palavra fundamentalismo tem uma carga extremamente negativa. Então, pode ser que a Igreja não queira se associar a isso aí. Agora, em termos teóricos, o fundamentalismo é marcado por uma postura sectarista, uma postura separatista mesmo, uma postura isolacionista e, não sei... mas, em muitos casos, eu não posso dizer o tempo todo, mas, muitas vezes, uma postura anti-intelectual. Não quer dizer que em todos os casos é assim não, mas, muitas vezes uma postura anti-intelectual. Agora, o conservador não tem essa postura divisionista, não tem essa postura isolacionista. O conservador é aquele, por exemplo, o sujeito pode ser um presbiteriano conservador que não tem crise nenhuma em participar de uma entidade que agrupe, que reúne pentecostais ou metodistas ou batistas, seja lá quem for.²⁸¹

A IPB, estabelecida como estudo de caso desta dissertação para uma análise do fenômeno fundamentalismo, tem se assumido conservadora até então, mas sua história a condena a um passado de lutas contra os chamados “hereges” que, prioritariamente, defendiam uma abertura para o mundo das transformações. Os presbiterianos preferem o termo equidistância, primando pelo equilíbrio e pela independência de seus posicionamentos, o que evidencia uma atitude exclusivista, anti-pluralista e sectária. Portanto, fundamentalista!

A cosmovisão fundamentalista na IPB, impregnada com a idéia de equilíbrio, permite que sujeitos evoquem, sempre que necessário, o conceito de “equidistância dos extremos liberais e fundamentalistas”, legitimando posturas fundamentalistas. Contudo, o fundamentalismo tem um objetivo: distinguir as supostas doutrinas fundamentais do cristianismo e preocupar-se com o estabelecimento de uma determinada verdade doutrinária.

Com a consolidação de elementos da modernidade, tais como: globalização, pluralismo religioso e secularização, as entidades fundamentalistas, no contexto do protestantismo brasileiro, se fortaleceram.

Fato curioso é que o fundamentalismo tem que atuar no chão da modernidade. Coleman assim esclarece:

O fundamentalismo só existe onde existe uma posição consciente às forças da mudança. Os fundamentalistas que procuram recriar dentro do mundo religioso o que já não é mais viável no mundo exterior mantêm, tipicamente, uma atitude ambígua diante da modernidade.²⁸²

Embora rejeitando-lhe os valores, os fundamentalistas desejam ter pleno acesso aos instrumentos técnicos da modernidade. A IPB é um exemplo claro dessa ambigüidade. Sua

²⁸¹ Ver anexo 2.

²⁸² COLEMAN, John A. Fundamentalismo global. *Concilium* 241, 1993, p. 58.

instituição trabalha na disseminação de suas ideias, sua organização, utilizando sítio eletrônico na internet, jornais, rádio, TV, promove congressos, nas suas instituições de ensino sobre diversos temas, inclusive o darwinismo. Isso evidencia uma estação intermediária entre o tradicionalismo e a modernidade. Segundo Dreher:

O fundamentalismo é expressão da própria modernidade. A própria modernidade criou o fundamentalismo, como a crença no fim da religião, no progresso da história... O fundamentalismo não é mero tradicionalismo ou antimodernismo. Seja permitido um trocadilho: ele é antimodernismo moderno. Ele surge em meio a condições culturais de uma sociedade secular ou que está começando a se secularizar.²⁸³

A modernidade foi determinada em seu surgimento e em sua história por esperanças seculares de salvação e por promessas seculares de redenção, com caráter religioso-secular. É importante salientar que há uma diferença entre o fundamentalismo atual em relação ao fundamentalismo do século XX. No início do século XX, fazia-se oposição às crenças seculares, ao cientificismo. Hoje buscam-se respostas fundamentalistas a questões surgidas com a perda da certeza secular. Ainda Dreher:

A visão de história do fundamentalismo olha para o tempo em que se vivia de acordo com a vontade de Deus, mira o futuro escatológico e apocalíptico, o futuro preparado por Deus para o fim dos tempos, e apresenta uma possibilidade de interpretação e de absorção coerente do presente. Em sua crise, o presente é, justamente por causa dos sinais de sua decadência, prenúncio e garantia da salvação que vem.²⁸⁴

A vontade de ficar à parte do “mundo da perdição” foi cedendo diante do esforço de assumir publicamente a resistência da consciência americana à decadência. Para Rocha²⁸⁵, “o neofundamentalismo surge quando o fundamentalismo protestante sofre uma reconfiguração de sua forma de atuação, distanciando-se, em parte, da separação do mundo e da alienação que o caracterizava”. Oro assim completa:

Neofundamentalismo é a produção religiosa feita por um grupo, no interior de religiões reveladas, que, legitimando-se através de uma leitura literal de verdades contidas no texto sagrado, objetiva reagir contra situações que ameaçam o *status*

²⁸³ DREHER, Martin N. *Op. Cit.* p. 87.

²⁸⁴ *Ibidem*, p. 89.

²⁸⁵ ROCHA, Daniel. *Op. Cit.* p. 64.

quo social, a cultura tradicional e/ou a integridade de sua fé, combatendo internamente os hereges da religião e externamente os valores culturais.²⁸⁶

Por uma questão metodológica, será mantida a terminologia fundamentalismo.

No Brasil, muitas igrejas aderiram à vertente fundamentalista por iniciativa de missões advindas dos Estados Unidos com o objetivo de trazer salvação à América Latina²⁸⁷. As ideias fundamentalistas, tais como, gosto exagerado pelas profecias, expectativa permanente da volta de Jesus Cristo, insistência em quadros referenciais de doutrinas, desconfiança para com a ciência e toda forma de saber que não tenha referencial bíblico, certeza de que os que não compartilham de seus pontos de vista religiosos não são absolutamente cristãos se propagaram por todo Protestantismo brasileiro. A Igreja Presbiteriana do Brasil é um tipo peculiar de protestantismo que adotou essas ideias de forma espetacular, haja visto os episódios de intolerância, oposições e conflitos gerados na busca pelos “hereges”.

Contudo, críticas a parte, cabe ressaltar que, se antes os ancestrais do homem moderno podiam ser religiosos e praticar seus mitos e rituais num mundo conservador e pré-moderno, hoje os homens estão voltados para o futuro, e o racionalismo do mundo moderno dificulta o entendimento das velhas formas de espiritualidade. Por mais que procure abraçar a religião convencional, tende naturalmente a ver a verdade como factual, histórica e empírica. Com isso, um número crescente de indivíduos, sobretudo na Europa Ocidental, abandonou a religião.

Apesar de ter as grandes transformações tecnológicas e científicas a seu favor, existe um vácuo no centro da cultura moderna. Em lugar de um Deus distante e imaginário, a sociedade está venerando a sagrada liberdade do indivíduo. Foram criadas versões secularistas de espiritualidade, que, com suas próprias disciplinas racionais e emocionais, propiciam percepção, transcendência e êxtase. Muitos, porém, ainda querem ser religiosos e tentam desenvolver novas formas de fé. O fundamentalismo é apenas um desses experimentos religiosos modernos e, até certo ponto, teve sucesso em recolocar a fé na agenda internacional, porém com frequência perdeu de vista alguns dos valores mais sagrados das crenças confessionais. Os fundamentalistas transformaram o *mythos* de sua religião em *logos*, fosse insistindo na verdade científica de seus dogmas, fosse convertendo sua complexa mitologia numa compacta ideologia. Misturaram, assim, duas fontes complementares e dois estilos de conhecimento que os pré-modernos geralmente achavam melhor não misturar. Os

²⁸⁶ ORO, Ivo Pedro. *Op. Cit.* p. 171.

²⁸⁷ *Ibidem*, p. 142.

fundamentalistas, por conseguinte, deixaram de lado ensinamentos de tolerância e compaixão e cultivaram teologias de fúria, ressentimento e vingança.

A fúria fundamentalista alude que a cultura moderna impõe exigências difíceis. Sem dúvida essa cultura fortaleceu o homem moderno, abriu novos mundos, ampliou os horizontes e propiciou uma vida mais saudável e feliz. Porém, com frequência abalou sua auto-estima. Ao mesmo tempo que proclamou o homem a medida de todas as coisas e o liberou da dependência de uma divindade transcendente, a visão de mundo racional também revelou sua própria fragilidade, sua vulnerabilidade, sua indignidade.

É importante entender que os movimentos fundamentalistas não constituem um retrocesso a um passado arcaico; são modernos, inovadores e modernizantes. Os fundamentalistas protestantes fazem uma leitura literal e racional da Bíblia, muito diferente da abordagem mística e alegórica da espiritualidade pré-moderna. Os pensadores muçulmanos pregaram uma teologia da libertação e elaboraram uma ideologia antiimperialista que estava em sintonia com outros movimentos de terceiro mundo. Até os judeus ultra-ortodoxos, que pareciam desprezar a sociedade moderna, descobriram que suas *Yeshivot* eram instituições essencialmente modernas e voluntaristas. Alternaram sua severidade em relação à observância da Torá e aprenderam a manipular o sistema político de tal modo que conquistaram mais poder que qualquer judeu religioso em cerca de dois milênios.²⁸⁸

Enfim, por ser tão combativa, essa mobilização pela ressacralização da sociedade se tornou agressiva e distorcida. Prega uma ideologia de exclusão, de ódio e até de violência ao invés de compaixão. Os movimentos fundamentalistas com frequência se desenvolvem numa relação dialética com o secularismo. Assim como os fundamentalistas precisam avaliar seus inimigos mais compassivamente, para se manterem fiéis às suas tradições religiosas, os secularistas também precisam cultivar mais tolerância e respeito pela humanidade e analisar as ansiedades e necessidades que muitos fundamentalistas sentem e que não se pode ignorar.

289

²⁸⁸ ARMSTRONG, Karen. *Op. Cit.* p. 213.

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 314.

3.4 Que calvinismo é esse?

Quando se fala de Igrejas Reformadas, logo vêm à memória os grandes nomes: Lutero e Calvino. E, claro, não podia ser diferente, pois estes são os artífices do acontecimento “Reforma”. O esforço luterano-calvinista, entre muitos outros, era redescobrir a liberdade, “a presença e o poder do Espírito Santo”. No catolicismo medieval, o Espírito, e até mesmo a graça, eram dispensados por uma hierarquia determinada. A Reforma, através da prática da livre interpretação da Palavra, assegurava aos humildes cristãos a certeza do perdão e da consciência tranqüila. O Cristo passou a ser mais acessível, mais presente do que tinha sido durante séculos²⁹⁰. Um novo tempo começara: discernimento, busca do conhecimento, fé, profecia... Segundo John Hesselink²⁹¹, dons do Espírito eram experimentados de uma maravilhosa nova maneira.

Ao contrário do luteranismo, do qual brotou, o calvinismo, assumindo diferentes formas em vários países, tornou-se um movimento internacional, que trouxe não a paz, mas sim uma espada, e cujo caminho se juntou de revoluções.

A grande ironia com que os reformadores não contavam, principalmente Calvino, (daí o maior interesse por causa do Presbiterianismo) é que o aspecto central de sua teologia- a soberania absoluta de Deus- tem sido ignorado pelo calvinismo tradicional, assim como a ortodoxia racionalista que lhe seguiu esmagou o dinamismo da fé e teologia do reformador.

Para provar tal tese, esclarecedor é ressaltar alguns pontos básicos da teologia de João Calvino. Para tanto, o esquema desenvolvido por Hesselink que afirma o seguinte:

- Ao acentuar a soberania e a liberdade de Deus, Calvino deseja deixar claro que tudo que somos e temos capacidade para fazer como cristãos é, em última análise, devido à graça de Deus e é obra do Espírito de Deus.
- Calvino tem a firme certeza de que o Espírito de Deus também está atuando no mundo, preservando, restaurando, guiando e inspirando. Sem esta obra geral do Espírito, o mundo logo se transformaria num caos e a espécie humana degeneraria para a bestialidade.
- Calvino tinha uma compreensão evangélica de natureza e autoridade da Bíblia no testemunho interno do Espírito Santo.
- Calvino desenvolve e vê toda a doutrina da vida cristã a partir da perspectiva do Espírito Santo. Prossegue desenvolvendo sua compreensão de vida cristã sob a categoria da regeneração. Ele aborda as mudanças na importância do sentimento de plena certeza.

²⁹⁰ ORTIZ, Leopoldo Cervantes. Calvino e suas diversas heranças na tradição reformada. Disponível em: <<http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?codartigo=337&codboletim=18&tipo>>. Acesso em: 09 dez. 2010, p. 2.

²⁹¹ HESSELINK, John. *O movimento carismático e a tradição reformada*. In: MCKIM, Donald K. (org.). *Grandes temas da tradição reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1998, p. 337.

- O quinto ponto relevante é que Calvino era um ferrenho membro da Igreja. Era evidente sua doutrina da Igreja e dos sacramentos. Dizia que a Igreja era um corpo orgânico: Cristo, a cabeça e os crentes, membros.²⁹²

A grande questão que se coloca é: será que as igrejas reformadas têm sido fiéis à perspectiva teológica de Calvino? Infelizmente, a resposta é dura e simples: não! Já no século dezessete, por um lado, uma ortodoxia escolástica e, por outro lado, um pietismo parcial, deram golpes que mutilaram a equilibrada apresentação de Calvino acerca da obra do Espírito. Estes dois movimentos foram seguidos por um liberalismo que falava sobre o Espírito, mas que conhecia pouco as afirmações bíblicas a respeito do Espírito Santo.

O pietismo, que surgiu no século XVII e explodiu no século XIX, acentuou e acelerou a individualização e a interiorização da vida religiosa, desenvolvendo novas formas de piedade pessoal e de vida em sociedade. Acentuou a teologia da experiência da fé em detrimento da teologia do mero conhecimento na luta pela regeneração pessoal contra a preocupação com o dogma correto, que levava a controvérsias ineficazes. Líderes do pietismo criticavam a maneira pela qual os teólogos da época reproduziam a teologia de Lutero e Calvino. A teoria não era afirmada pela prática, diziam os piedosos. Era necessário uma vida santificada, pois sem esta a fé seria mera aparência. Nas palavras de Martin N. Dreher²⁹³:

Ao acentuarem aspectos da Reforma Radical do século XVI, que fora combatida a ferro e fogo por católicos e protestantes, os pietistas entendiam-se como uma continuação da Reforma religiosa do século XVI... Eles eram conhecidos por sua negação ao batismo de crianças, pelo destaque que davam à liberdade de consciência, à separação entre Igreja e Estado e à necessidade de reforma social, tiveram suas ideias sufocadas...²⁹⁴

Acontecimento crucial para o entendimento do processo de obliteração da Reforma é que, dentre os fatos citados acima, por cem anos professores de Princeton (1812) acreditavam aceitar e subscrever os ensinamentos de Calvino, a Confissão de Fé e os Catecismos de Westminster, porém Archibald Alexander montou o currículo do Seminário com os textos de teologia sistemática de Francisco Turretini, o *Institutio Theologiae Elencticae*²⁹⁵. Em 1872, Charles Hodge substituiu o texto latino de Turretini, mas o método teológico era o mesmo. O método teológico de interpretação e autoridade da Bíblia era baseado no escolaticismo pós-reformado, que, inacreditavelmente, era o contrário da abordagem de Calvino. Fato relevante

²⁹² HESSELINK, John. *Op. Cit.* p. 338.

²⁹³ DREHER, Martin N. *Op. Cit.* p. 16.

²⁹⁴ *Ibidem*, p. 16.

²⁹⁵ ROGERS, Jack B. *Autoridade e interpretação da Bíblia na tradição reformada*. In: MCKIM, Donald K. (org.). *Grandes temas da tradição reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1998, p. 35.

é que com a crítica científica da Bíblia, se descobriu que muitos aspectos da tradição central da Igreja primitiva haviam sido perdidos na reação pós-reformada.

Rogers²⁹⁶ conta a circunstância que os cristãos primitivos tinham que enfrentar:

Eles aceitavam as Escrituras Hebraicas como autorizadas, mas precisavam interpretá-las para ensinar que Jesus era o Messias. Um literalismo ingênuo foi rejeitado, ao passo que o sentido espiritual foi conservado. Ao mesmo tempo, eles tinham que comunicar sua fé de forma compatível com a cultura grega, na qual a maior parte dos cristãos vivia. Isto significava utilizar as categorias da filosofia grega.²⁹⁷

Os primeiros mestres cristãos esforçavam-se para encontrar equilíbrio entre as duas circunstâncias. Neste sentido, a filosofia platônica dominante tornou-se uma aliada na possibilidade de ser comunicada em sua cultura, pois esta enfatizava a perspectiva espiritual. Dois métodos foram desenvolvidos pelos intérpretes da Bíblia. O principal era o alegórico que buscava resolver os problemas do literalismo, muito utilizado por Agostinho. O outro método era o histórico-gramatical que reagia contra o alegorismo e procurava o sentido natural do autor em seu contexto histórico. Crisóstomo apoiava e utilizava este método em suas pregações. Os reformadores protestantes preferiram usar o método alegórico, mas, sempre que necessário, enfocando Crisóstomo para fazer exegese. Apesar dos métodos apresentarem diferenças, ambos separaram a profundidade da verdade contida nas Escrituras. Eles buscavam a intenção do autor e o significado do seu pensamento. A Bíblia estava isenta de qualquer erro. Agostinho tinha a seguinte compreensão: *Eu creio para entender*²⁹⁸. A Bíblia era entendida como Livro da vida, inspirada pelos autores originais que iluminava os leitores atuais. Como Agostinho era um retórico, ele sabia que a verdade poderia vir das palavras, mesmo não sendo muito harmonizadas.

Na Idade Média, com as redescobertas dos trabalhos metafísicos de Aristóteles, o método teológico passa ser a lógica aristotélica: *Eu entendo para que eu possa crer*²⁹⁹. Aos poucos, a filosofia ganhou prioridade sobre a teologia. A razão foi aguçada para preparar as pessoas a exercerem sua fé. A teologia deu um salto da prática para a teoria. A especulação filosófica tornou-se central para a interpretação da Bíblia, resultando daí a volta da interpretação histórico-gramatical das Escrituras. Reação contra este método foi desenvolvida

²⁹⁶ ROGERS, Jack B. *Op. Cit.* p. 35.

²⁹⁷ *Ibidem*, p. 35.

²⁹⁸ BERG, Jan Van den, ODAIR, Pedroso Mateus & REILY, Duncan A. *Leitura da Bíblia, Calvino*. São Paulo: CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), 1991, p. 48.

²⁹⁹ BERG, Jan Van den, ODAIR, Pedroso Mateus & REILY, Duncan A. *Op. Cit.* p. 37.

pelos monges liderados por Bernardo de Clairvaux. Ele tinha o seguinte lema: *Eu creio para experimentar*³⁰⁰. Esse grupo fundava uma tradição mística, onde enfatizava-se o estímulo aos sentimentos subjetivos pelos quais podia-se chegar ao sentido espiritual das Escrituras.

Lutero e Calvino são dois nomes importantes desse retorno do método teológico que afirma que fé leva ao conhecimento. ROGERS, Jack B. *Op. Cit.* p. 38. ROGERS, Jack B. *Op. Cit.* ndimento. Lutero era monge agostiniano e colocava a fé antes da razão, mas quando diz que nas Escrituras não existe falsidade, ele não fala sobre precisão técnica e, sim, sobre a capacidade da Palavra produzir integridade em nós.³⁰¹

Calvino foi preparado como um humanista cristão, o que marca a sua ênfase na tradição retórica, ou seja, de Cícero e de Agostinho. Calvino acreditava que todos têm o conhecimento inato de Deus, semelhante a Platão quando fala das ideias inatas. O problema é que o humano suprime este conhecimento e, portanto não há *teologia natural* válida³⁰². Para isso, Deus cria as Escrituras como forma correta de comunicação com Ele. A Bíblia, sendo revelação, é tida como algo claro, que conduz à reverência, ao culto e ao correto viver. Sobre a grande questão se a Bíblia tem autoridade ou não, Rogers clarifica que para Calvino a Bíblia é um livro que se autentica a si mesmo. Calvino assim diz:

Nós devemos tentar conseguir nossa convicção num lugar mais elevado do que as razões, avaliações e conjecturas humanas, isto é, no testemunho secreto do Espírito.³⁰³

Segundo Rogers, Calvino defendeu a forma agostiniana equilibrada de ver a autoridade das Escrituras. Ele rejeitou o escolaticismo racionalista e também os espiritualistas que apontavam a direção do Espírito à parte das Escrituras. Para Calvino, a Bíblia não tem a intenção de ensinar ciência. Para exemplificar, Calvino fala sobre Moisés quando astrônomos provam que Saturno era maior que a lua, assim como relatado na Bíblia:

Moisés escreveu em estilo popular as coisas que normalmente as pessoas sem instrução, mas dotadas de senso comum, são capazes de entender; os astrônomos, porém, investigam com grande esforço tudo que a sagacidade da mente humana pode compreender... Na verdade, Moisés não desejava nos afastar desta investigação... mas, se ele tivesse falado de coisas de um modo geral

³⁰⁰ ROGERS, Jack B. *Op. Cit.* p. 38.

³⁰¹ Idem.

³⁰² Ibidem, p. 39.

³⁰³ SILVESTRE, Armando Araújo. Calvino e o direito de resistir ao Estado. *Fides Reformata*, Vol. VII, nº 2, 2002, p. 35.

desconhecidas, as pessoas não educadas poderiam se desculpar alegando que tais assuntos estão além de sua capacidade.³⁰⁴

Calvino rejeitava literalismo. Ele desejava examinar as circunstâncias e a cultura em que cada parte da mensagem bíblica estava situada. O que ele sempre focava era a intenção do autor. Para a exegese dos textos bíblicos, Calvino estabelecia duas condições básicas: *brevitas* (deixar de lado comentários longos) e *facilitas* (deixar de lado os comentaristas)³⁰⁵. Segundo Calvino, Deus fala ao ser humano de forma compreensível a ele.

Quando a Reforma começou a espalhar por toda Europa, século XVI, as nações e comunidades elaboraram suas próprias confissões de fé que, segundo Rogers, tinham um triplo propósito:

...mostrar o caráter bíblico de suas afirmações doutrinárias; demonstrar continuidade com as antigas formas de unidades expressas nos credos, especialmente, o credo Niceno e o credo dos Apóstolos; e clarificar as ênfases que distinguiam os vários grupos confessionais do catolicismo romano e dos grupos protestantes.³⁰⁶

Um período de escolaticismo protestante foi desencadeado pelos sucessores de Lutero e Calvino. Com a finalidade de sistematizar os trabalhos de seus mestres, fundiram-no com o molde aristotélico. A teologia tornou-se uma ciência abstrata, especulativa e técnica. Este escolaticismo reformado atingiu seu auge com Francisco Turretini, que ocupou a cadeira de teologia em Genebra um século depois da morte de Calvino. Ele elaborou uma teologia sistemática científica. Tentou de todas as formas, externas e internas, provar que os escritores bíblicos não cometeram nenhum tipo de erro. Segundo Rogers, o escolaticismo reformado foi uma forma de pensar que, num período de reação defensiva, fez significativas mudanças na doutrina da Escritura utilizada por Calvino. *Turretini não fez referência ao testemunho interno do Espírito Santo no desenvolvimento da autoridade da Escritura, mas invocou o Espírito Santo como garantia da autenticidade canônica.*³⁰⁷

De 1642 a 1649, os teólogos de Westminster, reúnem-se e decidem sustentar o lema: *a fé leva ao entendimento*. O propósito era unir as pessoas a Cristo através da Bíblia, afirmar a autoridade da Escritura na mensagem salvífica confirmada pelo testemunho interno do

³⁰⁴ ROGERS, Jack B. *Op. Cit.* p. 40.

³⁰⁵ *Ibidem*, p. 41.

³⁰⁶ *Ibidem*, p. 41.

³⁰⁷ MARÍN, Gutierrez. *Calvino Antologia, presentación y selección*. Barcelona: Producciones Editoriales del Nordeste, 1971, p. 230.

Espírito Santo³⁰⁸. Os teólogos de Westminster desafiaram os excessos dos racionalistas, de um lado, e os sectários espiritualistas, de outro. John Owen foi o personagem de transição que ilustrou o movimento em direção ao escolaticismo, logo após o acontecimento da Assembléia de Westminster.

Gradualmente, a razão adquiriu maior status que a fé com a introdução da nova ciência e filosofia na Inglaterra, principalmente depois de fundada a Sociedade Real. Em razão desse evento, os teólogos tinham que examinar a Bíblia conforme o modelo mecanicista. A mensagem da Escritura tinha de estar de acordo com a razão de Locke e a linguagem bíblica precisava se conformar às noções newtonianas a respeito da perfeição.

Outro fato importante para esta breve retrospectiva histórica foi a fundação da escola filosófica escocesa do senso comum, idealizada por Thomas Reid. Ele adotou um realismo aristotélico simples e também o método de Bacon da indução científica. Esse realismo dominou a filosofia acadêmica nas universidades norte-americanas durante cinquenta anos³⁰⁹, principalmente no Seminário de Princeton com a aprovação de John Witherspoon.

Antes da fundação do Seminário de Princeton (1812), muitos jovens tinham que estudar com os pastores para se prepararem à ordenação. Um nome importante, dentre todos esses jovens, foi o escocês Archibald Alexander, o primeiro professor de Princeton. A ele foi incumbida a tarefa de preparar o currículo do Seminário. Francisco Turretini e a filosofia escocesa do senso comum tornaram-se centrais para a teologia sistemática do Seminário por sessenta anos, até serem substituídas pela *Systematic Theology*³¹⁰, de Charles Hodge (1872), mas os termos da Confissão a respeito da Escritura continuam sendo os mesmos. Nas palavras de Rogers:

A filosofia escocesa do senso comum de Reid era considerada como guia suficiente para a interpretação da Bíblia. Assim, um escolaticismo da pós-reforma, com sabor escocês, foi ensinado como se fosse a teologia de Calvino e de Westminster por mais de cem anos, até a reorganização do Seminário de Princeton, em 1929.³¹¹

Rogers também defende que não havia uma hermenêutica cuidadosamente desenvolvida nos textos dos teólogos de Princeton. Eles aceitavam a teologia de Turretini como estrutura dos fatos teológicos e o realismo escocês que pressupunha que Deus tinha feito um mundo natural de forma ordenada e uniforme. Portanto, não poderia haver erro na

³⁰⁸ MARÍN, Gutierrez. *Op. Cit.* p. 234.

³⁰⁹ SILVESTRE, Armando Araújo. *Op. Cit.* p. 37.

³¹⁰ *Ibidem*, p. 44.

³¹¹ ROGERS, Jack B. *Op. Cit.* p. 44.

observação dos fatos. Os fatos da Bíblia e os fatos da natureza nunca poderiam entrar em conflito. Quando cientistas apresentavam interpretações diferentes daquelas dos teólogos de Princeton, estes acusavam os cientistas de estarem apresentando teorias especulativas.

Com o passar do tempo, surge a crítica bíblica no século XIX, afirmando pensamentos opostos daqueles de Princeton. Um exemplo é Charles Augustus Briggs³¹², professor de Antigo Testamento no Seminário Unido de Nova Iorque. Ele tentou introduzir pontos de vista da alta crítica germânica na Igreja Presbiteriana, mas, como qualquer pensamento oposto era banido, logo Briggs foi acusado de heresia e suspenso do ministério.

Outra tentativa mais tardia foi realizada pelo professor de Princeton Edward A. Dowey³¹³. Ele propôs montar um Livro de Confissões, acrescentando alguns documentos reformados do século XVI a Westminster, e elaborar uma confissão de fé nova e contemporânea³¹⁴. Terminado este documento, chamado de Confissão de 1967, duas organizações foram criadas para o “combate”: uma leiga e uma mais clerical. O Livro foi aceito para a publicação, mas raramente acessado, a não ser por uma minoria de teólogos que reivindicavam a nova postura. A partir de todos estes acontecimentos, o fundamentalismo anuncia sua vitalidade e tensões irão ocorrer com o passar dos anos, todos centrados na grande questão: falta de consenso a respeito do método teológico e interpretação da Bíblia.

³¹² ORTIZ, Leopoldo Cervantes. *Calvino e suas diversas heranças na tradição reformada*. Disponível em: <<http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?codartigo=337&codboletim=18&tipo>>. Acesso em: 09 dez. 2010, p. 4.

³¹³ SILVESTRE, Armando Araújo. *Op. Cit.* p. 38.

³¹⁴ *Ibidem*, p. 47.

CONCLUSÃO

Um dos acontecimentos mais expressivos do século XX foi o surgimento de uma devoção militante conhecida como “fundamentalismo”, dentro das grandes tradições religiosas. Os fundamentalistas não vêem essa luta como uma batalha política convencional, mas sim, como uma guerra cósmica entre o bem e o mal. Como figura histórica original, o fundamentalismo é cristão, ocidental e protestante.

O fundamentalismo só veio tomar forma no final do século XIX, nos Estados Unidos, como reação ao estudo histórico-crítico do texto bíblico e às formulações teológicas que tomavam em conta as novas proposições hermenêuticas da filosofia moderna, principalmente na Europa. O debate teológico centrava-se nas modalidades de interpretação da Bíblia: os teólogos ditos liberais defendiam a necessidade de utilizar todos os instrumentos críticos das modernas ciências humanas para purificar o texto sagrado das mitologias e dos condicionamentos históricos que nele tinham vindo a sedimentar-se; os teólogos tradicionais ou conservadores, por sua vez, opunham-se a tal tendência, pois defendiam que o contributo da ciência moderna acabaria por alterar a integridade da verdade depositada no livro sagrado.

315

A Igreja Presbiteriana do Brasil representa um tipo particular de protestantismo que adotou essas idéias conservadoras de forma tão espetacular que elas perduram até os dias de hoje. Estudar esse fenômeno foi de suma importância devido à inquietação em saber como essas idéias tão residuais e minoritárias em seu contexto de origem se propagaram no solo brasileiro, em especial na IPB, e como pessoas aceitam e concordam com tais preceitos.

Ao ser analisado o processo de implantação do protestantismo no Brasil, em especial a IPB, verificou-se que o impulso missionário das igrejas protestantes resultou de um momento de despertar religioso (*Revival*) ocorrido nos séculos XVIII e XIX tanto na Inglaterra como, principalmente, nos Estados Unidos. Sob a antiga concepção, as missões em terras tidas como “pagãs” eram vistas como expedições enviadas com o objetivo de conquista. Outras crenças e modos de vida tinham de ser destruídos, e a fé da Igreja e os ideais do Ocidente, deveriam ser impostos aos outros povos. Dessa forma, as culturas diferentes eram

³¹⁵ ARMSTRONG, Karen. *Op. Cit.* p. 174.

entendidas como negativas. Outro dado interessante é que a ideologia dos missionários se baseava numa visão ingênua de sociedade. Entendiam que bastava transformar os indivíduos para que esta fosse transformada.

Não se pode dizer que herdamos um protestantismo da Reforma, pois o que chega ao Brasil já é resultado de situações sociológicas e teológicas desenvolvidas no interior da cultura norte-americana. Contudo, o protestantismo implantado no Brasil, em seus inícios, ganhou força por trazer a grande novidade das ideias liberais que chegam em sucessão ao iluminismo.

O presbiterianismo, em particular, apesar das cisões sofridas, expandiu-se graças as suas missões nacionais. Recebendo forte influência dos grupos fundamentalistas norte-americanos os setores mais conservadores da IPB acabaram por conquistar as principais posições de mando da instituição. Com isso impuseram, autoritariamente, as posições teológico-doutrinárias do fundamentalismo, isolando a Igreja pela recusa ao diálogo com suas congêneres numa atitude permanente de intolerância e exclusivismo.

O trabalho procurou mostrar como o fundamentalismo está enraizado no presbiterianismo, através de seus posicionamentos intolerantes para com o diferente, evidenciado com o trágico episódio da chamada “Inquisição em fogueiras”, coincidindo com o apoio explícito à Ditadura Militar. Momento este difícil para a vida de muitos pastores e fiéis que foram expulsos da IPB por defenderem uma teologia não-fundamentalista, ecumênica e mais consentânea com as exigências da situação histórica que desafiava a Igreja.

Embora esteja claro que significativas parcelas do presbiterianismo tem uma ligação muito forte com o fundamentalismo, este foi travestido com a máscara do conservadorismo que anunciava uma pretensão de neutralidade, afirmando-se numa posição de equidistância dos extremos. Mas, o que poderia diferenciá-los? Simplesmente, nada. Apenas o temor da correlação que se estabeleceu na sociedade entre fundamentalismo, intolerância e violência. Tanto o conservadorismo protestante como o fundamentalismo têm o mesmo objetivo: manter uma atitude ideológica intransigente e inflexível baseada numa certa interpretação dogmática do texto bíblico, contrapondo-se, de forma intolerante e raivosa, a qualquer postura alternativa que sempre é vista como ameaça a sua fechada visão de mundo.-

A cosmovisão fundamentalista na IPB, impregnada com ideias de equilíbrio, permite a seus defensores que evoquem, sempre que necessário, o conceito de “equidistância dos extremos liberais e fundamentalistas”, legitimando posturas fundamentalistas.

A figura do pastor norte-americano Carl McIntire foi lembrada como sendo protagonista de um incidente ocorrido na trajetória da IPB para a consolidação das posições

fundamentalistas. Até onde sua influência é importante não houve informações suficientes, levando em consideração que todos os entrevistados não fizeram muitas referências a este nome. O que importa saber é que ele esteve em solo brasileiro, propagando e reafirmando os ideais fundamentalistas, num momento quando a Igreja se debatia com muitas questões vitais para a redefinição de sua identidade e seus propósitos no interior da sociedade brasileira. De qualquer forma, McIntire contribuiu para a divisão na Igreja, com a formação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista. Seu ideário criou raízes entre os setores mais conservadores da IPB. Sobre a atual conjuntura, foi visto que, mesmo o Estado sendo laico, a IPB, se pronuncia publicamente contra leis que possam divergir dos seus ensinamentos.

Permanece a dúvida com respeito ao suposto calvinismo expresso pela IPB atualmente, pois temos em perspectiva que o esforço do Reformador de Genebra, entre muitos outros era reafirmar a liberdade dos cristãos e chamar a atenção para a precariedade, limitação e provisoriedade de toda e qualquer elaboração humana, inclusive os discursos humanos sobre o Sagrado.

Com as conquistas da chamada modernidade, a vida dos homens e mulheres passa a ter pouca incerteza, o que passou a gerar uma procura menor pela religião. O fundamentalismo, tido um experimento religioso moderno, embora com sinal trocado, teve sucesso, até certo ponto, em recolocar a fé na agenda internacional, porém perdeu de vista alguns dos valores mais sagrados das crenças confessionais. O fundamentalismo é uma ideologia que oferece soluções totalitárias e autoritárias a todos os que se sentem desvalidos com o fim de suas certezas e que por esta razão temem a liberdade. Por isso, em muitos momentos, aparece como uma oferta de *racionalidade alternativa*³¹⁶, adequada, ainda que ilusória, para o encaminhamento de soluções para os problemas que tanto atormentam os membros da sociedade moderna.

³¹⁶ MARSDEN, George M. *Op. Cit.* p. 130.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *O que é religião*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Perguntaram-me se acredito em Deus*. São Paulo: Editora Planeta, 2007.

APPLEBY, R. SCOTT. MARTY, MARTIN R. *Fundamentalisms and society*. Chicago. The University of Chicago Press, 1993.

ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras: vinte anos de história da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: ISEER, 1976.

ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca no judaísmo, no cristianismo e islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Jerusalém: uma cidade, três religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

AZEVEDO, Antônio Carlos A. *Dicionário histórico de religião*. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.

BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *O Mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BERG, Jan Van den, ODAIR, Pedroso Mateus & REILY, Duncan A. *Leitura da Bíblia, Calvino*. São Paulo: CEDI (Centro de documentação e informação), 1991.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *A construção social da realidade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 2004.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org.). *Violência e religião- cristianismo, islamismo, judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. São Paulo: Ed. PUC-RIO, Edições Loyola, 2001.

BITTENCOURT, Filho J. *Matriz religiosa brasileira, religiosidade e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOFF, Leonardo. *Nova era- civilização planetária*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

_____. *Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz- desafios para o século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOISSET, Jean. *História do protestantismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

BONINO, José Miguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo, RS. Escola Superior de Teologia. Sinodal, 2002.

ROGERS, Jack B. *Autoridade e interpretação da Bíblia na tradição reformada*. In: MCKIM, Donald K. (org.). *Grandes temas da tradição reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRASILEIRO, Roberto. 145 anos abençoando o Brasil e o mundo. *Brasil Presbiteriano*, São Paulo, agosto de 2004. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/versao_pdf_agosto2004.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2009.

BRUNNER- TRAUT, Emma (org.). *Os fundadores das grandes religiões*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CÉSAR, Waldo A. (org.). *Protestantismo e imperialismo na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1968.

_____. *Para uma sociologia do protestantismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CHALLAYE, Felicen. *As grandes religiões*. São Paulo: Ibrasa, 1981.

CHIAVENATO, Júlio José. *Religião da origem a ideologia*. Sollus, 2003.

COUCH, Mal (org.). *Os fundamentos para o século XXI- examinando os principais temas da fé cristã*. São Paulo: Hagnos, 2009.

CUNHA, Guilhermino. *A Igreja dos meus sonhos- mentalidade de Reino de Deus, mentalidade de Igreja, corpo de Cristo ou mentalidade de seita?* Rio de Janeiro: Edições catedral, 2002.

DA SILVA, Juliana Guedes Cordeiro. Fundamentalismo- algumas considerações históricas sobre o fenômeno. In: DIAS, Z. M (org.). *Os vários rostos do fundamentalismo*. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), 2009. p. 07-17.

_____. *Traços do Fundamentalismo no Protestantismo de Missão: O caso da Igreja Presbiteriana do Brasil*. Disponível em: <<http://www.estudosibericos.com/arquivos/iberica11/3cordeirofundamentalismo.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

DAWKINS, Richard. *Deus- um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DE ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1985.

DE AZEVEDO, Mateus Soares. *Homens de um livro só: o fundamentalismo no islã, no cristianismo e no pensamento moderno*. Rio de Janeiro: Nova era, 2008.

DE BONI, Luis Alberto (org.). *Fundamentalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

DE CHARDIN, Pierre Teilhard. *O meio divino*. São Paulo: Cultrix, 1957.

DE FARIAS, José Jacinto Ferreira; STILWELL, Peter; TEIXEIRA, Alfredo & Das NEVES, Joaquim Carreira. *Religião e violência*. São Paulo: Paulus, 2002.

DE MATOS, Alderi Souza. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil: concílios superiores e seus líderes*. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php?id=31>. Acesso em: 23 jul. 2009.

_____. *Erasmus Braga, o protestantismo e a sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

_____. *Uma Igreja peregrina, história da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1959 a 2009*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009.

_____. *Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil*. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php?id=24>. Acesso em: 23 jul. 2009.

DE SOUZA, Robson da Costa. *Discursos e práticas fundamentalistas na Igreja Presbiteriana do Brasil (2002-2008)- Uma análise da pretensa posição de equidistância dos extremos fundamentalistas e liberais*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

DE OLIVEIRA, Marcos Cavalcante & HACK, Oswaldo Henrique. *Educação teológica presbiteriana- diretrizes e propostas*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

DESROCHE, Henri. *O homem e suas religiões*. São Paulo: Paulinas, 1985.

DIAS, Z. M. *Notas sobre a expansão e metamorfose do protestantismo na América Latina*, in Juiz de Fora: Numem, vol.3 nº 2, 2002.

_____. (org.). *Os vários rostos do fundamentalismo*. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), 2009.

DOS SANTOS, Marcelo Silva. *Do medo à reação- a contestação pré-fundamentalista protestante do século XIX*. (TCC). Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2009.

DREHER, Martin N. *Para entender fundamentalismo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.
DUNSTAN, J. Leslie. *Protestantismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 1963.

FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

FERREIRA, José Laerton A. *Fundamentalismo: sua base, sua história e o seu valor para a Igreja*. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org>>. Acesso em: 02 de fev. 2010.

FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, 2º Edição, Vol. I.

_____. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, 2º Edição, Vol. II.

FEURBACH, LUDWIG. *La esencia de la religion*. Argentina: Prometeu Libros, 2009.

FILGUEIRAS, Silas G. *Os “Irmãos”*. Petrópolis: Publicação particular, 1991.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. 25 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GAUCHET, Marcel. *El desencantamiento del mundo- una história política de La religion*. Tradução de Esteban Molina. Madrid: Trotta, 2005.

GÊNERO, FUNDAMENTALISMO E RELIGIÃO. São Paulo (São Bernardo do Campo): Revista do grupo de estudos de gênero e religião Mandrágora, n. 14, 2008.

HESSELINK, John. *O movimento carismático e a tradição reformada*. In: MCKIM, Donald K. (org.). *Grandes temas da tradição reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1998.
HOUTART, François. *Sociologia da religião*. São Paulo: Ática, 1994.

HUME, David. *História natural da religião*. São Paulo: UNESP, 2005.

IBARRONDO, Xabier Pikaza. *Monoteísmo e globalização- Moisés, Jesus, Muhammad*. Petrópolis: Vozes, 2004.

IPB. *Manual Presbiteriano*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.

KEPEL, Gilles. *A revanche de Deus*. São Paulo: Siciliano, 1992.

KÜNG, Hans. *Religiões do mundo*. São Paulo: Verus, 2004.

LATOURETTE, Kenneth Scott. *Uma história do cristianismo*. São Paulo: Agnos, 2006.

LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: ASTE, 1993.

_____. *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*. São Paulo: Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 1988.

LOPES, Augustus Nicodemos. *Aborto: os dois pontos cruciais*. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php3?id=13>. Acesso em: 24 jul. 2009.

_____. *A excelência da palavra de Deus*. Disponível em <http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php3?id=38>. Acesso em: 24 jul. 2009.

_____. *Fundamentalismo e fundamentalistas*. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php3?id=30> Acesso em: 24 jul. 2009.

_____. *A leitura da Bíblia e a pós-modernidade*. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php3?id=25>. Acesso em: 24 jul. 2009.

_____. *O que estão fazendo com a Igreja, ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*. São Paulo: Mundo cristão, 2009.

_____. *Quatro Princípios bíblicos para se entender a batalha espiritual*. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php3?id=257>. Acesso em: 24 jul. 2009.
LUCENÓ, José Maria Garrido. Sobre el fundamentalismo. *Revista de Estudos Eclesiásticos Superiores: Isidorianum* **30**, 2006, p. 111-166.

MACKAY, John A. *The presbyterian way of life*. United States of America: Englewood Cliffs, 1960.

MARÍN, Gutierrez. *Calvino Antologia, presentación y selección*. Barcelona: Producciones Editoriales del Nordeste, 1971.

MARSDEN, George M. *Understanding fundamentalism and evangelicalism*. United States of America: Eerdmans, 1991.

_____. *Fundamentalism and American culture*. United States of America: Oxford University Press, 2006.

MARTY, Martin E. O que é fundamentalismo? *Concilium* **241**, 1993, p. 13-25.

MCKIM, D. K. *Grandes temas da tradição reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1998.

MELLING, Philip. *Fundamentalism in America- millennialism, identity and militant religion*. United States of America: Fitzroy Dearborn Publishers, 1999.

MENDONÇA, A. G. & VELASQUES, Filho P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MENDONÇA, A. G. *No celeste porvir*. São Paulo: Aste, 1995.

MESLIN, Michel. *A experiência humana do divino*. Petrópolis: Vozes, 1992.

MILLER, Andrew. "Os irmãos" (*Como são chamados*). São Paulo: Depósito da literatura cristã, 2005.

MOLTMAN, Jürgen. Fundamentalismo e modernidade. In: *Concilium*, 241, 1992, p. 141-149.

_____. *A vinda de Deus: escatologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2000.

NOGUEIRA, Alcides. *O evangelho social e a Igreja de Cristo*. Rio de Janeiro: Casa publicadora Batista, 1965.

ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

ORTIZ, Leopoldo Cervantes. *Calvino e suas diversas heranças na tradição reformada*. Disponível em: <<http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?codartigo=337&codboletim=18&tipo>>. Acesso em: 09 dez. 2010.

PACE, Enzo e STEFANI, Pierro. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. Paulus: Coleção Fé e Mundo Pós-moderno-2, 2000.

PAIXÃO JÚNIOR, Valdir Gonzales. *Poder e Memória: o autoritarismo na Igreja Presbiteriana do Brasil no período da ditadura militar*. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *Criacionismo é fundamentalismo. O que é fundamentalismo?* Disponível em: <http://www.espiritualidades.com.br/Artigos_M_R/Pierucci%20_Ant_fundamentalimo.htm>. Acesso em: 14 nov. 2010.

PORTELA, Solano. *Eutanásia*. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php3?id=29>. Acesso em 23 jul. 2009.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1993.

RIBEIRO, Boanerges. *A Igreja presbiteriana no Brasil- da autonomia ao cisma*. São Paulo: Livraria o semeador ltda, 1987.

ROCHA, Daniel. *Venha a nós o Vosso Reino: rupturas e permanências entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-

Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.

SCHERER, Burkhard (org.) – *As grandes religiões*. Petrópolis: Vozes, 2005.

SHAULL, R. *A reforma protestante e a teologia da libertação*. São Paulo: Pendão Real, 1993.

SIAT, Jeannine. *Religiões monoteístas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. STROHL, H. *O pensamento da reforma*. São Paulo: ASTE, 1963.

SILVESTRE, Armando Araújo. Calvino e o direito de resistir ao Estado. *Fides Reformata*, Vol. VII, nº 2, 2002.

STÖRING, Hans Joachim. *História geral da filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2008.

TEIXEIRA, Alfredo Borges. *Dogmática evangélica*. São Paulo: Pendão Real, 1976.

TEIXEIRA, Faustino. O diálogo em tempos de fundamentalismo religioso. Disponível em: < http://empaz.org/dudu/du_art24.htm>. Acesso em: 10 mar. 2008.

TILLICH, P. *A era protestante*. São Paulo: UMESP, 1992.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: UnB, 1980.

WATANABE, Tiago Hideo Barbosa. *De pastores a feiticeiros: a historiografia do protestantismo brasileiro (1950-1990)*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.

WEBER, Marx. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ANEXO

Anexo 1- Entrevista com o Reverendo Guilhermino Cunha

Anexo 2- Entrevista com o Reverendo Carlos Caldas

Anexo 3- Respostas obtidas por e-mail do reverendo Augustus Nicodemus

Anexo 4- Respostas obtidas por e-mail do reverendo Alderi de Souza Matos

Anexo 1- Entrevista com o Reverendo Guilhermino Cunha³¹⁷

P1: O nome completo do Rev. é?³¹⁸

R1: Guilhermino Cunha e já está de bom tamanho.

P2: O Rev. é natural de qual cidade?

R2: Dom Cavati, que fica entre Caratinga e Governador Valadares no Estado de Minas Gerais.

P3: O Rev. nasceu em berço presbiteriano ou sofreu algum tipo de conversão?

R3: Eu sou a quarta geração de presbiterianos, mas tive a benção de uma experiência de conversão e chamada para o ministério, quase simultâneos. E você quer saber como?

P4: Seria a próxima questão.

R4: Quando adolescente, terminando a admissão da época para fazer a chamada quarta série, logo após o primário, estava participando de um culto de pregação ao ar livre, lá no interior, bem na roça, iluminado com um farol de querosene e a pessoa que foi pregar, ele gaguejou, gaguejou para ler a parábola do filho pródigo. Fechou a Bíblia e disse: Vocês sabem que eu não sei ler. Eu conheço essa história de cor. E, num português muito quebrado, ele contou a história do filho pródigo. Eu estava junto com os outros meninos, rindo do português dele por ele ser analfabeto. Naquela hora, então, eu parei, como se a voz de Deus, a voz interior do Espírito Santo me dissesse: Que papel, heim! Você está aí rindo de um homem que não consegue ler a Bíblia, assina o nome, só nome e você, porque não está lá lendo a Bíblia? Como se fosse a voz de Deus, a voz interior e eu parei daquela brincadeira e voltei a ouvir mais do que estava sendo dito. Naquela noite mesmo, eu acertei no meu coração que precisava fazer a minha profissão de fé. Tinha sido batizado quando criança, porque na fé reformada bíblica nós temos a benção de nascer numa família que tem aliança com Deus e, conseqüentemente, você é consagrado a Deus pelo batismo desde a infância. O batismo é um ato de Deus e não um ato da Igreja, muito menos um ato do homem. Mas, decidi fazer minha profissão de fé. O pastor da Igreja, na época, o Rev. Albedes Ferreira da Cunha, disse: Olha, para fazer a profissão de fé você tem que saber no mínimo o catecismo de doutrina cristã. Eu

³¹⁷ Realizada no dia 22 de fevereiro de 2010 na Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro.

³¹⁸ As siglas dos diálogos são: P: pergunta e R: resposta; todas enumeradas para uma melhor localização do leitor.

disse: Isso não tem problema não. Vamos marcar para esse final e início do mês. Então, ele marcou. Eu, durante aquele período, resolvi decorar o catecismo da doutrina cristã e acabei decorando perguntas e respostas. Uma coisa muito curiosa. E também os dez mandamentos, as bem aventuranças. Eu fui caminhando, fazendo um intensivo. Aí fui para o exame e, no exame, um menino criado na Igreja, nos corredores e tudo... Quando começava a fazer as perguntas, eu respondia a primeira pergunta, respondia a seguinte. E ele dizia: Sobre o assunto tal. Eu fazia a pergunta e dava a resposta. E fui assim, uma memória muito boa. Eu sempre li Bíblia e li dicionário para desenvolver bem o vocabulário. Bom, isto posto, respondi os mandamentos, não todos, mas alguns que foram perguntados e queriam que eu dissesse o salmo 23. Fácilimo. E eu falo que, pela graça de Deus, além de ter sido aprovado para a profissão de fé, recebi de presente um Novo Testamento. E, nesse Novo Testamento, uma dedicatória bonita, congratulando: Está dominando bem a doutrina, e dizendo, sua desenvoltura sinaliza alguma coisa de Deus em sua vida, um plano de Deus para sua vida. Uma coisa, sem dizer que aquilo era uma vocação para o ministério. No domingo seguinte, foi num sábado o exame, no domingo em que fiz a profissão de fé era dia de Santa Ceia e eu coloquei a roupa mais bonita. Uma calça azul, uma camisa branca. Fui participar da Ceia e no pão tudo muito bem, mas na hora do cálice, a emoção foi tão grande que eu peguei o cálice e tremi um pouco e ele entornou na camisa. Quando eu entreguei minha cabeça para orar, agradecendo por Jesus que tinha morrido por mim, eu vi aquela mancha de vinho como uma mancha de sangue e a frase: O sangue de Cristo de Jesus me limpa, me purifica de todos os pecados. E isso, foi assim, foi uma experiência também não só de conversão, mas também de chamado para o ministério.

P5: Bom, eu nem vou lhe perguntar sobre sua vida acadêmica porque eu vi nesse livro.

R5: O currículo você pode pegar com o Charles.

P6: O Rev. é pastor da Igreja Presbiteriana há quanto tempo, muito bonita inclusive?

R6: Eu sou pastor dessa Igreja desde 10 de janeiro de 1981. Um pouco mais de 29 anos.

P7: A Igreja conta com muitos membros em seu rol?

R7: Tem. A Igreja conta com mais de 3.000 membros. 3.500 poucos membros.

P8: Existem outros pastores nessa Igreja?

R8: 7 pastores e a equipe, incluindo uma missionária que trabalha aqui com crianças e adolescentes.

P9: Qual é o perfil dessa Igreja? Mais conservadora, mais liberal...

R9: A Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro é Igreja mãe do presbiterianismo brasileiro. A história começou aqui com a chegada do primeiro missionário Ashbel Green Simonton. O marco de origem da Igreja Presbiteriana do Brasil é o dia 12 de agosto de 1859. É curioso que uma das estratégias de Simonton foi exatamente uma sala de aula, onde ele ensinava inglês e aprendia português interagindo com os alunos. Então, literalmente, podemos dizer que a Igreja Presbiteriana nasceu numa sala de aula e o grande ideal, a filosofia dos missionários, a filosofia da própria Igreja foi sempre pautada no princípio que ao lado de cada Igreja, devemos ter uma escola e uma pequena clínica ou ambulatório. Então, seria uma ênfase na evangelização, educação e ação social. Quando você observa isso e vê a descrição do próprio ministério de Jesus, como está em Mateus 24:23 e Mateus 9:35, Jesus percorria todas as aldeias e cidades, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando toda a sorte de doenças e enfermidades. Então, evangelizar, educar e curar. A cura, no sentido neotestamental ela equivale ao conceito de salvação. Quando Jesus curava uma pessoa, Ele dizia: A tua fé te salvou. Então, a cura era sinônimo de salvação e, ainda mais, a cura era dos males físicos, dos males emocionais, dos males da alma, dos males que atormentavam a própria família. Então, a Igreja quando pensa em evangelização, educação e ação social; esta cura é tanto física, quanto emocional, quanto espiritual, é uma obra completa. Então, a nossa Igreja aqui, por consequência dessa herança reformada, ela é uma Igreja muito firme nas suas posições doutrinárias. Eu diria que é um modelo, um referencial de uma Igreja equilibrada, não só na liturgia, mas também na doutrina, no ensino. Eu diria que a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro é uma Igreja reformada, mais conservadora que liberal, ela é uma Igreja aberta para mudanças. Até adotou um Slogan: A Igreja de portas abertas, voltada para a comunidade. Nós temos algumas obras sociais aqui na Igreja. Temos a APAS, que é uma ONG chamada Associação Presbiteriana de Ação Social, onde nós temos curso de alfabetização de adultos, curso de inclusão digital, cursos profissionalizantes, temos uma parceria com EDUCAFRO para dar pré-vestibular para afro-descendentes e pessoas carentes. Além de fazer um trabalho com a população de rua. Então, uma Igreja que tem a sensibilidade de levantar o caído, de estender a mão. Para algumas cabeças pequenas, pensam ser isto uma Igreja Liberal. Isso é ser uma Igreja que imita Jesus, porque o programa do ministério de Jesus foi integral, não foi só o alcançar a alma, mas também educar e curar. Então, eu descreveria a Igreja Presbiteriana do

Rio de Janeiro, na sua equipe pastoral, primeiro com um fator de equilíbrio. A nossa Igreja atravessou profundas crises. Ela foi organizada no Brasil Império, no dia 12 de janeiro de 1862. Ela atravessou todas as crises, desde a primeira cisão no presbiterianismo que foi em 1903, depois a cisão fundamentalista na década de 50 e 60, passou pela fase da chamada época das renovações espirituais que fez surgir e cindir as Igrejas históricas, a Presbiteriana fazendo surgir uma Igreja Presbiteriana renovada, que no Espírito Santo chamou-se Maranata, aqui no Sul do Brasil acabou tendo um nome de uma Igreja Presbiteriana Renovada, mas de tendência pentecostal. A nossa Igreja atravessou profundas crises. Ela foi organizada no Brasil Império, no dia 12 de janeiro de 1862. Ela atravessou todas as crises, desde a primeira cisão no presbiterianismo que foi em 1903, depois a cisão fundamentalista na década de 50 e 60, passou pela fase da chamada época das renovações espirituais que fez surgir e cindir as Igrejas históricas, a Presbiteriana fazendo surgir uma Igreja Presbiteriana renovada, que no Espírito Santo chamou-se Maranata, aqui no Sul do Brasil acabou tendo um nome de uma Igreja Presbiteriana Renovada, mas de tendência pentecostal. A Igreja do Rio atravessou todas essas crises e nunca se envolveu em qualquer debate teológico de ficar do lado deste contra aquele. Eu diria que na polarização que lamentavelmente envolveu a Igreja Presbiteriana do Brasil, foi na época de Carl McIntire, quando ele veio ao Brasil, ele que já tinha criado todos os problemas e cindido a Igreja Presbiteriana, um grupo saiu da Igreja Presbiteriana lá e ele passou a ser uma pessoa que foi dividindo, não só o grupo que saiu com ele, no seminário que ele fundou, mas a própria Igreja local onde ele pastoreava. Ele foi dividindo, dividindo, dividindo, até praticamente acabar com a Igreja, que é um dos males do fundamentalismo. Ele é altamente divisor. Então, a Igreja Presbiteriana do Brasil, ela adotou uma posição ou um posicionamento no Supremo Concílio de equidistância. Equidistância dos extremos. Eu chamaria isso de uma busca de equilíbrio, fidelidade à fé reformada, fiel às sagradas escrituras, à confissão de fé, aos catecismos da Igreja Presbiteriana, que é a confissão de fé de Westminster. Essa posição de equidistância dos extremos foi a posição que nós sempre defendemos, por exemplo, no Supremo Concílio e como pastor desta Igreja. Eu diria com muita tranquilidade que nós não aceitamos o liberalismo teológico e nem o liberalismo ético. Curiosamente, você tem no fundamentalismo uma intransigência doutrinária e um relaxamento ético. O fundamentalista se for preciso, ele mente. E, para mim, os mentirosos não herdarão o Reino dos céus. O diabo é o pai da mentira. Então, na verdade, cremos que na Igreja hoje, Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, nós diríamos que predomina uma mente reformada na pregação, no ensino e na postura em relação à Igreja. Tenho dado todo apoio às iniciativas do Supremo Concílio da nossa Igreja, não somente na época em que fui presidente,

mas sempre foi a posição da Igreja mãe cooperar com os eventos maiores da Igreja, quando procurada. Nós não somos uma Igreja de ficar procurando, nós estamos prontos para abrir os braços e receber com carinho como fizemos agora no sesquicentenário. Recebemos aqui a Comissão Executiva, recebemos aqui o presidente da república, o governador do Estado, o prefeito da cidade, o presidente do Supremo Concílio. Quem pregou, inclusive, neste culto, ato cívico religioso foi o Ludgero Bonilha de Moraes. À noite, pregou o Roberto Brasileiro. A Igreja mãe que já está caminhando para 150 anos de organização, dia 12 de janeiro de 2012. Nós vamos completar 150 anos de Igreja organizada. Então, nós não podemos ser uma Igreja imatura, nós temos o nosso posicionamento a nossa firmeza. Então, eu diria que a nossa Igreja é coluna e baluarte da verdade. Essa é a resposta mais longa, as outras serão mais curtas.

P10: Essas cisões são causadas por influência do trabalho missionário ou depois de um presbiterianismo bem consolidado?

R10: Eu diria que a primeira de 1903 ela teve três causas básicas: uma, era a necessidade da liderança nacional se firmar face à liderança quase que colonialista dos missionários americanos. O Conselho se reuniu, mas se reuniu e financiou e disse que é por aqui que nós vamos andar. Então, era um desejo de independência da questão missionária, da tutela missionária. Eu creio que esta é a razão para o nome Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. A segunda causa desta primeira cisão foi a questão educacional, que ela podia se prender a outra questão que era o surgimento de hospitais e clínicas. Era a chamada evangelização indireta. Para os missionários, envolver na obra educacional e na obra da área da saúde era uma evangelização indireta, era influenciar na cultura e, graças a Deus, eles se mantiveram nesse posicionamento. Uma terceira questão, que o historiador chamado Émile Leonard disse, que a questão maçônica foi a mão do gato nessa questão da divisão toda. Mas, infelizmente, as pessoas tendem a analisar de forma meio superficial os acontecimentos e a história é escrita pelos vencedores. Aquele segmento que predomina tem a caneta na mão e escreve a história. São poucos os historiadores que imitam, ainda que de longe, o historiador do primeiro século Lucas, autor dos Atos dos apóstolos do evangelho de Lucas. Se não quisermos ir muito longe, pelo menos Euzébio, historiador Euzébio, início da fé cristã, porque mostrava os fatos. Eu fiquei bem impressionado de você dizer que você não está assumindo uma posição crítica, mas uma posição de quem expõe o que está acontecendo. Eu estou muito feliz por essa *jesuscidência* numa obra que nós começamos, lançamos a *Igreja dos meus sonhos*. Nós tratamos de três níveis: primeiro, a mentalidade de Reino de Deus; segundo, a mentalidade de Igreja como corpo de Cristo e, terceiro, a mentalidade de seita, que é onde eu

ponho o fundamentalismo e os puritanos extremados. Há uma diferença entre os puritanos históricos e os puritânicos, que são aqueles que só pegaram as distorções dos puritanos de reagir à liturgia, de querer queimar Órgãos, de matar Carlos V. Então, pra mim, esse tipo de radicalismo, contrário ao prazer, da mulher, da alegria em família, essas coisas pra mim são absolutamente lamentáveis. Isso é caricatura. Mas, nesse ponto, o puritanismo e o fundamentalismo acabaram dando as mãos. Então, nós estamos dizendo que defendemos uma Igreja reformada que sempre se atualiza. Esse negócio de dizer: Eu sou a favor de um passado, que é uma tendência puritânica e também fundamentalista. Os marcos antigos são os que determinam sua caminhada hoje para a eternidade. Não. Pra mim, a Bíblia ainda é a palavra de Deus hoje e única regra infalível de fé, doutrina e ética. É por aí que a Igreja deve caminhar. Se nós pudermos, através de teses como a sua e de outros jovens autores, a gente pode caminhar numa direção que chame a Igreja para a fidelidade a Cristo em primeiro lugar e depois fidelidade à palavra de Deus, porque a fidelidade à palavra de Deus encarnada é Jesus Cristo. Os adoradores da Bíblia viram adoradores literalistas e isso acaba distorcendo o amor que nós vamos ter à pessoa Jesus Cristo. Então, Jesus Cristo é o centro da nossa fé, é o centro da Bíblia e é cabeça e Senhor da Igreja. Centro da Igreja. O ponto de equilíbrio está aí, fé bíblica doutrinariamente. Se nós partimos para esse tipo de fé reformada, filha, nós teremos como Igreja presbiteriana todas as ramificações, seremos coluna e baluarte da verdade juntos. Mas, não podemos nos deixar dividir por interesses peculiares, que é outro perigo que fundamentalista gosta muito, de posição, de interesses peculiares. Nós devemos servir à Igreja por amor a Cristo e não por interesses em cargos. Bom, estou meio entusiasmado.

P11: E sobre as missões, ainda existe algum tipo de trabalho missionário dos EUA aqui no Brasil ou a Igreja é totalmente autóctone?

R11: Eu diria que a Igreja Presbiteriana do Brasil, ela optou, na minha opinião, equivocadamente, romper com a Igreja mãe. Isso foi em 1999 e, por uma ironia da história, eu estava presente. Então, esse romper com a Igreja mãe é tão estranho, porque quando eu falo da Igreja do Rio, do presbitério do Rio, do primeiro seminário e etc, etc... é a Igreja mãe. Como pode um filho dizer que não é filho da mãe? (Risos). Nem no sentido pejorativo da língua portuguesa. Então, eu gostaria de dizer que pra mim foi um equívoco histórico. A Igreja cometeu o segundo equívoco histórico e eu espero que uma tese como a sua conte isso. Resolveu romper os elos com a família reformada mundial, retirando-se unilateralmente da Aliança Mundial de Igrejas. Agora, pense você um pouquinho como intelectual e dentro da academia. Se a pessoa diz que não faz parte da família reformada e diz que não está mais

ligada à família reformada, está ligada a o quê? A um grupo fundamentalista, a um grupo de extrema direita fundamentalista? É esse o relacionamento da nossa identidade? Nós deixamos o fulcro, o centro da fé reformada. Então, neste momento, é como se eu estivesse de luto. Mas eu me considero herdeiro da Reforma. Estou, inclusive, fazendo um grupo de resgate, uma caravana passando pelos caminhos da Reforma. Fizemos aqui uma semana de resgate do pensamento de Lutero e Calvino. Então, na verdade, não deixei de ser reformado e não deixarei de ser reformado. (Risos)

P12: Qual a grande meta que os missionários realmente queriam alcançar quando decidem realizar os trabalhos aqui no Brasil?

R12: Olha, os missionários tiveram um papel muito relevante na Igreja Presbiteriana do Brasil. Eu diria que eles foram, em muito, estadistas, pioneiros. Eu diria que os missionários, quando eles aqui no Brasil acompanharam as regiões geopolíticas, eles organizaram a missão norte do Brasil, sul do Brasil, leste do Brasil, centro-oeste do Brasil, seguindo exatamente a tendência geopolítica. Quando os missionários resolveram, por exemplo, plantar Igrejas e escola ao longo da transamazônica e da Belém Brasília, eles tiveram uma visão que só pode ser dada por Deus. E eles foram conseguindo terrenos enormes e foram se espalhando de tal maneira que eu diria que a Igreja tem uma dívida com a participação dos missionários muito grande. Pode ser que eles não tenham entendido muito bem o que significava passar a liderança da Igreja para a liderança nacional. Primeiro, é muito difícil de você abrir mão de função, de poder, de cargo. Então, eles estavam pagando a conta e fundando as escolas, os hospitais. Na obra educacional, por exemplo, a marca dos missionários foi notável. Se você pega a Universidade Presbiteriana Mackenzie e o próprio Instituto Mackenzie é obra de missionário, gente. Nasceu na sala do missionário a maior universidade confessional da América Latina. Quando colocaram na base do primeiro edifício, chamado prédio número um, uma pedra angular dizendo: Dedicado às ciências divinas e humanas. Olha só o tamanho de visão disto. É que as gerações vão chegando, elas ao invés de pegar a visão dos antigos e projetar para o futuro, “endeusam” as tradições e esquecem de construir para frente. Então, eu dou graças a Deus por ver o Mackenzie se expandindo. Eu diria mais: chegando para ficar no Rio de Janeiro, se Deus quiser. Quando adquiriu as faculdades Moraes Júnior, nós já estamos vendo a possibilidade de um prédio aqui, no Edifício Simonton, onde nós teremos, com a graça de Deus, a semente da futura Universidade Presbiteriana Mackenzie no Rio de Janeiro, como está em São Paulo, como está em Brasília, no Tamboré, como está em Campinas. São mais de duzentas escolas confessionais ligadas direta ou indiretamente à Igreja Presbiteriana

do Brasil. São mais de oitenta e cinco mil alunos e foi essa Igreja que criou uma federação nacional de escolas presbiterianas, uma escola nacional de escolas presbiterianas. Ora gente, isso faz parte de um resgate que não pode ser esquecido. A nossa Igreja mantém oito seminários para formar pastores, só que forma uma média de um pouco mais de cem pastores por ano. Mas, parou de plantar Igrejas, de investir na evangelização. Começa haver a sensação de que está sobrando pastores. Não. A seara é grande e os trabalhadores são poucos. É preciso colocar esses estudantes, acadêmicos, do terceiro ano em diante para plantar a sua própria Igreja. Não falta campo, faltam obreiros.

P13: Qual o grande legado deixado pelos primeiros missionários?

R13: O grande legado dos missionários foi a Igreja, foi a fé, o ardor evangelístico, foi a visão integral de missão. Igreja existe para evangelizar, educar e curar. É claro, se você expandir, você pode dizer que é para adorar a Deus, para a comunhão, para o testemunho. Enfim, isso aí já faz até parte de um planejamento estratégico há um tempo passado, adotado pela Igreja Presbiteriana do Brasil e isto incomoda. Você quando tem esse tipo de visão que é mais bíblica, histórica, reformada e olhando o futuro como futuro aberto, eles dizem que você é muito liberal, tem uma cabeça muito aberta. Então, pra mim, isso não me assusta. Embora eu considere rótulos como uma coisa mais perniciosa que se pode fazer na Igreja do nosso Senhor Jesus Cristo. Quando você prega um rótulo numa pessoa, dizendo que ela é fundamentalista, e eu cometi esse erro. Eu chamei algumas pessoas de fundamentalistas e até xiitas e reconheço que foi um equívoco. Não é meu dever julgar a ninguém, quem nos julga é Deus. Mas, também, não posso aceitar nenhum rótulo e dizer que fulano é liberal. Graças a Deus, eu não sou liberal. Sirvo uma Igreja histórica, sou um homem conservador, prego a palavra, creio na palavra e procuro sempre ser fiel ao Senhor Jesus. Você pode estar absolutamente certa que você está olhando uma pessoa que não está nem do lado liberal, nem do lado fundamentalista. Nós estamos com a mentalidade da Igreja corpo de Cristo, que pra mim é a mentalidade reformada bíblica.

P14: Pode-se dizer que a Igreja Presbiteriana é conservadora ou fundamentalista? Qual seria a diferença entre essas duas vertentes?

R14: Olha, veja só, se você for olhar as verdades, as afirmações chamadas de *Fundamentals*, você vai perceber que no fundo a Igreja evangélica, ela é fiel a essas coisas básicas enquanto elas são fiéis às Sagradas Escrituras. Eu não tenho que aceitar nenhuma coisa que os pastores ou os antepassados disseram se estiver fora da Bíblia. Então, a minha mentalidade é uma

mentalidade reformada de fidelidade a Cristo e sua palavra, a palavra de Deus. Eu não estou preocupado em agradar a quem quer que seja. Então, eu diria que o conservador é muito mais conservador na fidelidade à Bíblia, à sua posição ética. O pensamento liberal é uma crassa ignorância: Você dizer que nós temos hoje alguém liberal porque o liberalismo teológico é fruto de um racionalismo que não estaria aceitando em hipótese nenhuma a emoção na fé, ela é só razão. O liberalismo teológico do século XIX não aceitava ressurreição, era uma escatologia realizada... São coisas que você vê que não tem como existir hoje. Você pega uma pessoa que está pregando a ressurreição, a vida eterna, está falando sobre a segunda vinda de Cristo, etc, etc. Isso é uma pessoa que crer na Bíblia que, aliás, é o ponto que faz com que todos nós estejamos juntos. Você sabe que a Igreja Presbiteriana tem um débito muito grande com as Sociedades Bíblicas, principalmente as americanas e as britânicas, porque os pioneiros, tanto Simonton quanto Blackford trabalharam como secretários distribuindo Bíblias. Foi exatamente da Bíblia, da distribuição de Bíblias que nasceu a Igreja Presbiteriana do Brasil e, quanto mais você distribui Bíblia, imprime e distribui Bíblias, mais a Igreja fortalece e cresce. Quanto mais a Igreja cristã evangélica, seja presbiteriana ou não, cresce, mais Bíblias são necessárias. Então, uma coisa alimenta a outra. Como presidente de honra da Sociedade Bíblica do Brasil, eu tenho a alegria de dizer que desde a minha saída da presidência até hoje, nós sempre estivemos em primeiro lugar no mundo em distribuição. Estamos na frente da Coreia com o dobro de distribuição há muitos anos e no ano de 2009 nós passamos de seis milhões de Bíblias, seis milhões e cinquenta e sete mil Bíblias distribuídas no Brasil.

P15: Qual a relevância, implicação, da visita do Rev. Carl McIntyre ao Brasil?

R15: Eu diria que Carl McIntyre foi um acidente de percurso na história da Igreja Presbiteriana do Brasil, do presbiterianismo brasileiro. Ele, se ele tivesse ficado contido só lá nos Estados, teria feito o mal só lá. Mas ele veio e, eu vou usar um termo com muito temor, fez uma tentativa de subornar o Rev. Natanael Cortez (ex-presidente do Supremo Concílio) com uma bolsa cheia de dólares. Ele estaria recebendo, naquela época, vinte mil dólares para iniciar os trabalhos no ano de 1956, começando pelo nordeste. Ficou até três horas da manhã tentando convencer o Rev. Natanael Cortez de aceitar o dinheiro e promover a divisão da Igreja Presbiteriana. E ele disse não até o fim. Quem me contou essa história foi o próprio filho dele, o Rev. Elnir Cortez, testemunha ocular, portanto. Não conseguiu “subornar” o Rev. Natanael Cortez. Carl McIntyre foi até Pernambuco e encostou-se em Israel Gueiros (médico), mas aí eu não vou entrar em detalhes, mas deve ter recebido ajuda e realizou o

trabalho de dividir a Igreja. Quando eu fui presidente do Supremo Concílio, eu tive o privilégio de receber a Igreja mais antiga do fundamentalismo de volta para a Igreja Presbiteriana do Brasil. Visitei o Dr. Israel Gueiros e ainda lúcido ele disse: “Eu nunca sai, no meu íntimo, nunca tirei a Igreja Presbiteriana do Brasil do meu coração. Muitas vezes eu assisti, de longe, às reuniões, tenho saudade da Igreja”. Eu fico pensando que Gueiros também acabou sendo usado pela figura estranha de Carl McIntyre, estranha à cultura, estranha à nossa história. A minha esperança foi que os fundamentalistas acabariam voltando para uma Igreja presbiteriana tão firme, tão conservadora como é a nossa Igreja, tão reformada, tão equilibrada. Eu tenho a impressão porque o que motivou aqueles irmãos a voltarem e muitos deles voltaram para a Igreja. Mas a Igreja não pode deixar de ser uma Igreja reformada. Quando se tomou a posição de equidistância, foi em função do Concílio Internacional de Igrejas que eram do Carl McIntyre e o Conselho Mundial de Igrejas. Quando surgiu uma idéia de alguns fundamentalistas querendo que a Igreja se ligasse ao Concílio Internacional de Igrejas, o Carl McIntyre, o início do Concílio Mundial de Igrejas e muitas vezes a nossa liderança participou dos primórdios do Concílio Mundial de Igrejas. Então, tomou-se uma posição de equidistância, considerando o fundamentalismo como um extremo e o “liberalismo” como encarnado pelo Concílio Mundial de Igrejas, liberalismo ecumênico. Então, a Igreja Presbiteriana do Brasil tomou uma posição de equidistância e, como presidente do Supremo Concílio, eu sempre defendi essa posição de equidistância e sermos uma Igreja reformada que olha para Jesus, o autor e consumidor da nossa terra.

P16: Alguns pensadores protestantes afirmam que o Fundamentalismo foi uma forma legítima criada pelos cristãos para reagirem contra a modernidade e suas mazelas. O Rev. concorda com essa idéia?

R16: Filha, você sabe que análise cada um faz como quer. Eu não vejo que esse tenha sido o papel do fundamentalismo. Pra mim, a fé reformada, a herança particularmente do sistematizador do pensamento reformado que é Calvino, quem não tem preguiça intelectual, que leu as Institutas e leu a Confissão de Fé, leu os Catecismos, ele tem ali um referencial de toda firmeza. Pra mim, essa é uma resposta inequívoca a qualquer distorção fundamentalista ou qualquer tentativa modernista na Igreja. Basta ser fiel a Jesus Cristo e a palavra de Deus. Então, eu não colocaria o fundamentalismo como um mal necessário, simplesmente como mal, como erva daninha na vinha do Senhor e erva daninha não deve prosperar porque erva daninha é erva de passarinho. Quando predomina mata a árvore. Pode deixar essa figura sem medo de errar, você pode dizer que eu a usei.

P17: Como a Igreja tem reagido às questões próprias da modernidade e pós-modernidade? Aborto, Eutanásia, células-tronco?

R17: Juliana, é próprio de pastor ser incisivo (Risos). Primeiro, eu creio que a Igreja reformada sempre foi e será aberta ao progresso da ciência. As descobertas através das células-tronco de poder curar enfermidades tão sérias, tão graves, nós temos que ser absolutamente a favor. O planejamento familiar, a fertilidade responsável, a Igreja precisa estar firme na sua posição. A questão da homo-afetividade que hoje, pra mim, é uma das grandes questões em cima desse projeto de homofobia, a Igreja não pode se omitir. Então, essas questões devem ser vistas à luz da palavra de Deus sim, mas também dentro de uma cabeça que é capaz de olhar essas questões não como da modernidade. A modernidade vai de 1903 a 1945 ou 46, final da segunda grande guerra mundial. A modernidade tem um marco e a gente precisa olhar isso com muito carinho porque hoje se usa o termo pós-modernidade como se fosse uma coisa que tenha começado de 2000 pra cá. Isso vem da segunda guerra mundial quando encerra o período da chamada modernidade.

P18: Para finalizar, peço ao Rev. que fale um pouco sobre a posição da Igreja com relação à realidade brasileira. Se a Igreja desenvolve ações para resolver alguns dos muitos problemas sofridos pelos brasileiros...

R18: Bom, primeiro eu diria o seguinte, para falar em nome da Igreja Presbiteriana do Brasil é preciso falar por Concílio, etc, etc. Tem dia que nem o presidente do Supremo Concílio pode falar pela Igreja, muito menos um ex-presidente. Mas, eu diria que, na minha observação, a Igreja Presbiteriana do Brasil tem dado uma contribuição extremamente relevante à política brasileira. Essa contribuição ela pode ser vista desde a participação de deputados federais, de senadores na república, governadores de Estados presbiterianos. É uma participação que a gente fala assim, tem gente que diz: Tá sonhando! Eu digo, tá não! Nós tivemos no Estado do Rio de Janeiro três governadores presbiterianos. Nós tivemos um senador pelo Estado do Espírito Santo como suplente que, embora fosse da Igreja Presbiteriana Unida, que pra mim não é nenhum “desdoiro”. Eu fui aluno do Rev. Dr. Joaquim Beato e ele foi senador pelo Estado do Espírito Santo, foi secretário de Estado diversas vezes. Aqui no Rio de Janeiro o Rev. Benjamim Moraes foi secretário de educação nesse Estado, foi presidente da COABE desse Estado. Você tem a presença de Benedita da Silva que do seu casamento com Pitanga ela veio para a Igreja Presbiteriana, foi governadora desse Estado e senadora. Você tem a presença de Antony Garotinho e Rosinha Mateus Garotinho e alguns ficam: Ah, mais, mais... Não tem mais, política é política. E agora, nesse momento pré-eleitoral aí, todas as

sinalizações para que Antony Garotinho seja um dos nomes que volta a governar esse Estado. Também a Igreja Presbiteriana do Brasil deu uma contribuição à política através da Comissão de Estudos Confessionais à Presidência da República. Quando em 1986 e 87, nós tivemos um único membro evangélico na Comissão Afonso Arinos que ficou à disposição da Presidência da República para fazer esse trabalho, foi o Rev. Guilhermino Cunha, como advogado constitucionalista que é. Isso é da política. Se formos falar da área da educação, eu lembraria de Erasmo Braga que foi um grande educador e a série Braga foi traduzida até para o japonês. Você tem uns outros intelectuais, Eduardo Carlos Pereira (grande gramático). Nós tivemos vários outros autores, escritores e inclusive um membro da Academia Brasileira de Letras, filho de pastor, o escritor Orígenes Lessa, foi a cadeira número dez da Academia Brasileira de Letras e era membro da Catedral presbiteriana. É a contribuição da Igreja na área da educação. A Igreja não é imune a contribuir com a política, tanto na história como hoje. Nós temos nesse Estado a deputada Graça Pereira (presbiteriana), nós temos a vereadora Líliam Sá (presbiteriana), a vereadora Clarice, Garotinho (presbiteriana). Então, gente, para uma denominação pequena, porque a Igreja presbiteriana não é a maior, mas ela tem dado a sua marca e a sua contribuição. Se você olhar lá para a América e eu quero que você registre que: a denominação que deu o maior número de presidentes nos Estados Unidos foi a presbiteriana. Não tenho nada contra os metodistas (Risos).

Anexo 2: Entrevista com o Rev. Carlos Caldas³¹⁹

P1: Primeiramente, gostaria de saber qual é a sua ligação com o presbiterianismo. O Sr. É pastor, professor...³²⁰

R1: Eu já vim de lá, do berço presbiteriano, meu pai e minha mãe... Perdi meu pai agora em 2007, mas é um caso... O meu pai, tanto ele como minha mãe já nasceram em lar presbiteriano. Então, o avô da minha mãe, no caso, meu bisavô, ele nasceu numa família católica, mas passou pela experiência da conversão e se tornou presbiteriano em Minas Gerais, há muitos anos atrás. Eu tô falando de uma pessoa do século XIX, é claro, o avô da minha mãe. A filha dele, que é a mãe da minha mãe, nasceu seis anos atrás, em 1909. Então, quer dizer, na minha família, eu já sou a quarta geração. Os meus filhos são a quinta geração de presbiterianismo. Lá, tudo na região leste de Minas Gerais. Eu sou pastor da Igreja Presbiteriana também e estudei no Seminário presbiteriano e desde 2002 eu sou professor daqui da Universidade Mackenzie. Então, minha ligação é essa.

P2: Como o professor analisa o processo de implantação do presbiterianismo aqui no Brasil?

R2: Bom, por um lado é até uma pergunta fácil de se responder porque tem muito trabalho publicado a esse respeito. A história é amplamente divulgada. A história é muito conhecida, muito difundida. Se permite uma comparação, nessa Semana Teológica que começou anteontem, ontem nós tivemos uma palestra sobre os cem anos da Igreja Congregacional do Brasil e no ano passado os cento e cinqüenta anos de presbiterianismo no Brasil. Se você perguntar a um membro da Congregação Cristã do Brasil, a maioria não tem informação da história da Igreja deles. Com a Igreja Presbiteriana é diferente, a maioria vai ter a informação. Então, a sua pergunta, se o presbiterianismo se implanta no Brasil há cento e cinqüenta anos atrás, resultado do trabalho missionário presbiteriano procedente dos Estados Unidos, era uma época de efervescência missionária muito intensa nos Estados Unidos. Os Estados Unidos, naquela época, meados do século XIX, na verdade, até antes disso. A verdade, até final do século XVIII, os Estados Unidos já começa a despontar como a potência enviada de missionários protestantes. Então, missionários protestantes norte-americanos esparramaram ao redor do planeta e, nessa época, especificamente, meados do século XIX, a efervescência é

³¹⁹ Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil e professor da Faculdade de Teologia do Instituto Mackenzie, realizada no dia 06 de maio de 2010 em São Paulo.

³²⁰ As siglas dos diálogos são: P: pergunta e R: resposta; todas enumeradas para uma melhor localização do leitor.

muito intensa. Então, a vinda do Simonton, que foi o primeiro missionário presbiteriano aqui no Brasil é fruto desse fervor missionário e fruto de um incentivo muito forte missionário dos Estados Unidos da época. O presbiterianismo brasileiro é resultado disso, desse fervor missionário intenso que havia nos Estados Unidos, na ocasião.

P3: A Igreja aqui ainda tem algum contato com a Igreja nos Estados Unidos?

R3: Boa pergunta, não tem mais. Ela cortou o vínculo por completo. Por uma ironia da história, o presbiterianismo brasileiro cortou os vínculos com o presbiterianismo americano muito cedo. O corte do cordão umbilical foi muito cedo. Deixa eu fazer uma comparação: se você compara com os batistas, a grande convenção batista brasileira, eles têm vínculos muito fortes com a convenção batista do Sul dos Estados Unidos até hoje. O presbiterianismo brasileiro, já no século XIX, oficialmente, formalmente se emancipa. Naquela ocasião, século XIX, essa emancipação foi tranqüila. Pra dizer com outras palavras, não foi traumática. E, vínculo de cooperação, de qualquer maneira, existiu ainda por muito tempo. Missionários presbiterianos trabalharam com missionários presbiterianos aqui do Brasil até muito recentemente. A ironia da história é que em 1903, quando surgiu uma primeira divisão do presbiterianismo brasileiro, quando surgiu a Igreja Independente, um dos motivos da divisão foi exatamente quanto à participação dos missionários americanos, porque o líder da Igreja Presbiteriana Independente, Eduardo Carlos Pereira era defensor da nacionalização plena do presbiterianismo brasileiro. Veja bem, 1903. No final do século anterior, século XIX, havia acontecido formalmente a emancipação, mas, como eu disse, se permite repetir, os americanos ainda continuam por bastante tempo aqui no Brasil. O Eduardo Carlos Pereira defendia a tese de uma nacionalização plena. Outros líderes eram contrários à tese de Eduardo Carlos Pereira e achavam que ia continuar com aquele vínculo, com aquela presença dos americanos aqui. A ironia é que décadas mais tarde a Igreja Presbiteriana do Brasil rompeu definitivamente os vínculos, todo e qualquer vínculo com a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e a Igreja Presbiteriana Independente é quem mantêm esses vínculos até hoje. Percebe como houve uma inversão na história? Os dois ramos do presbiterianismo, 1903 aquele ramo que era contrário à participação americana, quase cem anos depois, vamos colocar a grosso modo, oitenta anos depois, ele sustenta esses vínculos e continua até hoje. Aquele ramo que era favorável à permanência americana rompe completamente. Se você perguntar por que? Eu não sei explicar. Porque na visão da Igreja Presbiteriana do Brasil, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, a sigla é PCUSA, é uma Igreja liberal, teologicamente liberal. A Igreja Presbiteriana do Brasil não quer nenhum tipo de vínculo, nenhum tipo de convênio, nenhum

tipo de parceria, nenhum tipo de acordo com nenhuma denominação que seja considerada liberal teologicamente.

P4: Eu gostaria de saber o porquê dessas divisões, dessas cisões na Igreja Presbiteriana.

R4: Bom, não é uma exclusividade do presbiterianismo brasileiro. O presbiterianismo mundial é extremamente fragmentado. Então, aqui no Brasil, nós temos a Igreja Presbiteriana do Brasil, 1903, como já disse, a Igreja Presbiteriana Independente. Na década de 40 a Igreja Presbiteriana Independente, ela sofre uma divisão. Sai um grupo dela e forma a IPC, Igreja Presbiteriana Conservadora, que tá aí até hoje, pequena, minúscula, mas que tá aí até hoje. No início... No final dos anos 60, do século XX, a Igreja Presbiteriana vai sofrer, pelo menos, duas divisões. Sai um grupo, aqui no interior de São Paulo e Norte do Paraná e formam a Igreja Presbiteriana Renovada, bem no começo dos anos 70. Também, mais ou menos nessa época, sai um outro grupo que forma, naquela época, o que eles chamavam Felipe (Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas). Depois eles mudam o nome pra IPU, Igreja Presbiteriana Unida, é pequena, tá aí até hoje, bem minúscula. Agora, se você me permite, o brasileiro independentemente da sua filiação religiosa, o brasileiro é muito brincalhão. O presbiteriano brasileiro também é brincalhão, o pessoal faz piada com isso, que o pessoal da Igreja Presbiteriana falam que os independentes são independentes de Cristo, duplo sentido. Você percebe que a piada é de duplo sentido e a Unida, eles falam que... olha, a Igreja, eles chamam de Presbiteriana Unida. Aí, eles dizem que são unidos com eles mesmos. Quer dizer, brincadeira de duplo sentido só para dizer... Enfim, então, surge essas divisões. Antes, um outro grupo tinha saído, na década de 60 também e formou a IPF, Igreja Presbiteriana Fundamentalista, é uma cisão que aconteceu no Nordeste, no Recife. Ela é minúscula também, microscópica, mas existe, quase acabando. É muito curioso, se você me permite dizer, nós temos dois extremos: um teologicamente fechado e outro teologicamente aberto. O teologicamente fechado é a Igreja Presbiteriana Conservadora, é fundamentalismo, é fundamentalista, que saiu diretamente da IPB, porque a conservadora não saiu da IPB, a conservadora saiu da Independente. Um outro extremo é o teologicamente aberto, que é a Presbiteriana Unida, fechada teologicamente e assume que é fundamentalista, assume no próprio nome dela. A outra é aberta teologicamente. Ambas estão à míngua, ambas estão morrendo, ambas estão caminhando a passos largos para a extinção. É interessante observar isso daí, ambas caminham a passos largos para a extinção, é só uma questão de tempo para a Igreja, para o último fundamentalista morrer, para o último da Unida fechar os olhos também. Bom, não é só aqui no Brasil. Vai para os Estados Unidos, existem mais, inúmeras divisões

presbiterianas lá. Tem a principal, que é a PCUSA, que é a maior, mas existem outros ramos desses presbiterianos, eles têm lá a OPC, Igreja Presbiteriana Ortodoxa. Eles têm lá o que eles chamam PCA, Igreja Presbiteriana na América, que é uma Igreja mais teologicamente evangélica, mais conservadora. Há outros grupos menores. Você vai para a Coréia do Sul, a Coréia do Sul a grosso modo, 60% do protestantismo coreano é presbiteriano, mas são de mais de cinquenta grupos diferentes. Você vai para a Escócia, que é a terra natal do presbiterianismo, o berço, ele nasceu na Escócia. Tem duas Igrejas lá: Igreja da Escócia e outra. Quer dizer, até na terra natal... O protestantismo tem essa tendência à divisão. É verdade que essa tendência é mais forte em alguns grupos. Se você for comparar com o luteranismo, por exemplo, você vê alguns “grupeiros”, mas não tem expressão nenhuma. Tem dois grupos luteranos representativos no Brasil e há outros menores, minúsculos, microscópicos, quase invisíveis de tão pequenos que são. Mas, enfim, então, no luteranismo essa tendência à divisão não é tão intensa como no presbiterianismo. Então, por que o presbiterianismo é tão facilmente divisível? É uma coisa que eu tenho que parar e pesquisar, não sei. Só sei que o presbiterianismo no Brasil é assim e repete um grupo que tá no mundo.

P5: Você acredita que a vinda do Carl McIntire tenha sido responsável por alguma divisão, por exemplo, a Igreja Presbiteriana Fundamentalista?

R5: Na época foi sim, pedacinho aí dos anos 50 e 60. O Carl McIntire, líder presbiteriano, assumidamente fundamentalista dos Estados Unidos, assumido. Esteve aqui no Brasil algumas vezes e ele teve influência maior no Nordeste, especificamente Pernambuco. No Recife surge a Igreja Presbiteriana Fundamentalista, isso porque havia na época um debate muito intenso no presbiterianismo brasileiro com referência à posição que a Igreja Presbiteriana tomar com referência aos assumidamente liberais e aos assumidamente fundamentalistas em teologia. O Carl McIntire, a luta da vida dele travou a grande batalha da vida dele, a razão de ser da vida dele foi o cambate, como ele entendia, do liberalismo teológico. Portanto, só para ilustrar, em 1948, quando foi organizado o Conselho Mundial de Igrejas em Amsterdã, na Holanda. Ele estava presente, estava na Holanda, fazendo propaganda contrária ao CMI. Carl McIntire foi líder da criação de um Concílio que seria uma alternativa ao CMI. Ele cria a sigla em português de CIIC, Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. Aí, você percebe que o próprio nome já estabelece uma diferença: nós e eles. Quer dizer, se eu estou do lado da Cristã, quer dizer que o outro é das nas cristãs, percebe. McIntire, quando esteve no Brasil, fez propaganda e tentou atrair a Igreja Presbiteriana para o seu Concílio. Só que, a IPB decidiu naquela época, decidiu e tomou uma decisão que até hoje

prevalece, onde o termo da decisão traz uma palavra que tem sido repetida muitas vezes: Eqüidistância. A Igreja resolve assumir a posição de eqüidistância de liberais e fundamentalistas. Portanto, a Igreja não se tornou membro nem do CMI, nem do CIIC, ou seja, não vou lá, nem cá. A IPB foi muito criticada pelo McIntire por causa disso. Hoje em dia isso não existe mais, mas, durante muito tempo circulou no Brasil um jornal, um periódico chamado Presbiteriano Bíblico, era o nome do jornal. Esse periódico, eu me lembro direitinho, eu era adolescente de 16, 17 anos de idade e chegava na minha casa esse jornal, em Manhuaçu, Minas Gerais. Chegado esse jornal, meu pai tinha assinatura dele e havia charges nele que eles publicavam, criticando a IPB pela decisão de Eqüidistância. Os herdeiros do Carl McIntire queriam que a IPB assumisse a posição do CIIC, mas a Igreja não assumiu. Ela disse: não vou ser membro desse, nem daquele. Vou seguir meu caminho aqui, nem lá e nem cá. Pra resumir e responder sua pergunta, a resposta é sim. Houve influência sim do McIntire, um grupo seguiu ele e separou-se da IPB, fundando a IPF. É inexpressiva em termos de Brasil.

P6: Como a Igreja vê a figura do Carl McIntire?

R6: Alguns anos atrás, 2002 eu acho, o Guilhermino publicou um artigo chamado “Os herdeiros de Carl McIntire”. Ele reproduziu esse artigo dele e fala das situações da época lá. Eu acho que essa leitura dele ta acertada. Ele veio com a mentalidade de dividir, no sentido assim: “Eu estou certo, quem pensa como eu está do lado certo, está do lado da verdade. Quem não pensa como eu está errado, está do lado errado e tem que se arrepender enquanto há tempo”. Então, muito postura divisionista, uma postura sectarista. É uma postura em que só eu tenho razão e ponto final. Se você quer ficar do lado da verdade, venha para o meu lado. Então, na época, a postura do Carl McIntire foi extremamente polemista. Não era uma postura do diálogo, não tinha diálogo. Eu tô com a verdade e ponto final. Agora, se você perguntar hoje, veja bem, quase cinqüenta anos passados, a figura do Carl McIntire está bastante esquecida. Quem lembra de McIntire? Os mais velhos, os que presenciaram aquele tempo e aqueles que leram alguma coisa a respeito. Mas, hoje, a figura dele está esquecida, ele já não é uma referência. O jornal acabou, já faz um bom tempo que ele acabou. Se o jornal tivesse até hoje, talvez ele teria mais evidência, mas, como acabou, isso contribui para ele cair no esquecimento e a época mudou, as demandas são outras. Pode ser que o McIntire tenha herdeiros na Igreja, pode ser que a influência da mentalidade ainda exista, pode ser, mas a figura em si há muito tempo foi esquecida.

P7: Qual é o perfil da Igreja Presbiteriana do Brasil, agora? O que significa essa Eqüidistância?

R7: Como eu disse, as demandas são outras. A Igreja é assumidamente conservadora, conservadora. Tão conservadora que, como eu disse, não quer ter nenhum tipo de convênio, parceria, seja lá o que for com qualquer denominação tida como liberal. Recentemente, 2006, a IPB resolveu se retirar da Aliança Mundial das Igrejas Reformadas, que, como o próprio nome já indica, é uma aliança de Igrejas presbiterianas e reformadas de várias denominações e a IPB foi parte da Aliança Mundial. Ela se afastou, depois voltou de novo e, recentemente, se afastou de novo. Por que se afastou? Por considerar a Aliança Mundial liberal e porque, na Aliança Mundial, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, por exemplo, faz parte, e a IPB nem se quer faz parte de uma entidade da qual façam parte Igrejas tidas como liberais. Fazer uma comparação aqui: Faz de conta que eu tenho um vizinho, uma comparação tosca, faz de conta que eu sou presbiteriano e tenho um vizinho que é da Umbanda, que pratica Umbanda. Ele faz parte de um clube associativo que eu também faço parte. Quando eu sei que meu vizinho faz parte de um clube do qual eu sei que eu faço parte também, eu vou me retirar porque ele é da Umbanda e ele faz parte e eu não vou fazer parte. Se ele vai eu não vou. Então, a comparação é tosquinha, mas o espírito é esse. Eu não vou fazer parte de uma entidade da qual faz parte um liberal. Então, a mentalidade é assim: medo de ser contaminado. É interessante que poderia pensar o contrário. Eu vou influenciar positivamente. Não! Eu não quero receber coisa negativa. Então, consciente ou inconscientemente o negativo é mais forte que o positivo. Eu não vou ficar num espaço onde o liberal esteja porque eu não vou influenciá-lo positivamente, ele vai me influenciar negativamente. Para que isso não aconteça, eu não vou. Percebe? Ainda para ilustrar, dentro e fora da sua pergunta ao mesmo tempo. Hoje eu confesso que não sei, mas, anos atrás, na década de 90, vamos colocar a grosso modo, quinze anos atrás, era muito forte a Associação Evangélica Brasileira. Isso era o momento da glória de Caio Fábio, que foi grande líder. Pelos seus estatutos, um presidente tinha mandato de quatro anos, podendo ser reconduzido uma segunda vez. O Caio foi presidente oito anos. Ele era o maior líder evangélico do país. Naquela ocasião, a IPB tornou-se membro da Associação Evangélica Brasileira e teve líder presbiteriano brasileiro que protestou que a Igreja não poderia ser membro, porque lá todas as Igrejas são conservadoras, mas vai ter lá alguém da Igreja Pentecostal, que é conservadora, mas é pentecostal. A IPB não é pentecostal. Então, tipo assim, não vou fazer parte porque não sou pentecostal. Eu não vou me associar com pentecostal, eu não vou me associar com um batista, com um metodista. Então, essa mentalidade separatista. Essa mentalidade está muito presente em alguns líderes

presbiterianos. Daí, podemos dizer que é um reflexo da mentalidade de McIntire. O que quis dizer é o seguinte: a figura do Carl McIntire está esquecida, mas o reflexo ainda existe.

P8: Então, qual seria a diferença entre conservadorismo e fundamentalismo?

R8: Boa pergunta. Essa, até o momento, é a mais difícil que você me fez. Você me apertou sem me abraçar. A pergunta é mesmo difícil. Eu não posso responder na perspectiva de um líder da Igreja porque eu não tenho uma autorização pra falar em nome da denominação da IPB. Eu não tenho nenhuma Comissão para dizer que o que eu vou falar aqui é a posição oficial da denominação. Então, me entenda bem, eu... Enfim, ninguém me autorizou pra isso. Portanto, eu vou responder em tese de uma perspectiva teórica. Vou tentar fazer uma hermenêutica da questão. Filosoficamente, o que diferencia conservadorismo de fundamentalismo? O que eu vou falar aqui eu não sei, realmente, se é a posição da Igreja. Tá, de fato, a palavra fundamentalismo é carregada, muito carregada negativamente por conta da imprensa. Toda vez que a grande imprensa fala de fundamentalismo, fala de modo negativo. Fala-se, por exemplo, fundamentalismo islâmico. Quem é? O radical, terrorista, homem bomba que não aceita diálogo... Enfim, fala-se de fundamentalismo do ex-presidente George Bush, que não tem diálogo também. Vai lá, bombardeia, mata, tudo... Enfim, a palavra fundamentalismo tem uma carga extremamente negativa. Então, pode ser que a Igreja não queira se associar a isso aí. Agora, em termos teóricos, o fundamentalismo é marcado por uma postura sectarista, uma postura separatista mesmo, uma postura isolacionista e, não sei... mas, em muitos casos, eu não posso dizer o tempo todo, mas, muitas vezes, uma postura anti-intelectual. Não quer dizer que em todos os casos é assim não, mas, muitas vezes uma postura anti-intelectual. Agora, o conservador não tem essa postura divisionista, não tem essa postura isolacionista. O conservador é aquele, por exemplo, o sujeito pode ser um presbiteriano conservador que não tem crise nenhuma em participar de uma entidade que agrupe, que reúne pentecostais ou metodistas ou batistas, seja lá quem for. Tá ali, tá tranquilo, participa daquilo sem ter nenhuma crise porque vai se preocupar mais com o que une do que o que divide, vai se preocupar mais com o que é igual do que o que é o diferente. Ao passo que, o fundamentalista tem uma mentalidade de pensar o contrário. Vai se preocupar mais com o diferente do que quem é igual, vai se preocupar mais em marcar o negativo do que o positivo. Vai se preocupar mais em dizer: ele está errado do que em dizer nós pensamos igual nisso. Então, eu creio que, hemeuticamente, a diferença passa por aí. O conservador vai se preocupar mais com o que é comum e o fundamentalista vai se preocupar mais com o que é diferente. Vou fazer uma comparação, vou ver se consigo. Imagine uma escala que vá de 1 a

10. Imagine que essa escala de 1 a 10 representa pontos doutrinários entre diferentes denominações protestantes. Então, é provável, vou criar uma comparação, é provável que se você pegar um presbiteriano e um da Igreja Quadrangular, por exemplo. Muitos presbiterianos não vão concordar com o que eu dizer agora, mas deixa eu comparar. Pega um evangélico quadrangular e um da presbiteriana e, numa escala de 1 a 10, pelo menos a metade dos pontos, os cinco eles vão concordar, no mínimo. Um conservador vai ficar à vontade com meu amigo que é do evangelho quadrangular, porque eu vou concentrar nos cinco pontos que nós temos em comum. Os fundamentalistas vão se concentrar nos cinco pontos que não são comuns e vai argumentar pra que a minha posição é a certa e a dele é errada. Se você comparar, por exemplo, nessa mesma escala imaginária de 1 a 10, se você pegar um presbiteriano e um batista, de 1 a 10, eles vão concordar 8 pontos. O conservador vai ficar voltado para esses que são comuns, o fundamentalista brigar pelos dois que não são. Ele vai dizer: eu tô certo e ele tá errado. Se você comparar um cara da Assembléia de Deus e um da presbiteriana, por exemplo, de 1 a 10, vão concordar em 7, tranquilo. Então, qual é a minha postura? Eu vou ficar à vontade com o que eu tenho em comum, com esse que não é da minha tradição ou vou brigar para provar, por A mais B, que esses dois ou três pontos que eu tenho, nos quais há divergências entre nós, que a minha posição é a certa e a dele é errada. Então, eu creio que é por aí. Acho que isso vai responder a sua pergunta sobre a diferença entre o conservador e o fundamentalista.

P9: Alguns pensadores protestantes afirmam que o Fundamentalismo foi uma forma legítima criada pelos cristãos para reagirem contra a modernidade e suas mazelas. O Rev. concorda com essa idéia?

R9: Mais ou menos. Veja bem, o fundamentalista, o fundamentalismo, ele é muito moderno. O fundamentalismo é da modernidade. Então, eu discordaria da maneira de como a pergunta foi formulada, porque ele não vai contra a modernidade porque ele é moderno. Se você perguntar como, o fundamentalismo é moderno no sentido que valoriza muito a razão. Pelo menos, na sua primeira fase. Historicamente, o fundamentalismo tem sua base, mesmo sendo um movimento de cem anos. Em cem anos, nós podemos identificar três fases, especialmente na primeira fase. Quer dizer, o movimento era um movimento de debates de ideias, ou seja, uma disputa intelectual de nível elevado, de alto nível. Na época, então, nos primórdios do fundamentalismo, eram eruditos protestantes de língua inglesa. Eles eram, basicamente, britânicos, canadenses e estadunienses, que entraram em um confronto de ideias com os eruditos alemães. Porque os eruditos alemães tidos como liberais por questões de métodos de

estudos bíblicos, a chamada alta crítica. Então, na sua primeira fase, o fundamentalismo é um movimento do debate intelectual e um debate intelectual é um debate de nível elevado. Os chamados cinco pontos do fundamentalismo é, para simplificar aqui, a defesa do credo apostólico, os elementos do credo apostólico são comum a toda cristandade. Toda a cristandade, tanto a cristandade ortodoxa quanto a ortodoxa oriental, católica romana e cristandade protestante, os três ramos da cristandade compartilham o credo apostólico, comungam o credo apostólico. O que o fundamentalismo da primeira fase fez foi defender os pontos, que está tudo no credo apostólico, por exemplo: o nascimento virginal de Jesus, a morte expiatória... Enfim, tá tudo no credo apostólico. Depois o fundamentalismo da chamada segunda fase, a grosso modo, na época da II Guerra Mundial... aí, começa-se a deturpar, assumir umas características um tanto quanto anti-intelectuais. Deixa eu voltar aqui... Por conta da ênfase no debate, isso é muito da modernidade, a questão da razão, o primado da razão. Então, o liberalismo teológico é muito moderno, mas o fundamentalismo teológico também é muito moderno. A mãe dos dois é a mesma: a razão. É essa coisa da razão, da racionalidade, da lógica. Agora, quando se diz que o fundamentalismo chegou para combater a modernidade, eu acho que, eu não sei o que está por detrás dessa pergunta. É uma influência que alguns protestantes absorveram, por incrível que pareça, da apologética cristã católica. Por quê? No século XIX é que surge, pela primeira vez, a palavra modernismo e aparece uma conotação totalmente pejorativa. E onde a palavra modernismo surge pela primeira vez? Em textos católicos. No final do século XIX acontece o Concílio Vaticano I, 1870. O Vaticano I foi uma reação contra tudo o que era moderno. Daí, surge a palavra modernismo, modernismo teológico. Quer dizer, inovações teológicas tidas como perigosas e que deveriam ser rejeitadas. A apologética católica é que cria o termo modernismo, com essa conotação pejorativa. Ok? Então, o Vaticano I vai combater... e os documentos do Vaticano I vão criticar vários “ismos” tidos como perigosos para a fé cristã. Um deles é modernismo. Então, por exemplo, método histórico-crítico, evolucionismo. Veja bem, 1870, quinze anos antes, o Charles Darwin tinha publicado o livro “A origem das espécies”. O socialismo é criticado, Marx, o protestantismo é criticado também. Alguns protestantes, então, absorvem conscientemente ou não, isso eu não sei, esse traço da apologética católica e passam a usar a palavra modernismo. Se você fizer uma pesquisa naquele jornal que eu citei a pouco, o Presbiteriano Bíblico, a palavra modernismo vai aparecer sempre como conotação pejorativa e negativa, sempre. Modernismo tem que ser evitado. Quer dizer, o fundamentalismo é moderno, porque é racionalista e a racionalidade é a característica básica da modernidade. O fundamentalismo é moderno, sem se dar conta disso, mas quer combater o modernismo,

percebe? Então, uma coisa parece contraditória, ele absorve esse elemento aí, que vem da apologética católica. Eu creio que muitos fundamentalistas não sabem disso, porque se eles soubessem, parariam de usar o termo modernismo. Nessa visão de fundamentalista aguerrida, a Igreja católica e seja lá o que for, tudo o que tem haver com a Igreja católica, é algo abominável. Então, eles usam o termo que vem de origem católica, mas não sabem, porque se soubessem não usariam. Percebe? Tudo que vem do catolicismo deve ser rejeitado. No entanto, eles usam o termo que, originalmente, é católico. Então, nesse sentido, o fundamentalismo, eu entendo, porque veio assim: combater a modernidade. Pensadores fundamentalistas entendem, que tudo, tudo, tudo que é moderno é errado; tudo que é antigo é bom. Raciocina, então, equacione de uma maneira simplista. Então, você não tem que fazer teologia, você tem que repetir essa teologia que foi feita. Pra quê fazer teologia hoje? Percebe? É nesse sentido que eu entendo a formulação da pergunta. Só que, se você for olhar os pressupostos filosóficos, aí vai cair naquilo que eu acabei de dizer, que a coisa é um pouco mais complexa do que os fundamentalistas pensam. Se me permite, eu usei a expressão, agora, pensadores fundamentalistas. Alguns críticos do fundamentalistas vão dizer que isso é impossível, ou seja, se é pensador não é fundamentalista, se é fundamentalista não é pensador. Alguns críticos vão dizer isso. Alguns críticos vão dizer que pensador fundamentalista é uma contradição de termos. Seria a mesma coisa dizer corrupto honesto, um termo exclui o outro. Críticos diriam assim: é possível ser um pensador fundamentalista. Bom, enfim, é o que eu poderia dizer para responder essa questão.

P10: Para finalizar, peço que o professor fale um pouco sobre a posição da Igreja com relação à realidade brasileira. Se a Igreja desenvolve ações para resolver alguns dos muitos problemas sofridos pelos brasileiros... Como é o processo de evangelização, como isso acontece na Igreja.

R10: Quanto à evangelização, essa foi e vai continuar a ser uma das ou a maior preocupação da Igreja, crescimento numérico. Uma coisa é curiosa, porque isso em si não é uma preocupação fundamentalista. O fundamentalista assumido não tem preocupação com crescimento numérico, porque ele não está muito preocupado em propagar a verdade, ele está preocupado em defender a verdade. Por isso, ele não se preocupa se a Igreja é pequena, se ela não cresce, não tá nenhum pouco preocupado. O que importa é que a Igreja seja depositária da verdade, o tesouro da verdade. Se a Igreja não cresce, não tem problema. Agora, a IPB tem essa preocupação com o crescimento e, nesse sentido, ela se afasta desse pressuposto fundamentalista. A preocupação com a evangelização individual (agora eu vou usar a

expressão popularíssima em todos os evangélicos e mesmo o católico também usa, mas todos os evangélicos, pentecostais se preocupam com “a salvação da alma”), não é uma preocupação só da IPB. De um tempo pra cá, a Igreja tem sofrido um crescimento numérico, é bem verdade que esse crescimento não é uniforme, ou seja, algumas regiões do Brasil crescem mais que outras, mas eu não vou entrar nessa questão agora não. No que diz respeito às questões sociais, de natureza econômica, questões de natureza política, a tendência da IPB é não se manifestar, não se manifestar. A preocupação é com uma micro-ética e não uma macro-ética, ou seja, a preocupação é com o indivíduo. Vou pregar para salvar a alma dessa pessoa e essa pessoa vai mudar a sua conduta de vida. Então, vai parar de fumar, vai parar de beber, vai mudar a vida e vai para o céu quando ele morrer. Então, a grande preocupação é essa. Questões próprias de natureza social, a Igreja não se envolve a não ser que se veja prejudicada de alguma maneira. Vou te dar um exemplo concreto, 1994 a Igreja ia publicar um documento, manifesto sobre a Reforma Agrária. Eu não sei, é algo que tem que ser investigado. Acho que nunca foi publicado o manifesto da Igreja contra a Reforma Agrária. Decidiu-se que ia ser formulado esse documento, mas se ele foi efetivamente escrito ou não, eu acho que não foi. Eu não sei se a Igreja chegou a publicar isso. Imaginemos que não tenha publicado isso, isso é sintomático. Agora, a Igreja se manifesta nas questões de micro-ética, ou seja, a ética do indivíduo e tem uma preocupação muito grande com a questão sexual. Isso tem um peso enorme, enorme. Então, por exemplo, a Igreja se posiciona contra o aborto, posição oficial contra o aborto. Veja bem, eu, como cidadão, partilho dessa opinião contrária ao aborto. Agora, o que eu penso é que, se a Igreja se manifesta contra essa questão, deveria se manifestar contra outras questões e outras questões que não têm sido manifestadas. Percebe? Se for questão de ordem política, social, econômica, a tendência é não se manifestar mesmo. Mas, veja o aborto. O aborto é uma questão que, ao mesmo tempo, tem a ver com micro-ética e passa por questão de ética sexual. Agora, aí a Igreja se manifesta. Por exemplo, se houver projeto de lei com referência a essa questão de homossexualidade, homossexualismo, essa coisa toda, a Igreja se manifestou contrária, que é uma questão que passa pela questão sexual. Ela vê esse tipo de questão mais importante que as outras. Tudo que está relacionado com ética sexual é mais importante que os outros problemas, é o que eu tô tentando dizer. Agora, um problema de ordem social, político, econômica que aflige toda a sociedade, a tendência é não envolver, não manifestar; quase como se não existisse. Agora, essa não serve de consolo, mas a maioria das denominações, isso não é um patrimônio da IPB. Você vai olhar a posição das demais Igrejas é a mesma coisa, se é uma questão de ética sexual é importantíssimo ser colocado como o mais importante do mundo. Isso não deveria ser

assim, pois o presbiterianismo histórico, a doutrina reformada não é de isolacionismo em relação às questões sócio-políticas, muito pelo contrário. No pensamento de João Calvino, que é a grande referência do presbiterianismo, a gente encontra semente em questões de natureza econômica e de natureza política e de natureza social também. O presbiterianismo brasileiro tem a tendência de se reportar a João Calvino para tratar da teologia, ou seja, a salvação do indivíduo, da alma. Salvou a alma, tudo bem, o planeta pode apodrecer. A grande preocupação é essa, mas não é isso que a gente aprende com Calvino. Calvino não ensinou isso, ele ensinou o relacionamento da Igreja como um todo, porque o reino de Deus tem a ver com toda a vida. Nesse sentido, a Igreja se afasta do seu pensamento teórico, o pensamento original do próprio João Calvino.

Anexo 3: Respostas obtidas por e-mail pelo reverendo Augustus Nicodemus

P1: Pode se dizer que a Igreja Presbiteriana é conservadora ou fundamentalista?

R1: Conservadora

P2: Qual seria a diferença entre essas duas vertentes?

R2: Fundamentalistas e conservadores crêem que a Bíblia é a infalível e inerrante Palavra de Deus e aderem estritamente às confissões reformadas. Os fundamentalistas, todavia, não acreditam em diálogo com outras correntes e nem vêem muito proveito em aprender com as ciências.

P3: Alguns pensadores protestantes afirmam que o Fundamentalismo foi uma forma legítima criada pelos cristãos para reagirem contra a modernidade e suas mazelas. O Rev. concorda com essa idéia?

R3: Em parte. O fundamentalismo protestante surgiu no início do séc. XX em reação ao liberalismo teológico que entrou e dominou as Igrejas históricas nos Estados Unidos. Era basicamente um movimento teológico de reação contra o liberalismo.

P4: Como a Igreja tem reagido às questões próprias da modernidade e pós-modernidade? Aborto, Eutanásia, células-tronco?

R4: Depende da denominação. A Igreja Presbiteriana do Brasil, que é conservadora, já se pronunciou contra o aborto e sobre a pesquisa em células-tronco. Não há um pronunciamento oficial sobre a eutanásia.

Anexo 4- Respostas obtidas por e-mail pelo reverendo Alderi de Souza Matos

P1: Qual é a sua ligação com a Igreja Presbiteriana do Brasil?

R1: Sou um pastor dessa Igreja, à qual minha família pertence há várias gerações. Há 11 anos exerço a função de historiador oficial da IPB.

P2: Como o prof. analisa o processo de implantação do presbiterianismo no Brasil?

R2: O presbiterianismo é a primeira denominação protestante brasileira de origem norte-americana. Os grupos anteriores (anglicanos, luteranos e congregacionais) tinham origem européia. Esse grupo veio para o Brasil no contexto dos grandes avivamentos norte-americanos, que despertaram intenso fervor missionário nas Igrejas dos Estados Unidos ao longo de todo o século 19. Além disso, os EUA se tornaram uma potência emergente após a Guerra Civil (1861-1865), com interesses comerciais e políticos na América Latina. Quanto ao Brasil, o caráter tolerante da cultura nacional e a influência do liberalismo político facilitaram grandemente a implantação do protestantismo. Duas Igrejas norte-americanas trouxeram o presbiterianismo para o Brasil – a Igreja do Norte (PCUSA) e a Igreja do Sul (PCUS). Elas se dividiram em decorrência da Guerra Civil.

P3: Quais os motivos para tantas cisões dentro do presbiterianismo?

R3: As cisões do presbiterianismo, como tem ocorrido com outros grupos protestantes, decorreram tanto de questões administrativas e práticas quanto de problemas doutrinários. A Igreja Presbiteriana Independente resultou de uma controvérsia sobre o papel dos missionários, o lugar da educação e a maçonaria. A Igreja Presbiteriana Conservadora, a Igreja Presbiteriana Renovada e a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil resultaram de controvérsias teológicas.

P4: Qual é o perfil da Igreja Presbiteriana do Brasil?

R4: A IPB é uma Igreja que se entende reformada (calvinista), evangélica e conservadora. Adota oficialmente os padrões de Westminster, ou seja, os documentos doutrinários elaborados pela Assembleia de Westminster, em meados do século 17. Ocupa uma posição média no protestantismo brasileiros, isto é, não é uma das maiores denominações, nem das menores.

P5: Qual é a diferença entre conservadorismo e fundamentalismo?

R5: Geralmente o fundamentalismo está associado com as idéias de intolerância, sectarismo e extremismo. Os conservadores acham importante manter o legado doutrinário da fé cristã histórica, sem adotar um discurso e uma atitude radicais, agressivos e intolerantes.

P6: - Alguns pensadores protestantes afirmam que o fundamentalismo foi uma forma legítima criada pelos cristãos para reagirem contra a modernidade e suas mazelas. O prof. concorda com essa idéia?

R6: Sim. No seu início foi exatamente essa a preocupação dos fundamentalistas – a preservação dos fundamentos da fé cristã, ou seja, das convicções básicas sobre Cristo, as Escrituras e a salvação, que eles entendiam estarem sendo ameaçadas pelo modernismo ou liberalismo teológico. Porém, num segundo momento, alguns desses conservadores começaram a insistir num ponto considerado não essencial pelos demais – o dispensacionalismo, dando origem ao fundamentalismo propriamente dito, aquele liderado por Carl McIntire.